COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

HOMERO

ODISSEIA

TRADUZIDA DO GREGO
PELOS PADRES
E. DIAS PALMEIRA
E M. ALVES CORREIA

VOLUME I

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

ODISSEIA DE HOMERO

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses — Autores estrangeiros

A venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUIS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELISIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUIS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUIS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *12 volumes*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*
DANTE — A Divina Comédia, *3 volumes (II e III no prelo)*
FRANCISCO DE HOLANDA — Diálogos de Roma.
DEMÓSTENES — Oração da Coroa.

A seguir:

Outras obras em preparação.

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados. 20$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

Homero

ODISSEIA

Tradução do grego, prefácio e notas dos

P.es E. Dias Palmeira
e **M. Alves Correia**

•

VOLUME I

3.ª EDIÇÃO

LIVRARIA SÁ DA COSTA—EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 100 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

1 9 5 6
Composto e impresso na
GRÁFICA SANTELMO
Rua S. Bernardo, 34
L I S B O A

ORIGEM E SIGNIFICADO DA ODISSEIA

A Odisseia *dá-nos a ilusão de ter sido composta no rescaldo da guerra de Tróia, cantada na* Ilíada.

Se foi Homero o autor das duas epopeias, no todo ou em parte, não cantou por certo façanhas de heróis seus contemporâneos: os factos memorados ser-lhe-iam uns 350 ou 450 anos anteriores. Heródoto escreveu em suas Histórias *que os tempos de* Homero *lhe ficavam 400 anos atrás. Ora este historiador nasceu em 484 a. C. e morreu em ... 425 (?), 408 (?), 406 (?). — Não vá o leitor amigo entender que o grande escritor grego haja morrido três vezes. É simplesmente um caso de minuciosa precisão de três compêndios de história literária que tenho à mão. — Segundo, pois, as* Histórias *de Heródoto (II, 53), Homero viveu no século IX a. C. Tucídides afirma que o poeta nasceu bastantes anos*

depois da guerra de Tróia, e esta ter-se-ia dado uns 80 anos antes da invasão dos Dórios, acontecimento de 1100. Por este cômputo, o cerco de Tróia fixa-se por alturas de 1180. Na opinião de Teopompe, Homero viveu no século VIII.

Tudo é incerteza acerca do autor da Ilíada *e* Odisseia. *O mesmo quanto ao assunto dos dois poemas: não há base para decidir se houve ou não tal cerco de Tróia, se a* Ilíada *é um poema de fundo histórico ou mera fantasia guerreira; e o que se afirmar da* Ilíada *tem de dizer-se também da* Odisseia, *porque esta, na essência, deriva daquela, aí tem seu fundamento, de lá tira a sua* verdade.

Do que não pode haver dúvida é de que as duas epopeias são os monumentos literários da língua grega, os primeiros modelos de literatura universal que, por terem sido inspirados num penetrante, profundíssimo e amplo sentido de humanidade e em uma noção de beleza e harmonia extremamente apurada e delicadíssima, ficaram assegurados de vida perene. Quanto à existência material das duas epopeias, tão-pouco se poderá dizer que tenha sido danificada ou alterada na vicissitude dos tempos. Há cerca de 200 ma-

nuscritos, compreendendo ou a Ilíada *e a* Odisseia, *ou só um dos poemas. Na maior parte são acompanhados de escólios, muito desiguais em merecimento, curiosos por vezes, quase sempre pueris ou ridículos. O conjunto destes manuscritos apresenta um texto uniforme, reconhecido desde remota antiguidade, chamado* vulgata, *sobre que os eruditos alexandrinos exerceram as suas faculdades de crítica, mais ou menos perspicazes. As observações feitas nesta matéria em 180 a. C. aproximadamente por Aristarco de Samotrácia foram mantidas em parte pelos escoliastas posteriores. Os manuscritos da* Ilíada *e da* Odisseia *não são muito antigos, mas geralmente são correctos. Há numerosos fragmentos da* Ilíada *em papiros que remontam ao 1.º século a. C.; um manuscrito incompleto com imagens, do século VI da nossa era* (Ambrosianus); *e um palimpsesto do VI ou VII século, conservado no Museu Britânico: ora estas velhas cópias não divergem em ponto algum de importância dos manuscritos mais recentes que nos dão o texto completo dos poemas de Homero. O melhor manuscrito da* Ilíada *é o* Venetus A, *cópia magnífica, do século X; o texto foi rigorosamente castigado pela crítica de Aris-*

tarco. Há ainda dois Laurentiani *do século XI e um* Townleianus *(no Museu Britânico), do século XIII. Os manuscritos da* Odisseia *são um tanto mais recentes que os da* Ilíada. *Os que passam por melhores são: um* Venetus *do século XII, um* Townleianus *do século XIII, um* Ambrosianus *do século XIV. Os restantes pertencem geralmente aos séculos XIV e XV. (Vid. Dr. Gow et S. Reinach,* Minerve, *p. 36-37).*

Os principais heróis da Odisseia *são os mesmos da* Ilíada, *agora desmobilizados. Certamente o poeta não tinha à vista, ao começar a* Odisseia, *os escombros fumegantes de Tróia, nem é seguro que não sejam pura invenção as personagens e acontecimentos de ambas as epopeias; mas é manifesto que na transição do primeiro para o segundo poema a veemência do estro que subira ao mais alto ponto da tensão heróica ao narrar, descrever e cantar a gesta incomparável, vai afroixando, a imaginação candente do Aoido se vai remitindo do furor belicoso e os heróis vão-se humanizando, isto é, passada a crise guerreira, reentram nos sentimentos normais da vida pacífica. Tal é o significado da* Odisseia.

Durava, havia já de nove para dez anos o assédio de Ílion. As coisas não corriam muito ao agrado dos sitiantes. Os Troianos, apertados, comprimidos, ganharam o impulso violento que dá o exaspero ou o desespero, e irromperam, pugnacíssimos, contra os Gregos. O morticínio foi pavoroso. Os Gregos aguentaram-se algum tempo, depois recuaram, por fim debandaram a salve-se quem puder. A salvação estava nos navios; mas na armada já lavrava o incêndio. A nau de Protesilau iluminava o cenário da catástrofe de um clarão sinistro: toda ela estava em chamas. Para cúmulo, os Gregos não tinham um chefe, ou, se o tinham, estava de reserva, retraído, irado e não facundo. *Agamémnon, «o mais poderoso dos reis, pastor de povos», pai de diversos príncipes e principelhos, não contava em sua prole ninguém mais valente que o Pelida nem que ao menos lhe chegasse aos calcanhares, não obstante um dos calcanhares de herói ter de ficar malsinado no provérbio que havia de correr por séculos sem fim. Ao tempo Agamémnon e Aquiles detestavam-se. O «pastor de povos» fizera ao herói a desfeita de lhe roubar uma de suas escravas. Este, irritadíssimo, abandonou os Gregos e retirou-se para os seus navios.*

No campo adverso sucedia precisamente o contrário: os Troianos em seu arranque eram chefiados pelo mais intrépido e heróico de seus guerreiros, o preclaro Heitor.

Os Gregos, acicatados pelo terror, enviaram emissários a Aquiles para lhe suplicar que retomasse as armas, que lhes valesse. O Peleu permanece indiferente, altivo, inabalável em seu feroz ressentimento. Muito instado, abrandou um pouco, cedeu um quase nada, consentindo apenas, e quando muito, e com grão desdém, que levem à guerra a sua sombra, o seu gesto, a sua pele de leão: que vá o seu favorito Pátroclo revestido de suas armas fazer medo aos Troianos. Pátroclo marchou, de facto; e os guerreiros de Tróia, não todos mas no grosso do exército, deixaram-se cair no logro, fugindo vergonhosamente ante o suposto Aquiles e adiante do realíssimo Pátroclo. O destemido Heitor, esse não abandonou o campo, mas ficou ali pronto a batalhar com todos os Aquiles verdadeiros ou fingidos; e num recontro que durou instantes pôs Pátroclo fora de combate.

Aquiles mirava de longe, de cenho carregado. A cena não lhe agradou e o semblante torvo não prognosticava coisa boa. A ira ge-

rou-lhe a resolução fulminante de tirar vingança terrível da morte do favorito.

Com a velocidade com que negra nuvem forja raios e relâmpagos, Hefaistos, o deus ferreiro, ali logo, como era preciso, faz tilintar vertiginosamente bigorna e martelos — num abrir e fechar de olhos fabrica novas armas para o herói da sua parcialidade e preferência.

Aquiles revestiu-se das defensivas, *tomou as* ofensivas *e precipitou-se ao encontro de Heitor. Como era belo e terrível o alentado guerreiro!*

«*Ostentava diante de si para se defender o escudo magnífico e bem forjado;*

«*E balouçava com galhardia feroz o capacete brilhante de quatro cones, donde as belas crinas em tufo, ao alto, postas por Hefaistos, lhe ondeavam em redor da fronte;*

«*Como Hesperos, a mais bela das estrelas do céu, refulge entre os astros da noite, assim brilhava a aguda ponta da lança que Aquiles brandia com a mão direita, pregostando a morte do divino Heitor e procurando com os olhos ávidos no seu belo corpo o lugar onde ela penetraria mais fundo.*

«*As belas armas de que o Priamida havia despojado o cadáver de Pátroclo, para*

com elas se revestir, cobriam-lhe inteiramente o corpo, excepto na junção do ombro ao pescoço, sítio este por onde a fuga da alma é mais pronta: foi por ali que o divino Aquiles ensopou a pesada lança de bronze, sem atravessar o pescoço, deixando intactos os órgãos da palavra».

Heitor mordeu o pó e o divino Aquiles blasonou:

«Julgavas talvez que, depois de haveres matado Pátroclo, mais nada tinhas a recear. Não pensaste em mim que estava ausente! Havia de prevenção nas cavas naus um vingador mais forte do que ele: era eu, que te vim quebrar as pernas. Ah! os cães e as aves vão entrar a contas contigo; e entretanto os Acaios prestarão a Pátroclo as honras da sepultura». (Ilíada, XXII).

A Ilíada *é o centro da poesia homérica. A* Odisseia *deriva da* Ilíada; *em parte como seu epílogo.*

Seja devida a um ou a diversos a autoria dos dois poemas, ambos eles são percorridos pelo mesmo e único surto de inspiração. No primeiro, a emoção ou comoção épica é impetuosíssima, ardente, altiva, feroz por vezes, nobre quase sempre, não excluindo da ânsia invencível de glória e do triunfo os

compromissos de honra e os sentimentos de humanidade. Na Odisseia *o entusiasmo bélico da* Ilíada *abranda até a lenidade do idílio. Os principais heróis da* Odisseia *figuraram no ardentíssimo cântico de guerra; mas os ânimos estão ou curados ou pelo menos em via de cura da antiga fúria guerreira. Todos eles caem na suave, salutar, melancólica reflexão:* Post tot tantosque labores...

Ninguém aspira a mais aventuras, todos sentem a imperiosa necessidade de voltar para casa. Odisseus (Ulisses), o espírito mais arguto, em que o trilho da experiência e trabalhos incontáveis geraram a sabedoria, torna-se o modelo da reconsideração. Numa pequenina ilha da Grécia esperava-o, havia quantos anos! a amorável esposa abandonada, a admirável, a prudente, a atilada, a recatada, a incomparável mulher, de nome Penalopaia, Penalopeia, Penalopeié ou Penélope. A ânsia de paz era tal que o herói da sabedoria — o prudente, o engenhoso, o subtil, o arteiro, o mestre em expedientes, o sensato Odisseus havia de romper por todos os obstáculos deste mundo e do outro para regressar a seu lar querido.

E no fim chegou. A juventude de Telémaco rebrilha de alegria; a antiga ama Eu-

ricleia dá a taramela, derretendo-se em ternuras e dizendo infindas gracinhas; o cão da casa, já pelado de velhice, faz festas ao dono, agitando a cauda. Penalopaia reconhece o esposo e cai-lhe nos braços.

O desejo da paz, da vida tranquila, das felicidades domésticas, em Gregos e Troianos, devia ser proporcional aos extremos da braveza a que tinham chegado. A que tinham chegado... e porquê? Ora, por nada. A vaidade das mulheres, a loucura dos homens! A princípio, enredos, insídias amorosas, contumélias de príncipes; depois, pôs-se em questão a honra, o pundonor dos povos inteiros; e daqui, a guerra generalizada, guerra de assédio prolongada por toda uma década e, ao cabo, o prélio ingente, ferocíssimo, a Aquileida!

Tal excesso de loucura cavou um abismo de reflexão. Houvesse o que houvesse, os heróis estavam loucos... por voltar aos braços de suas Penalopaias.

O poeta da Odisseia *escolheu, para dar relevo dramático a este geral sentimento de acalmia, como figura de expressão, o prudente, o sábio, o subtil, o fino Odisseus; e nisto andou muito bem. Mais adiante, porém, desde a IV à XII rapsódia, dir-se-á*

ter perdido de vista o seu herói, e intercalou um acervo de patranhas mal engendradas, pior enfiadas e nada a propósito, o que grandemente desarmoniza a estrutura e perturba a boa sequência da epopeia.

Na ideia aceitável de que a grandeza do amor se pode medir pela grandeza dos obstáculos vencidos, entendeu o velho Aoido que, para significar quão intenso era o amor do nostálgico herói por sua terra, sua mulher, filho, pai, servos e servas, amigos e conhecidos, casa, herdades, etc., não havia melhor do que amontoar dificuldades e fazer soltar sobre elas... o amor da pátria!

Homero, se assim se chamava o cantor, entrepôs ao peito de Odisseus e aos braços de Penalopaia — e isto no louvável intuito de lhes preparar o encontro! — tudo quanto sabia ou pode imaginar: a sedução das Sereias, a cenreira de Posseidáon, a bruteza de Polifemo (vá lá, até aqui não excede os termos das liberdades poéticas); mas todas as terras, ilhas, mares e braços de mar, o Hades mesmo...

Isto é falsear a psicologia do herói, tecendo-lhe uma biografia maravilhosa, mas absurda.

O desarranjo na estrutura do poema ou

o mal-amanhado da ligação dos episódios causa a impressão de que o poeta-moralista escolheu mal a personagem, através da qual nos quis fazer a sua homilia de moral doméstica.

De facto o herói da Odisseia *representa mal o modelo de casados, saiu fraco exemplar do* pater-familias; *tem-se a suspeita de que está ali antes o hipócrita do amor à pátria e das ternuras familiares.*

Em suas grandes viagens o ínclito Odisseus teve a honra de muitas vezes ser recebido com estima ou grandeza em grutas de ninfas, palácios de reis, estâncias de deuses; e por toda a parte dizia e redizia, gemia e chorava (particularmente quando no auditório havia senhoras, tratadas então de rainhas, ninfas, deusas, conforme a pragmática mitológica) a nostalgia do seu lar, as saudades da sua incomparável Penalopaia.

Pois bem. Em tais andanças duas circunstâncias houve em que pareceu que o homem não tinha outro remédio senão recolher a casa. A primeira foi quando acabou a guerra de Tróia. A segunda quando vinha de Eólia com os ventos metidos num saco. Em ambas as ocasiões lá houve pretextos

para fugir para longe, o mais longe que podia ser.

Ao voltar da guerra passou pela Grécia, quase rente à sua ilha, e foi parar à terra dos Lotófagos, que ficava, segundo dizem, na Líbia.

Da segunda vez, o navio já estava, de torna viagem, com a pátria à vista: desenhava-se bem nítida a fronteira do seu «palácio de alto tecto» e um penacho de fumo, subindo do seu lar, ondeava sobre o solar dos Laertes, como bandeira fazendo sinais... Boas-vindas! Boas-vindas! Ao rever, depois de tantos anos, a terra da pátria, o nostálgico mareante, o mavioso Odisseus e terno marido de Penalopaia... ferrou-se a dormir! Adormeceu precisamente no momento em que devia estar mais esperto e alvoraçado, se quem mexeu os cordelinhos da efabulação não lhe metera no peito um coração postiço. — A escusa para tão manifesta aberração é simples tramóia de bastidores. A marinhagem, aproveitando-se do sono do comandante, julgando que o odre trazia oiro, rasgou-o para o roubar. Os ventos, escapando do fole, armam logo uma tempestade que faz desandar o barco. Pouco depois Odisseus, passeava de braço dado com uma deusa numa ilha

chamada Ogígia e que era, sem tirar nem pôr, a Atlântida, conforme averiguou nestes últimos anos o nosso contemporâneo, grande homerista francês, sr. Vítor Bérard.

Jogando com os dados da estatística naval apresentada na II rapsódia da Ilíada, *pode averiguar-se que era de 1216 o número de navios gregos surtos nas águas de Tróia, enquanto durou o cerco. A frota de Odisseus compunha-se de 12 naus muito galantes, pintadas de vermelho: é também a* Ilíada *que salienta esta particularidade, como se fora um distintivo dos barcos do almirante de Ítaca.*

A índole dos guerreiros de Odisseus é insinuada na Ilíada *ao marcar a feição das terras e populações donde foi recrutada a chusma: «os Cefálios e Ítacos briosos, os da áspera Egilipe e de Crocílio, Zacinto, Samos, Nérito sombria e os do Épiro e fronteira continuante». Na* Odisseia *há também boas referências às mesmas terras e povos. É o próprio chefe itacense que diz: Eu sou de Ítaca, onde se eleva o monte Nérito, com suas árvores torcidas dos ventos. Em redor, convizinham as ilhas de Dulíquio, Samos e Zacintos coberta de florestas. Ítaca é a mais afastada da terra firme e surge no mar do*

lado da noite; as outras ficam para a banda da aurora e do sol. Ítaca é agreste mas criadora de moços vigorosos e para mim não há terra que tanto me enfeitice os olhos».

O facto de estarem os navios limpos e bem pintados já impressiona bem e por esta indicação fàcilmente se entende que as tripulações não eram gente que deixasse o caruncho verrumar-lhes no pau dos barcos nem que nos mastros apodrecessem velas e cordagens; mas o que de momento ninguém podia alcançar era que aquela pequena esquadra estivesse destinada a tão altos feitos, como depois se viu... isto é, viu quem por gosto ou à força de paciência leu a Odisseia.

Terminada a guerra, a esquadra de Odisseus tomou o rumo de Ítaca. Como os navios, além da respectiva tripulação, só traziam carga de muita glória e saudades da pátria, pairaram nas costas da Trácia e os Ítacos foram depredar Cicónia. Saquearam a cidade, mataram homens para lhes levarem as mulheres, apanharam muitas riquezas, distribuíram o espólio, para que ninguém tivesse razão de queixa. Odisseus exortou os companheiros a que fugissem depressa. Mas estes, comendo e bebendo como alarves, a comer e a beber se quedaram, sem cuidar de

mais. Entretanto os Cíconos foram chamar outra nação de Cíconos seus vizinhos: juntos deram nos piratas que fugiram para os barcos e, se alguma coisa lá meteram, foi como gatunos e não como triunfadores. — Ao primeiro passo da aventura destes argonautas, ocorre perguntar: como foram eles tão limpos de mãos em Tróia que se contentaram com a glória sem proveito e, apenas voltaram proa, tão vilmente as sujaram? É por esta e por outras que lá nessa remota antiguidade, paralela à lenda do triunfo dos Gregos, correu, e certamente com iguais direitos, a versão de um triunfo dos de Tróia.

Recolhidos às naus seguem a derrota em mar alto, mas não tarda uma borrasca que os obriga a acostarem, à força de remos. Foi um temporal de dois dias e, passado mais um, já a frota sarpava bem ordenada na alta via e em breve teria chegado a salvamento, se a força da corrente e danada ventaneira, ao ultrapassar o cabo Maleu, a não fizesse perder a direcção de Citera e impelisse para rumos desconhecidos. Durante nove dias correram à ordem dos ventos e à mercê das correntes; no décimo, vararam no país dos Lotófagos. Depois visitaram a ilha dos Ciclopes. Dali foram a Eólia, não a Eólia da Gré-

cia, mas à terra onde havia um Eolo que tinha artes de assolapar os ventos dentro de um fole feito de pele de boi. Desta Eólia, com dez dias de viagem, chegavam à vista de Itaca, onde não entraram precisamente porque levando consigo como amostra de terras por onde andaram um odre de ventos, os deixaram escapar; estes, claro, formaram logo uma tempestade que levou os mareantes outra vez a Eólia. Mal recebidos desta vez pelo senhor da terra, tiveram de fazer-se ao largo; navegaram seis dias e seis noites e ao sétimo chegaram à terra dos Lestrigões, gigantes e antropófagos, que lhes comeram alguma gente.

Daqui foram visitar Circe à ilha Eeia, ou Aiaié *segundo o texto, e que não é a Cólquida, chamada antigamente Aia, ou Aie, em jónio, mas sim uma ilha qualquer que era e é tão conhecida como aquela que nós chamamos a ilha de Aeiou. Daqui foram de visita ao Inferno. Do Inferno voltaram à ilha de Circe.*

Passaram depois pelas Sereias, enfiaram o estreito de Cila e Caribdes e chegaram por fim à Trinácia, onde mataram e comeram as vacas de Hélios. Morreram as vacas... e acabaram-se os Gregos, porque, a brados de Hélios,

Zeus lhes destroçou a nau — a única que restava das doze — com um chuveiro de raios em cima. Todos morreram afogados, excepto Odisseus. Este teve artes de atar a quilha e o mastro soltos que andavam a atravessar-se nas ondas, e pôs-se em cima. Os dois paus paralelos e bem ligados, apenas sentiram sobre si o herói, lançaram-se ao comprido e deitaram a correr vertiginosamente; iam já a escapar de entre Cila e Caribdes, quando esta, refrescando a goela com uns sorvos de mar, engoliu os argueiros ; *o cavaleiro, advertindo a tempo no perigo, pulou para o ramo de uma figueira e ficou à espera de que o monstro vomitasse os seus madeiros; quando vieram fora, continuou sua navegação durante nove dias e na décima noite estava na ilha de Ogígia, que não era a ilha de Cós, também cônhecida antigamente por este nome, mas outra ilha, criada para habitação de Calipso de belas tranças e para receber o sábio herói da Grécia, que por lá se ficou sete anos fazendo companhia à terrível deusa, a ardilosa Calipso, filha de Atlante. Decorrido este período, pôs-se numa jangada que foi dar à costa, no país dos Feácios. A gente feácia acolhe o náufrago com muita humanidade.*

Banqueteia-o, festeja-o e finalmente manda um navio levar à Grécia o herói errante.

Aqui terminam, felizmente, as navegações do Grego. *Desde a rapsódia XIII a* Odisseia *reentra no assunto próprio.*

Há na Odisseia *dois géneros de poesia de índole muito diversa.*

Constituem o primeiro fábulas e mitos, mais ou menos complicados ou equivocados de História e Geografia, a que se tem chamado os «Errores de Ulisses».

Os «Errores» têm sido um verdadeiro quebra-cabeças dos homeristas de tendências para geógrafos ou com pretensões a historiadores. Nestes últimos anos dispendeu-se muito trabalho, grandes talentos, imenso saber sobre os «Errores» e criou-se, por assim dizer, uma especialidade de estudos náuticos — a Geografia da Odisseia. *Parece-me que a excessiva devoção homerista baldou muito engenho e trabalho imenso, porque fez esquecer de que o autor dos «Errores» não foi um geógrafo ou historiador de descobrimentos marítimos, mas sim um mitógrafo. Ora, as divinas quimeras nunca se entenderam bem nem podem entender com o saber positivo. Os mitos, em relação à His-*

tória e à Geografia, são coisa mui sui generis. *Não quero dizer que sejam coisas sem pés nem cabeça, mas é indubitável que podem ter cabeça e não ter pés, e aparecerem pés, sem que haja em cima cabeça alguma. Por exemplo, a superfície da Terra é uma espécie de tabuleiro aos ombros de Atlas; no tabuleiro repousam montanhas, correm rios, crescem árvores, vivem animais e gira a bonecagem do género humano; tudo isto pesa sobre umas espáduas; a pressão vai correndo de vértebra a vértebra num dorso; mas, onde se apoiam o traseiro e calcanhares do gigante acocorado? Não é obrigação do mito responder. As fábulas são incapazes de tais responsabilidades. É sabido que na ronda dos mitos anda, sem nada dentro, a Bota-de-Sete-Léguas; quem quiser pode ir vê-la perpassar na Segunda Parte do* Fausto. *É o mito da Geografia, particularmente da Geogonia. Foi ela que, calcando e recalcando a nebulosa primitiva, formou os continentes e as ilhas dos mitólogos.*

Evidentemente as ilhas de Calipso, de Ciclope, de Circe, Cila e Caribdes, etc., são em relação à Geografia o que são em relação à História Calipso, Polifemo, Circe, etc. Numa palavra: entendo que as patranhas de Homero

podem ser lidas e apreciadas com a mesma liberdade de espírito e sem-cerimónia com que foram inventadas.

Ao outro género de poesia da Odisseia *poder-se-á chamar os «Amores de Ulisses» e é formado por uma série de quadros de vida íntima, repassados dos sentimentos de humanidade e ternura, naturais, vivos, perfeitamente observados e descritos, com a notação penetrantíssima dos mais delicados aspectos; é formado pela imensa riqueza de inteligência e abundância de coração que transparecem dos diálogos de Odisseus e Penalopaia, de Odisseus e Telémaco, de Odisseus e Laertes, de Penalopaia e Telémaco. A* Odisseia, *por este género de poesia, está enlaçada para sempre à Ética. É um dos maiores livros da Humanidade. Neste género, é poema único.*

M. ALVES CORREIA

ODISSEIA DE HOMERO

RAPSÓDIA I

Assembleia dos Deuses. — Exortação de Atena a Telémaco

Ó Musa, fala-me do solerte varão, que, depois de ter destruída a cidade sagrada de Tróia, andou errante por muitas terras, viu as cidades de numerosas gentes e conheceu-lhes os costumes; e, por sobre o mar, sofreu em seu coração aflições sem conta, no intento de salvar a sua vida e de conseguir o regresso dos companheiros. Mas, não obstante o seu desejo, não os salvou, pois pereceram por desatino próprio os insensatos, que devoraram as vacas de Hélios Tipérion; pelo que este não os deixou ver o dia do regresso. Deusa, filha de Zeus, conta-nos a nós também estes factos, começando por qualquer deles.

Já estavam todos na pátria os que, na guerra e no mar, tinham escapado a uma cruel morte; Ulisses era o único que suspirava pelo regresso e pela esposa, detido numa côncava gruta pela veneranda ninfa Calipso, a deusa preclara, que o desejava para marido. E, quando, no curso dos tempos, chegou a época decretada pelos deuses para ele voltar a Ítaca, sua pátria, nem sequer então, estando entre

os que lhe eram caros, foi livre de trabalhos. Todos os deuses se compadeciam dele, excepto Posséidon, que permaneceu encolerizado contra Ulisses, semelhante a um deus, enquanto não chegou à terra.

Mas o deus tinha ido à afastada região dos Etíopes, povo que vive nos confins da Terra e se divide em dois ramos: um ao poente do Hipérion e outro ao levante, — a fim de receber uma hecatombe de toiros e de cordeiros. E, enquanto se deliciava, assentado à mesa do festim, os outros deuses reuniam-se no palácio de Zeus Olímpico. O primeiro a falar foi o pai dos homens e dos deuses, porquanto tinha presente, em seu espírito, o irrepreensível Egisto, ao qual matara o famoso Orestes, filho de Agamémnon; lembrado dele, disse aos imortais:

— Oh! que exprobação não fazem os homens aos deuses! Dizem que de nós procedem os males, quando só eles, por loucura própria e contra a vontade do destino, são os seus autores, como sucedeu a Egisto que, contrariando o fado, desposou a legítima mulher do filho de Atreu, a quem matou no regresso apesar de saber que o esperava uma cruel morte. E nós tínhamo-lo aconselhado antes, por meio de Hermes, o vigilante Argeifontes, que o

---

1. *os que lhe eram caros*. Pode entender-se dos que acompanharam Ulisses no infortúnio, no seu regresso a Ítaca, ou dos amigos que tinha deixado na pátria, entre os quais devia suportar a luta contra os pretendentes.

25. *Argeifontes*. Significa, segundo antigos gramáticos, — *o que aparece como o relâmpago*. A interpretação — *Argicida, o matador da Argos* — nasceu provàvelmente duma etimologia falsa e deu origem, em tempos posteriores a Homero, à lenda dos amores de Io e de Argos.

não matasse, nem lhe cobiçasse a esposa, pois Orestes vingaria o filho de Atreu, logo que chegasse à idade núbil e sentisse saudades da sua terra. Assim lho declarara Hermes; sem embargo, os seus bons conselhos não persuadiram o espírito de Egisto, que expiou todos os crimes duma só vez.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe:

— Pai nosso, filho de Cronos, dominador supremo! Ele sucumbiu a uma morte muito justa e assim morra quem praticar obras semelhantes. Mas o prudente Ulisses confrange-me o coração, o infeliz, que pena há tanto tempo, longe dos amigos, numa ilha circundada pelo mar, que emerge do meio do oceano. A ilha é nemorosa e nela tem sua habitação uma deusa, a filha do pernicioso Atlas, o qual conhece todas as profundidades marinhas e sustenta as altas colunas que separam a terra do céu. Ela retém-no aí, apesar de seus queixumes, e não cessa de seduzi-lo com palavras doces e lisonjeiras, a fim de que se esqueça de Ítaca; Ulisses, porém, desejoso de ver ainda que não fosse mais que o fumo que sobe da sua terra, suspira pela morte. E isto, Olímpico, não te comove o coração! Não te foi Ulisses grato, quando, junto das naus dos Argivos, na vasta Tróia, te ofereceu sacrifícios? Porque estás, pois, ó Zeus, tão irritado contra ele?

Zeus, o amontoador das nuvens, em resposta disse-lhe:

— Minha filha, que palavra te escapou do cerco dos dentes! Como poderia esquecer-me do divino Ulisses, em inteligência o primeiro dos homens, que

ofereceu mais sacrifícios que ninguém aos deuses imortais, moradores do vasto céu? Mas Posséidon, que circunda a terra, tem-lhe ódio, por ter cegado o único olho do Ciclope, de Polifemo, semelhante a um deus, que é de todos os Ciclopes o mais valente e nascera da ninfa Toosa, filha de Fórcis, dominador do mar estéril, a qual se ajuntara com Posséidon numa gruta côncava. Desde então o sacudidor da terra, se bem que não matou Ulisses, fá-lo errar longe da pátria. Mas nós, todos os presentes, ponderemos o modo como se realizará o regresso dele; e Posséidon deporá a sua cólera, pois ser-lhe-ia impossível, não o querendo os deuses, contender só com todos os imortais juntos.

Respondeu-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

— Pai nosso, filho de Cronos, dominador supremo! Se é do agrado dos bem-aventurados deuses que o prudente Ulisses volte a seu lar, enviemos à ilha de Ogígia a Hermes, o mensageiro Argeifontes, a fim de anunciar sem demora à ninfa de belas tranças o irrevogável decreto, acerca do regresso do paciente Ulisses. Entretanto, eu irei a Ítaca incitar mais a seu filho e incutir-lhe no coração ânimo, para que convoque a assembleia dos Aqueus de longa cabeleira e proíba a todos os pretendentes a entrada no palácio, os quais não cessam de abater-lhe ovelhas em grande número e bois de andar pesado e rodantes pés. E enviá-lo-ei depois a Esparta e à arenosa Pilos, em busca de notícias a res-

---

28, *rodantes pés*. Não parece exacta a tradução — *de curvos pés e retorcidos chifres*, porque o mesmo vocábulo é aplicado noutro passo às vacas de Hélios, das quais se diz que tinham os *chifres direitos*.

peito da volta de seu pai, e para que entre os homens adquira nomeada honrosa.

Tendo assim falado, ligou aos pés belas e divinas sandálias de oiro que, com a rapidez do vento, a levavam por sobre as águas e a terra imensa; e tomou a forte lança de aguda e énea ponta, pesada, grande e potente, com a qual ela, a filha do poderoso pai, subjuga as fileiras dos heróis, quando se encoleriza contra eles. Desceu depois, célere, os cumes do Olimpo e, na figura dum estrangeiro, de Mentes, rei dos Táfios, parou em terras de Ítaca, ao portal de Ulisses, sobre a soleira do pátio, com a lança de bronze na mão. Encontrou os altivos pretendentes assentados diante da porta, em peles de bois, que eles próprios tinham matado, divertindo o espírito com pedrinhas de jogar. Vários arautos e servos diligentes iam-lhes misturando nas crateras vinho e água, enquanto outros lavavam com esponjas de muitos olhos as mesas, as dispunham à sua frente e trinchavam carnes abundantes.

O deiforme Telémaco foi o primeiro que a viu. Ele estava assentado no meio dos pretendentes, com o coração todo amargurado, vendo em espírito, se o seu valoroso pai chegasse, como os poria fora de casa, reaveria seus direitos de senhor e governaria em seu palácio. Assentado pois entre os pretendentes, pensava nisto, quando percebeu Atena. Foi logo direito ao portal, de coração indignado, por um estrangeiro esperar tanto tempo à porta; e,

---

12. *portal de Ulisses*. Era assim chamado o recinto limitado por um muro, com o altar de Zeus ao meio, que precedia a sala das reuniões. Naturalmente foi à porta da rua, onde Atena parou.

aproximando-se dela, tomou-a pela mão direita, recebeu a lança de bronze e saudou-a com estas aladas palavras:

— Salve, estrangeiro! Tu serás entre nós amigàvelmente acolhido; e, depois do jantar, dirás que necessidade te trouxe.

Assim falando, guiava Palas Atena, que o ia seguindo. Quando já estavam dentro da alta casa, ele foi pôr a lança num lanceiro bem polido, ao pé duma elevada coluna, onde havia muitas outras lanças pertencentes ao paciente Ulisses; a ela fê-la assentar num magnífico trono, artìsticamente trabalhado, tendo estendido por cima um pano liso e colocado no chão um escabelo para os pés. Para si, dispôs uma cadeira com lavores artísticos, ao lado dela, fora da turba dos pretendentes, com receio de que, entre esses homens soberbos, o estrangeiro fosse incomodado pelo barulho, ou lhe desagradasse a refeição, bem como para ele o poder interrogar, a respeito do pai ausente. Uma criada trazendo, então, água para se lavarem, num jarro de oiro, deitou-lha nas mãos, sobre uma argêntea bacia, e desdobrou uma polida mesa adiante deles. Uma dispenseira venerável serviu-lhes pão, além de muitas outras iguarias das provisões guardadas, de que distribuía com prazer. E um trinchante trouxe pratos de variadas carnes, que lhes ofereceu; e colocou copos de oiro à sua beira, nos quais um arauto ia, repetidas vezes, deitando vinho.

Entraram os pretendentes altivos. Logo que se assentaram por ordem em cadeiras e cadeirões os arautos deitaram-lhes água nas mãos, as escravas cogularam açafates de pão e os escravos encheram crateras de bebida até às bordas. E eles estenderam

as mãos para os manjares colocados à sua frente. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, em sua alma cuidaram os pretendentes de outras diversões: do canto e da dança, que são os enfeites do banquete. O arauto pôs uma magnífica cítara nas mãos de Fémio, que era obrigado a cantar junto dos pretendentes: e o tangedor principiou um inspirado canto. Telémaco disse então para Atena de olhos brilhantes, aproximando a cabeça da sua, para que os outros não ouvissem:

— Meu hóspede, indignar-te-ás tu pelo que te vou dizer? A estes interessam a cítara e o canto — coisa fácil, pois consomem impunemente a fazenda de outrem, dum homem, cujos brancos ossos, talvez, espalhados pela praia, se putrefaçam à chuva, ou rolem no mar, à mercê das ondas. Mas, se o vissem de volta a Ítaca, todos desejariam ter antes pés ligeiros do que abundância de oiro e de vestidos. Ele, porém, sucumbiu a um fatal destino e não temos esperança de que torne, embora haja quem o afirme, entre a gente da terra. Oh! não, o dia do seu regresso não despontará! Mas fala e responde-me sem rebuço: Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Teus pais onde moram? Em que nau vieste e como te trouxeram os marinheiros a Ítaca? E quem eram esses marinheiros? Pois não creio que viessem para aqui a pé. Responde-me também com franqueza, para ficar bem informado, se vens cá pela primeira vez, ou se és hóspede de meu pai; porque nossa casa é conhecida de muitos homens, com os quais ele tinha convívio.

Disse-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

— Vou então responder-te com toda a sinceri-

dade. Eu honro-me de ser Mentes, filho do prudente Anquíalo, e reino sobre os Táfios, que gostam de remos. Com os meus homens naveguei para aqui, sobre o vinhoso mar, a caminho duma gente de falar estranho: vou a Témesa buscar bronze e levo para lá reluzente ferro. A minha nau ancorei-a junto do campo, a distância da cidade, no porto Retro, que é dominado pelo nemoroso Neio. Nós, Ulisses e eu, honramo-nos de ser hóspedes um do outro, por uma antiga herança paterna, como o podes perguntar ao velho herói Laertes, que, dizem, não volta mais à cidade, mas vive, suportando seus trabalhos, no campo, com uma velha escrava, que lhe serve o comer e o beber, quando sente cansadas as pernas de se arrastar pelo terreno fecundo da sua vinha. Eu vim agora, porque me disseram que teu pai já estava em casa; os deuses, porém, impedem-lhe naturalmente o regresso, porquanto não morreu o preclaro Ulisses. Vive, talvez, ainda, no vasto oceano, numa ilha circundada pelo mar, prisioneiro de homens cruéis e selvagens que o detêm contra a vontade. Sem ser adivinho ou conhecedor de presságios, vou contudo anunciar-te o que inspiram os imortais ao meu espírito e que, segundo creio, terá execução. Ele não permanecerá já por muito tempo longe da sua pátria, ainda que o

---

4, *vinhoso mar*. Na adjectivação mar *vinoso* ou *vinhoso* não pode haver alusão a acidente de luz ou cor, como os que determinariam a denominação geográfica de *Mar Vermelho*, mar... de alguma sorte semelhante ao vinho tinto. No passo homérico trata-se, não de um braço de mar, de um mar local, mas de mar indefinido. Ao leitor fica livre o excogitar ou imaginar quantas analogias queira entre mar e vinho. Para o poeta da Odisseia o

prendam com cadeias de ferro; porque é homem engenhoso e descobrirá meio de voltar.

Tu fala e responde com sinceridade: Ulisses já tem um filho tão crescido? Na cabeça e nos olhos belos pareces-te perfeitamente com ele. Nós visitávamo-nos muitas vezes, antes de sua ida para Tróia, para onde foram, nas bojudas naus, os mais valentes dos Argivos. Desde então não tornei a ver Ulisses, nem ele a mim.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Ó hóspede, eu quero responder-te com toda a franqueza: Minha mãe afirma que sou filho dele; mas eu não sei, porque jamais alguém conheceu por si mesmo a sua própria origem. Quem dera que tivesse a felicidade de ser filho dum homem que chegasse à velhice na posse de seus bens! Aquele, porém, que dizem ser meu pai, é, já que tu o queres saber, o mais infeliz de todos os homens.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, tornou-lhe:

— Os deuses não te reservaram uma linhagem obscura no porvir, pois que Penélope deu à luz um filho tal como tu. Mas dize e responde-me sem rebuço: Que festim é este? Porque se reúne esta gente aqui? Tens tu necessidade disto? Será um banquete ou uma boda? Pois não é uma refeição a escote; e os convivas são, ao que me parece, em

---

mar é um elemento activo, não feito de água chilra, mas formado por um licor dinâmico: ferve e referve como o vinho no lagar; e como este empurra a capa do bagaço, aquele roja montões de algas; baba-se em abundantes espumas como o champanhe; depois, é aliciante e capitoso: é pelos estímulos acres da maresia que o marujo se torna um tipo ágil, irrequieto e vivo em comparação do ronceiro plantador de couves...

tão alto grau insolentes, que qualquer homem sensato, que entrasse aqui, indignar-se-ia, vendo os seus excessos.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Meu hóspede, esta casa, pois me interrogas e o inquires de mim, devia ter sido outrora opulenta e irrepreensível, enquanto aquele varão ainda não estava ausente; mas os deuses maquinadores de males determinaram agora outra coisa: fizeram-no o mais ignorado de todos os homens — desgraça que me aflige mais do que se ele perecesse, vencido, entre os seus companheiros, no país dos Troianos, ou nos braços dos amigos, uma vez terminada a guerra. Então os Panaqueus erigir-lhe-iam um túmulo e alcançaria a seu filho grande renome no porvir; agora, porém, as Harpias arrebataram-no sem glória e ele desapareceu sem ninguém notar, deixando-me em herança aflições e queixas. E não é só a ele que lamento e choro; os deuses enredaram-me ainda num caso pouco agradável. Os príncipes que dominam nas ilhas, em Delíquio, Samos e na nemorosa Zacinto, bem como os que imperam na rude Ítaca, todos eles pretendem minha mãe e consomem-me a fazenda. E ela não recusa um casamento detestável, nem é capaz de terminar com este estado de coisas; entretanto, os pretendentes arruínam e devoram os meus bens e em breve acabarão também comigo.

Indignada, Palas Atena retorquiu-lhe:

— Ai! na verdade, é grande a falta que o ausente Ulisses te faz, o qual aos pretendentes sem vergonha saberia castigar com suas mãos! Porquanto, se neste momento assomasse ao portal da casa, de elmo e escudo e com duas lanças, tal como na nossa o vi

pela primeira vez, a beber e a divertir-se, quando regressava de Éfira, do palácio de Ilos, filho de Mérmero (Ulisses tinha ido lá, numa ligeira nau, em busca dum veneno mortal para untar as éneas flechas; Ilos, porém, temendo os deuses sempiternos, não lho quis dar, mas meu pai, que o amava muito, deu-lho); se, tal como então, Ulisses arremetesse contra os pretendentes, teriam todos morte prematura e umas bodas enlutadas. Mas está oculto no seio dos deuses se voltará ou não, para se vingar deles em sua casa. Como quer que seja, exorto-te a pensar no modo de pôr fora os pretendentes. Escuta e atende as minhas palavras!

Convoca amanhã a assembleia dos heróis Aqueus e expõe-lhes a todos a tua situação, tomando os deuses por testemunha. Intima os pretendentes a ir cada um para sua casa; e tua mãe, se seu coração se sente inclinado a casar, que vá de novo para o palácio de seu poderoso pai e a família que disponha o casamento e prepare um grande dote, qual convém que acompanhe uma filha querida. A ti quero dar-te um conselho prudente, que talvez sigas. Tendo equipado a melhor nau com vinte remadores, parte a colher informações de teu pai, há muito ausente. Pode ser que algum mortal te fale dele, ou oiças a fama proveniente de Zeus, que é a que mais glória dá aos homens. Em primeiro lugar vai a Pilos e interroga o ilustre Nestor; dali dirige-te a Esparta, ao palácio do fulvo Menelau, porque dos Aqueus de éneas couraças foi este o último que re-

---

20, *um grande dote*. Pode entender-se também de dádivas feitas pelo pretendente à noiva ou à família dela.

gressou. Se ouvires dizer que teu pai vive e que está de volta, apesar de te afligirem os cuidados, sofre com paciência um ano mais; mas, se te informares da sua morte, então torna para a terra pátria e, tendo-lhe erigido um monumento e prestado todas as honras fúnebres, que a ele convém, dá um esposo a tua mãe. Logo que tiveres terminado e cumprido isto, pensa em teu espírito e em teu coração no modo como hás-de matar os pretendentes em tua casa, seja usando de dolo ou cara a cara. E deixa-te de meninices, pois já não és criança. Não sabes quão grande glória entre os homens alcançou o preclaro Orestes, depois de ter feito perecer o traiçoeiro Egisto, o assassino que matara seu ilustre pai? Assim, amigo, tu, que tens tão bela aparência e estás tão crescido, sê audaz, para que a posteridade te louve. E agora vou descer à nau ligeira, para junto de meus homens, que estão talvez agastados de esperar tanto. Pensa, pois, em ti próprio e recorda os meus conselhos.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

— Meu hóspede, teu falar é tão benévolo como o dum pai a seu filho; jamais poderei esquecer tuas palavras. Mas, não obstante a urgência da viagem, espera um pouco; depois de tomares banho e de recreares teu coração, irás para a nau de ânimo satisfeito, levando contigo um presente de grande valor e magnífico, que guardarás como preciosa lembrança de mim, qual os hospedeiros amigos costumam dar aos que recebem em sua casa.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe:

— Não me detenhas por mais tempo, que tenho grande desejo de partir. O presente, que teu coração te impele a dar-me, entrega-mo no regresso,

para o levar para casa, tomando do teu tesoiro um muito belo; ele far-te-á digno de retribuição.

Depois de dizer isto, Atena de olhos brilhantes ausentou-se: ergueu voo para o alto como uma ave, deixando no coração de Telémaco ânimo e valor e uma lembrança do pai mais viva do que antes. E entrando em reflexões, ficou atónito, porque suspeitava que o seu hóspede era um deus. Logo o homem de aspecto divino se acercou dos pretendentes.

Um aedo cantava entre eles, que, assentados em volta, o ouviam em silêncio; cantava da viagem lastimosa que Palas Atena contra os Aqueus, ao virem de Tróia, decretara. Do seu aposento no andar superior da casa a sensata Penópole, filha de Icário, ouvindo o inspirado canto, desceu a alta escada, seguida de duas escravas. E, quando chegou junto dos pretendentes, a mulher preclara, de faces cobertas com um véu precioso, deteve-se, ao pé dum pilar do sólido tecto, com uma escrava diligente de cada lado. Em seguida, chorando, falou para o inspirado aedo:

— Fémio, tu sabes muitas outras maravilhas que deliciam os mortais — façanhas de homens e de deuses, celebradas pelos aedos. Assentado, canta a esses uma, e eles, em silêncio, que vão bebendo vinho; mas deixa esse canto triste, que não cessa de me afligir o coração no peito, depois que me sobreveio uma dor inolvidável. Deixa-o, que me

---

4. *como uma ave*. Aristarco dá à expressão grega correspondente a significação de «como uma ave»; Herodiano considera-a como advérbio que significa: «de maneira invisível».

punge a lembrança contínua dum ente querido e a saudade dum varão, cuja fama enche toda a Hélade e chega até ao centro de Argos.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

— Minha mãe, porque proíbes ao aedo amado deleitar-nos conforme lhe inspira o estro? Não são os aedos quem tem a culpa, mas Zeus, que outorga seus dons aos homens laboriosos segundo lhe apraz. Não censures a Fémio, por cantar a funesta sorte dos Dánaos, pois o canto que os homens louvam mais é o último que chega aos seus ouvidos. Que ouse teu coração e teu ânimo escutá-lo, que Ulisses não foi o único que perdeu em Tróia o dia do regresso; muitos outros varões aí morreram. Mas recolhe-te à tua câmara e trata dos lavores que te são próprios, do tear e da roca, e ordena às escravas que vão para o trabalho. De falar terão cuidado os homens, sobretudo eu, que sou quem governa em casa.

Ela, admirada, voltou para o andar superior, tendo calado em seu coração a prudente palavra do filho. E, depois de ter em companhia das escravas subido ao seu aposento, pôs-se a carpir sobre Ulisses, o esposo querido, até que Atena, a deusa de olhos brilhantes, lhe derramou nas pálpebras o doce sono. Os pretendentes, porém, levantaram na sombria sala grande tumulto e queriam todos reclinar-se no leito de Penépole. Mas o prudente Telémaco, tomando a palavra, disse-lhes:

— Pretendentes de minha mãe, de insolência arrogante! Neste momento gozemos do festim; e não levanteis alarido, porquanto é agradável escutar um aedo como este, cuja voz se assemelha à dos deuses. Depois, ao romper da aurora, reunamo-nos

todos em assembleia, para eu vos dizer claramente que saiais do palácio e trateis doutros banquetes, indo pelas casas uns dos outros consumir vossos próprios bens. Todavia, se entendeis que é melhor e preferível arruinar impunemente a fazenda dum só homem, arruinai-a; que eu clamarei aos deuses sempiternos e pode ser que Zeus permita, um dia, que sejam castigadas vossas obras e pereçais dentro do palácio, sem terdes quem vos vingue.

Assim disse; e todos eles morderam os lábios, admirados de Telémaco falar com tal ousadia. Replicou-lhe Antínoo, filho de Eutipes:

— Telémaco, são os deuses, por certo, que te ensinam a falar com tanto orgulho e tão ousadamente; mas não permita o filho de Cronos que reines em Ítaca rodeada pelas ondas, o que aliás por nascimento te é devido!

O prudente Telémaco retorquiu-lhe:

— Antínoo, indignar-te-ás pelo que te vou dizer? Eu desejaria ser rei aqui, se Zeus mo concedesse. Julgas, porventura, que, entre os homens, é esta a pior sorte? Reinar não é um mal, porque a casa do rei em breve se torna opulenta e ele é mais estimado. Mas existem em Ítaca, circundada pelo mar, muitos outros príncipes aqueus, novos e velhos; destes reine aqui algum, pois que já não vive o egrégio Ulisses; e eu serei senhor da nossa casa e das escravas que ele na guerra me adquiriu.

Respondeu-lhe Eurímaco, filho de Pólibo:

— Telémaco, sem dúvida, está oculto no seio dos deuses, quem é de entre os Aqueus que reinará em Ítaca, circundada pelo mar. Tu, porém, administra tua fazenda e governa a tua casa, e que nenhum homem, enquanto em Ítaca houver gente, venha

privar-te, contra a vontade e à força, de teus bens. Mas eu desejo, ó caríssimo, interrogar-te a respeito do estrangeiro. Donde veio esse homem? De que terra se honra ele de ser? Onde é a sua terra natal, e a sua pátria? Trouxe alguma notícia da volta de teu pai, ou veio exigir o pagamento duma dívida? Como se foi tão apressado, sem dar tempo a que fosse conhecido! Pelo aspecto não parecia má pessoa.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Eurímaco, quanto ao regresso de meu pai, acabou-se tudo e já não acredito em novas, venham elas donde vierem; nem me importa o oráculo, que um adivinho anuncie a minha mãe, chamado por ela à sala. A respeito do estrangeiro, é um hóspede meu, de Tafos, que já o era de meu pai; e honra-se de ser Mentes, filho do prudente Anquíalo, que reina sobre os Táfios, que gostam de remos.

Assim disse Telémaco; mas, em seu espírito, tinha reconhecido que ele era uma deusa imortal. E os pretendentes volveram a divertir-se com a dança e o canto delicioso, à espera de que viesse a noite. Quando, porém, anoiteceu, então eles, que se divertiam ainda, partiram, cada um para sua casa, com vontade de se meterem na cama. Telémaco, de sua parte, retirou-se para seu alto aposento, edificado no pátio magnífico, num lugar descoberto em volta; e, enquanto se dirigia para a cama, seu espírito era agitado por muitas reflexões. Acompanhava-o, com um archote aceso, a diligente Euricleia, filha de Ops Pisenórida, a qual, ainda jovem, Laertes comprara outrora com seus próprios bens — pelo preço de vinte bois — e que honrou no palácio como a uma fiel esposa, sem

nunca a admitir no leito, não excitando a cólera da sua mulher.

Euricleia, pois, que era de entre as escravas a mais estimada de Telémaco, a quem criara em pequeno, acompanhava-o com um archote aceso. Ele abriu a porta do aposento sòlidamente construído e, assentando-se no leito, despiu a túnica macia que pôs nas mãos da circunspecta velha. Esta, depois de a ter dobrado com esmero e suspendido dum cabide, junto do leito de artística talha, saiu do aposento, fechou a porta, puxando por um anel de prata, e correu a tranqueta, por intermédio duma correia. Então Telémaco, coberto com um velo de ovelha, toda a noite pensou em seu espírito na viagem a que Atena o exortara.

RAPSÓDIA II

Assembleia dos Itacenses. — Viagem de Telémaco

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, levantou-se do leito o filho amado de Ulisses e, depois de se ter vestido, suspendeu do ombro a cortante espada, ligou belas sandálias aos pés luzidios e saiu do aposento, igual no aspecto a um deus. Imediatamente ordenou aos arautos de voz sonora que convocassem para a assembleia os Aqueus de cabeleira longa. Eles lançaram o pregão e os Aqueus foram-se bem depressa reunindo. Depois de terem comparecido e estando todos congregados, dirigiu-se Telémaco, de lança de bronze na mão, para a assembleia. Mas não ia só; os seus dois cães, correndo, seguiam com ele, sobre quem Atena derramara uma graça extraordinária; por isso, quando chegou, todo o povo o olhava com admiração. Os anciãos deram-lhe lugar, e ele foi assentar-se na cadeira de seu pai.

O primeiro dos assistentes que tomou a palavra foi o herói Egípcio, que vergava já sob o peso dos anos e cuja experiência era grande. Um filho dele, o amado Antifo, combatente de lança, tinha ido nas bojudas naus, em companhia do divino Ulisses, para Ílion de belos corcéis; o fero Ciclope, porém, matara-o na sua gruta côncava: foi o último com quem ele preparara a ceia. Mas tinha ainda mais três filhos: um, Eurínomo, estava entre os pretendentes; os outros dois continuavam a trabalhar as terras do pai. Não obstante, não esquecia Antifo,

e de pena chorava sua morte. Derramando lágrimas por ele, Egípcio falou, dizendo:

— Ouvi, ó Itacenses, o que vou dizer! Nunca, desde que o divino Ulisses partiu nas bojudas naus, se reuniu mais a assembleia, nem tivemos sessão. Quem nos convocou hoje? Que moço ou que ancião sentiu tão urgente necessidade? Ouviu, por acaso, alguma notícia da vinda do exército, a qual, sendo o primeiro a sabê-la, nos queira comunicar sem rebuço? Ou deseja expor algum negócio de interesse público e falar-nos sobre ele? Eu tenho para mim que esse homem é honrado e repleto dos bens da sorte. Oxalá dê Zeus feliz cumprimento ao que resolve em sua mente!

Assim falou; o filho amado de Ulisses, contente com o bom presságio, não permaneceu longo tempo assentado, mas, ansioso de falar, pôs-se de pé no meio da assembleia. Pisenor, o arauto de prudentes conselhos, entregou-lhe o ceptro, e ele, dirigindo-se em primeiro lugar a Egípcio, disse:

— Ó ancião, não está longe esse homem; vais já conhecer aquele que convocou o povo: fui eu, a quem uma grande aflição sobreveio. Nenhuma notícia ouvi da vinda do exército, a qual, sendo o primeiro a sabê-la, vos queira comunicar sem rebuço; nem desejo expor algum negócio de interesse público e falar-vos sobre ele; é um assunto de interesse próprio o que vos quero apresentar. Duas desgraças caíram sobre a minha casa: uma é a morte de meu ilustre pai, que um dia com doçura paternal reinou entre vós, os presentes; a outra, muito maior, é a iminente e total ruína de toda a minha casa e a destruição de toda a minha fortuna. Certos pretendentes, filhos amados de homens ilustres de

aqui, assediam minha mãe contra a sua vontade e acanham-se de ir à casa de Icário, pai dela, pedir-lhe que dote a filha e a dê em casamento a quem ele quiser e lhe seja agradável; mas, frequentando todos os dias o nosso palácio, comem em banquetes bois, ovelhas e gordas cabras, que eles abatem, e bebem inconsideradamente o rutilante vinho, consumindo assim grande parte da fazenda, na falta dum varão, tal como Ulisses, que impeça a ruína da casa. Nós não a podemos evitar e depois o mal não terá remédio, por não conhecermos meio de o atalhar. Se me fosse possível, eu defender-me-ia, porque os excessos que têm sido cometidos não se podem suportar por mais tempo, nem é decoroso que minha casa pereça desse modo. Enchei-vos, pois, de indignação, tende vergonha dos povos vizinhos, que habitam em roda, e temei que os deuses, encolerizados, não façam cair sobre vós o castigo de tão criminosas acções. Eu peço-vos por Zeus Olímpico e por Tétis, que dissolve e reúne as assembleia dos homens: impedi, amigos, estes abusos e deixai que eu sofra sòzinho a minha deplorável dor, a não ser que meu pai, o ilustre Ulisses, tivesse, de malevolência, feito algum dia mal aos Aqueus de belas grevas e vós, de vingança, tenhais má vontade contra mim e me queirais arruinar, excitando os pretendentes a isso. Para mim seria mais vantajoso que fôsseis vós quem me consumisse as riquezas e os rebanhos. Se assim sucedesse, eu viria talvez a ser indemnizado, pois, neste caso, iria pela cidade, pedindo os meus bens e reclamando-os, até que os tivesse reavido todos; mas, deste modo, abris-me no coração feridas incuráveis.

Assim falou, todo indignado; e, rompendo em

pranto, arrojou o ceptro ao chão. Todo o povo se compadecia dele e se conservara em silêncio, sem que alguém ousasse dirigir a Telémaco palavras duras. Só Antínoo lhe disse em resposta:

— Telémaco, de falar altivo e de ânimo indomável! Que disseste tu, para nos cobrir de vergonha, desejoso de macular-nos a reputação? A culpa não a imputes aos pretendentes aqueus, mas a tua mãe que, mais que outrem é hábil em ardis. Há já três anos, e em breve chegará o quarto, que ela anda a enganar o coração que bate no peito dos Aqueus. A todos dá esperanças e envia a cada um mensagens com promessas; mas outros são os planos que maquina seu espírito. Eis um novo ardil que ela cogitou em sua mente: tendo levantado no palácio um grande tear, pôs-se a tecer um véu fino e imenso; depois veio dizer-nos: «Jovens, meus pretendentes, já que o divino Ulisses morreu, não apresseis as minhas bodas, até que eu termine a mortalha para o herói Laertes, — temo que se perca quanto Penélope teceu — para o tempo em que o fatal destino da prostradora morte o fizer sucumbir; não suceda que alguma das Aqueias por esta terra me censure de ser enterrado sem mortalha quem possuía tantos bens». Assim disse ela e o nosso intrépido coração deixou-se convencer. Então, durante o dia, trabalhava numa grande teia; desfazia-a, porém, de noite, depois de ao seu lado ter acendido os fachos. Deste modo conseguiu, durante três anos, esconder o ardil e que os Aqueus acreditassem nela; mas, quando entrou o quarto e as estações se sucederam,

---

22. prostradora morte. Outros vertem: *dolorosa e inexorável.*

uma das suas mulheres, que o conhevia bem, contou-o a nós, que fomos surpreendê-la a desmanchar a esplêndida teia. Foi assim que ela, mau grado seu, se viu obrigada a concluí-la. É isto, pois, o que os pretendentes respondem, a fim de que tu o saibas e todos os Aqueus o conheçam. Despede tua mãe e ordena-lhe que case com quem seu pai lhe mandar e for do seu agrado. Mas, se continuar ainda por muito tempo a vexar os filhos dos Aqueus, cônscia das prerrogativas com que Atena, em alto grau, a dotou: habilidade para lavores primorosos, inteligência perspicaz e astúcia, — prerrogativas que nunca ouvimos dizer que possuíssem, nem mesmo as antigas Aqueias de belas tranças, Tiro, Alcmena e a Micene de magnífico diadema, as quais foram todas inferiores a Penépole nos dotes do espírito — saiba que pensou com desacordo, porque, enquanto tiver aquele propósito, que os deuses lhe infundiram no peito, serão consumidos teus bens e tuas riquezas. É verdade que ela adquire grande fama para si; a ti, porém, só te dá causa a ficares com pena da tua copiosa fortuna; e nós não trataremos dos nossos campos, nem iremos para outra parte, enquanto ela não se decidir a casar com aquele dos Aqueus que preferir.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Antínoo, eu não posso expulsar de casa contra sua vontade quem me deu o ser e me criou. Meu pai está, vivo ou morto, em alguma parte da terra; e ser-me-ia difícil compensar Icário de tantos bens, se, voluntàriamente, me resolvesse a despedir a mãe. Neste caso, teria de sofrer, além dos males que me adviriam de seu pai, outros que uma divindade me infligiria; porquanto minha mãe, ao

sair de casa, havia de entregar-me às terríveis Erínias e, doutra parte, a censura dos homens cairia sobre mim. Por isso é que eu nunca lhe darei essa ordem. Caso o vosso ânimo sinta pejo do que tendes praticado, saí do meu palácio e tratai doutros banquetes, indo pelas casas uns dos outros consumir vossos próprios bens. Todavia, se entendeis que é melhor e preferível arruinar impunemente a fazenda dum só homem, arruinai-a; que eu clamarei aos deuses sempiternos e pode ser que Zeus permita um dia que sejam castigadas vossas obras e pereçais dentro do palácio, sem terdes quem vos vingue.

Assim disse Telémaco; e o longividente Zeus enviou-lhe duas águias, que vieram a voar do alto cimo dum monte. Durante algum tempo voaram à mercê da aragem, e asas estendidas, ao lado uma da outra; mas, quando chegaram sobre o meio da assembleia ruidosa, elas, descrevendo círculos no ar e batendo, céleres, as asas, lançavam sobre as cabeças de todos olhares sinistros; depois, dilacerando-se mùtuamente com as garras a cabeça e o pescoço, dirigiram o voo para o lado direito sobre as casas e a cidade. E todos olhavam as aves com admiração, pensando em seu espírito no que devia suceder. Mas o velho herói Haliterses, filho de Mastor, que se distinguia entre os varões da sua idade no conhecimento de presságios e em pronunciar vaticínios, falou-lhes, benévolo, e disse:

— Ouvi, Itacenses, o que vos quero agora dizer e anunciar, sobretudo aos pretendentes. Uma gran-

---

14. *longividente*. Segundo outros *longitroante*.

de desgraça impende sobre eles, porque Ulisses não se demorará por muito tempo longe dos seus; encontra-se talvez já perto de quantos aqui estão, premeditando a morte e o extermínio de todos e para ser o flagelo de muitos outros que habitam em Ítaca, visível ao longe. Pensemos, pois, antes que venha, na maneira de impedir os excessos dos pretendentes, a não ser que estes, por si próprios, lhes ponham imediatamente termo, o que seria melhor para eles. Porquanto eu não prognostico sem ter experiência, mas sei bem o que digo; e a prova é que ao solerte Ulisses sucedeu tudo como eu lhe tinha anunciado, quando os Argivos navegaram para Ílion, entre os quais ele ia também. Eu disse-lhe que, passados vinte anos, regressaria ao seu lar, sem que alguém o conhecesse, e depois de ter sofrido muitos trabalhos e perder todos os companheiros. Ora tudo isto tem agora cumprimento.

Eurímaco, filho de Pólibo replicou-lhe:

— Ó velho, vai para casa fazer predições a teus filhos, não lhes suceda talvez algum mal, no futuro; que nestas coisas eu sou melhor adivinho do que tu. Muitas aves voam, para um lado e para outro, sob os raios do sol; nem todas, porém, prognosticam. Pelo que respeita a Ulisses, morreu longe daqui; e oxalá tu tiveras perecido também com ele! Não farias tantos vaticínios, nem provocarias assim a ira de Telémaco, na esperança talvez de te mandar um presente a casa. Eu vou dizer-te o que há-de realizar-se: Se tu, apesar de conheceres muitas coisas antigas, enganares a este moço e excitares com tuas palavras a sua cólera, isto, primeiramente, aumentará seu mal, sem que todavia teus vaticínios lhe possam ser proveitosos; depois, a ti, velho, im-

poremos uma multa, que terás de pagar, com indignação de teu espírito, e te causará grande pesar. A Telémaco darei, na presença de todos, este conselho: que ordene à mãe se recolha à casa paterna; e a família que disponha o casamento e prepare um grande dote, qual convém que acompanhe uma filha querida. Antes disto, creio que os filhos dos Aqueus não renunciam à trabalhosa pretensão, pois não tememos Telémaco com toda a sua loquacidade, nem nos importa o vaticínio que tu, velho, pronuncias em vão e te faz ainda odiado. Depois desbaratáremos os seus bens, sem que jamais seja indemnizado, em banquetes, enquanto a mãe dilatar aos Aqueus seu casamento; e passaremos, à espera que este se realize, os dias a contender a respeito das prerrogativas dela, não indo procurar outras núpcias, que nos possam convir.

O prudente Telémaco disse-lhe em resposta:

— Eurímaco e vós todos, ilustres pretendentes! Não vos faço mais rogos, nem vos volto a falar sobre este assunto, porque os deuses e os Aqueus todos já estão informados disso. Mas dai-me uma nau ligeira com vinte companheiros, que, para além e para aquém-mar, sulquem as ondas comigo. Quero ir a Esparta e à arenosa Pilos colher informações acerca do regresso de meu pai, há muito ausente. Pode ser que algum mortal me fale dele, ou oiça a fama proveniente de Zeus, que é a que mais glória dá aos homens. Se ouvir dizer que meu pai vive e que está de volta, apesar de me afligirem os cuidados, sofrerei com paciência um ano mais; mas, se me informar da sua morte e de que já não existe, então tornarei para minha terra pátria e, tendo-lhe erigido um moimento e prestado todas

as honras fúnebres, que a ele convêm, darei um esposo a minha mãe.

Depois de ter assim falado, assentou-se. Então, no meio da assembleia, ergueu-se Mentor, o companheiro do irrepreensível Ulisses, a quem este, quando partiu com as naus, confiou toda a sua casa, pelo que a família devia obedecer ao ancião, que conservaria tudo intacto. A todos falou com benevolência, dizendo:

— Ouvi, Itacenses, o que vos quero agora dizer! Nenhum rei, que empunha o ceptro, jamais seja amigo, bondoso e afável nem alimente em seu espírito pensamentos de justiça, mas torne-se duro e pratique acções iníquas, visto ninguém, entre o povo, sobre o qual o divino Ulisses reinou com uma doçura paternal, se lembrar mais dele. Na verdade, acho tolerável que os altivos pretendentes cometam violências, levados por sua malvadez, porquanto, devorando à força os bens de Ulisses, que, segundo eles, não volta mais, põem assim em perigo as próprias cabeças. Indigno-me, porém, contra o resto do povo, ao ver como todos vós vos conservais assentados, em silêncio, e, apesar de serdes muitos, não pondes, por meio de palavras de censura, um freio ao pequeno número dos pretendentes.

Respondeu-lhe Liócrito, filho de Evenor:

— Ó Mentor insolente e louco, que palavra disseste! Tu incitas estes a refrear-nos? É coisa para ti arriscada contender, por causa dum festim, com homens que te excedem em número. Pois que, se o próprio Ulisses Itacense, surpreendendo os pretendentes ilustres a banquetearem-se no seu palácio, pensasse em seu espírito pô-los fora, a esposa não gozaria do prazer de seu regresso, por que ela

muito ansiara; mas ali mesmo o herói receberia morte vil, caso ousasse combater com homens tão numerosos. Não falaste, por isso, como era justo. Agora separai-vos e vá cada um para suas ocupações; Mentor e Haliterses, porém, que são antigos companheiros de Ulisses, irão animar Telémaco à viagem. Mas eu creio que, se ele permanecer em Ítaca muito tempo, ouvirá aqui as notícias e nunca realizará o seu projecto.

Com estas palavras, dissolveu a diligente assembleia. E todos se dispersaram, indo cada um para sua casa, menos os pretendentes, que foram para o palácio do divino Ulisses.

Telémaco então afastou-se para a praia do mar e, tendo lavado as mãos nas ondas alvacentas, clamou assim a Atena:

— Escuta-me, ó deus, que ontem vieste a nossa casa e me ordenaste ir numa nau, sobre o brumoso mar, colher informações acerca do regresso de meu pai, há muito ausente! Oh! os Aqueus põem-me todos os obstáculos, sobretudo os pretendentes malvados e orgulhosos!

Assim orou; e perto dele surgiu Atena, semelhante a Mentor no aspecto e na voz, que lhe dirigiu estas palavras aladas:

— Telémaco, tu não deves ser no futuro pusilânime, nem leviano, se em ti já se radicou o valente ânimo que teu pai tinha, para palavras e obras. Sendo assim, a tua viagem não será certamente um vão projecto, nem ficará sem efeito. Eu não

---

10, *diligente*. Isto é, pronta a acudir à ordem de convocação e dispersão.

espero, porém, que chegues a realizar o que pretendes, se não és filho de Ulisses e de Penélope; porque poucos filhos há que se assemelhem aos pais: na maioria são piores e só alguns melhores que eles. Mas, como no futuro não serás pusilânime ou leviano, nem a prudência de Ulisses te abandonou, há esperanças de que leves a cabo a tua empresa. Por isso, deixa as deliberações e modos de pensar dos pretendentes insensatos; eles não são circunspectos nem justos e ignoram que já está perto a morte e o negro destino para os fazer perecer a todos num só dia. A viagem que desejas fazer não tardará a realizar-se, que eu, como companheiro de teu pai, preparar-te-ei uma nau e até seguirei contigo. Agora volta para casa, a fazer companhia aos pretendentes; e prepara as provisões, acondicionando-as bem: o vinho em ânforas e a farinha de cevada, — o fortificante alimento dos homens — em odres; entretanto eu apressar-me-ei pela terra a reunir companheiros voluntários. Em Ítaca, circundada pelo mar, há muitas naus, novas e velhas, das quais escolherei a melhor, que, equipada sem demora, lançaremos ao vasto oceano.

Assim falou Atena, filha de Zeus; e Telémaco, como tivesse ouvido a voz da deusa, não hesitou longo tempo. Encaminhando-se para casa, de coração amargurado, encontrou aí os soberbos pretendentes a esfolar cabras no pátio e a chamuscar porcos. Mas Antínoo, indo a rir em direcção a ele, tomou-o pela mão e dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

— Telémaco, altivo no falar e de ânimo indomável, não te preocupem o peito maus cuidados, obras ou palavras; mas come e bebe, como antes fazias. Os Aqueus arranjar-te-ão tudo, nau e remadores

escolhidos, para ires em breve à divina Pilos, em busca de notícias de teu egrégio pai.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Antínoo, eu não posso banquetear-me em silêncio, nem divertir-me descansado entre homens tão orgulhosos como vós. Porventura não bastou aos pretendentes terem antes, quando eu era ainda pequeno, consumido muitos dos meus preciosos bens? Agora que já sou grande e estou informado, por ouvir o que os outros dizem, o ânimo cresce no meu peito e farei que um destino funesto vos surpreenda, seja depois de ir para Pilos, seja aqui, nesta terra. Eu partirei, na verdade, e não será baldada a viagem de que falo; irei na qualidade de passageiro, pois não consigo arranjar nau nem remadores, o que, sem dúvida, vos parecerá melhor.

Assim falara ele; e retirou, sem dificuldade, a sua mão da de Antínoo. Os pretendentes, porém, que andavam atarefados pela casa com os preparativos do festim, escarneciam dele e dirigiam-lhe sarcasmos. Um dos jovens soberbos falava deste modo:

— Telémaco, por certo, pensa na maneira como nos dará a morte. Ele trará ajuda da arenosa Pilos ou de Esparta, tão ardente é o seu desejo; ou então tencionará ir aos fecundos campos de Éfira, em busca de mortais drogas, para lançar na cratera e fazer-nos sucumbir a todos.

Outro dos soberbos jovens dizia:

— Quem sabe, se ele, depois de partir na bojuda nau, encontra a morte longe dos amigos, como sucedeu a Ulisses? Neste caso, seria maior nosso trabalho: deveríamos distribuir todos os seus bens e deixar a casa à mãe dele e a quem a desposasse.

Assim diziam eles. Mas Telémaco baixou à câ-

mara de seu pai, de alto tecto e espaçosa, onde, além de oiro e de bronze em montões, vestidos em arcas, óleo odorífero em abundância, se encontravam, dispostas em fileira contra a parede, vasilhas de velho e saboroso vinho, que continham sem mistura a divinal bebida, à espera que Ulisses regressasse enfim a casa, depois de ter sofrido muitos trabalhos. A porta estava fechada, com os batentes bem justos um ao outro por meio dum duplo ferrolho; e aí costumava permanecer, de dia e de noite, a intendente Euricleia, a filha de Ops Pisenórida, que, cuidadosa, vigiava tudo. Telémaco, chamando-a à dispensa, disse-lhe:

— Ama, deita-me já em ânforas saboroso vinho, o melhor depois daquele que guardas para quando, porventura, chegar, salvo da morte e do destino, o infeliz que esperas, Ulisses da estirpe de Zeus. Enche doze e fecha cada uma com sua tampa. Depois põe-me em odres bem cosidos farinha de cevada; devem ser vinte medidas de farinha de cevada moída. E não digas nada a ninguém! Prepara tudo isto sem interromperes o trabalho, que eu virei tomá-lo à noite, quando a mãe subir à sua estância e cuidar de se recolher ao leito. Eu quero ir a Esparta e à arenosa Pilos tirar informações acerca do regresso de meu pai. Pode ser que oiça notícias dele.

Assim falou; e Euricleia, a sua ama, pôs-se a chorar. Por entre suspiros, disse-lhe então estas aladas palavras:

— Porque te veio essa ideia à cabeça, meu filho? Para onde queres tu ir, único objecto do nosso amor, pela terra imensa? Ulisses, da estirpe de Zeus, morreu, longe da pátria, numa terra estranha; e os pretendentes armar-te-ão ciladas, logo

depois de partires, a fim de que pereças por dolo, e distribuirão todos os teus bens entre si. Fica, pois, aqui, no meio do que te pertence, que nenhuma necessidade tens de sofrer desventuras por sobre o mar estéril e de andar errante!

Mas o prudente Telémaco respondeu-lhe:

— Não te aflijas, ama! Eu não tomei esta resolução sem o concurso dum deus. Olha, jura que não dirás nada a minha mãe, antes do undécimo ou duodécimo dia, a não ser que ela dê pela minha falta ou oiça falar da minha viagem, não vá ela com as lágrimas desfigurar a beleza do rosto.

Assim disse; e a velha fez, pelos deuses, juramento solene de que não diria nada. Depois, quando tinha completado o juramento, começou a encher as ânforas de vinho e a deitar nos odres bem cosidos a farinha de cevada. Telémaco, porém, foi para a sala e ficou no meio dos pretendentes.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, planeou então outro projecto. Percorria a cidade, na figura de Telémaco e, aproximando-se de cada um dos homens, conversava com eles e ordenava-lhes que se reunissem, à noite, junto da nau ligeira. Esta pedira-a a Noémon, filho egrégio de Frónio, que, benévolo, lha prometeu. Quando o sol se tinha posto e todas as ruas iam escurecendo, arrastou-a para o mar e pôs-lhe dentro todos os aparelhos, que guarnecem as naus de boa coberta. Colocara-a à entrada do porto, onde, junto a ela, se reuniram os espertos companheiros. E a deusa incutia ânimo a todos.

15, *completado o juramento*. A expressão designa que o juramento se fez pronunciando toda a fórmula.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, planeou outro projecto. Foi para o palácio do divino Ulisses e infundiu aos pretendentes um doce sono; transtornava-lhes o espírito, quando bebiam, e fazia que eles largassem as taças das mãos. Levantaram-se pois para irem dormir pela cidade, não permanecendo por mais tempo assentados, por o sono lhes ter caído sobre as pálpebras. Atena de olhos brilhantes, porém, que tinha tomado o aspecto e a voz de Mentor, disse a Telémaco, depois de o chamar para fora do palácio, cheio de confortos:

— Telémaco, os companheiros de belas grevas estão já assentados aos remos, à espera da ordem de partida. Vamos, pois, e não retardemos mais a viagem!

Tendo assim falado, Palas Atena pôs-se a caminhar apressadamente; e ele, atrás, seguia as pegadas da deusa. Ao chegarem à nau e ao mar, encontraram na praia os companheiros de cabeleira comprida, aos quais o forte Telémaco disse:

— Eia, amigos! Vamos buscar as provisões, já todas reunidas no palácio. Mas minha mãe ignora tudo, assim como as escravas, excepto uma, que ouviu a minha ordem.

Tendo assim falado, pôs-se a caminhar, e eles, atrás, seguiam-no. Depois de transportarem as provisões, depuseram-nas sobre a nau de boa coberta, conforme o caro filho de Ulisses lhes ordenou. Telémaco então subiu para a nau, precedido de Atena, e ambos foram assentar-se na popa, lado a lado. Os companheiros, porém, desataram as amarras e, tendo subido também, assentaram-se nos bancos de remar. E Atena de olhos brilhantes fez soprar um vento favorável, o forte Zéfiro, que ressoava pelo

mar vinhoso. Mas Telémaco, exortando os companheiros, ordenou-lhes que lançassem mão dos aparelhos. Eles obedeceram à sua ordem. Levantado o mastro de pinho ao alto, introduziram-no no encaixe do travessão; em seguida, prenderam-no com os estais e içaram a branca vela por meio das adriças de bem torcido coiro. E o vento inchou-a no centro, enquanto a roxa onda sussurava forte em volta da quilha da nau, que ia célere sobre as águas, seguindo o seu rumo. Ligados os aparelhos da nau ligeira e escura, os mareantes apresentaram crateras cheias de vinho até às bordas e fizeram libações aos deuses imortais e sempiternos, nomeadamente à filha de Zeus, a deusa de olhos brilhantes. E a nau foi correndo a sua rota, durante toda a noite e ainda de madrugada.

RAPSÓDIA III

Telémaco em Pilos

O sol erguia-se do mar esplêndido para o firmamento brônzeo, a iluminar os deuses imortais e os homens perecedoiros, por sobre a terra fecunda, quando eles chegaram a Pilos, a bem construída cidade de Neleu. Ora os habitantes sacrificavam, na praia do mar, toiros inteiramente pretos ao sacudidor da terra, de cerúlea cabeleira. Eram nove as séries de assentos, em cada uma das quais estavam assentadas quinhentas pessoas; e em frente de cada série havia nove toiros. Estando eles, depois de comidas as vísceras, a queimar as coxas em honra do deus, vieram os navegantes direitos ao porto, onde, erguidas e ferradas as velas à nau igual, a ancoraram e saíram a terra. Telémaco desembarcou, precedido de Atena, a deusa dos olhos brilhantes, que foi a primeira a falar para lhe dizer:

— Telémaco, tu não deves ter o mínimo acanhamento, porque o fim da tua viagem é informar-te a respeito de teu pai e saber em que ponto a terra o esconde no seio, ou qual o destino que ele teve. Caminha, pois, direito a Nestor, o domador dos cavalos, e vejamos que conselho tem oculto no seu

---

4. Trata-se aqui de Pilos, cidade nas costas da Messénia, fundada por Neleu, pai de Nestor. O epíteto — *arenosa*, que muitas vezes lhe é atribuído na Odisseia, parece referir-se a toda a região.

13. *nau igual*. É *igual*, porque entre espumas, ondas, nuvens, luz e sombras, num mundo em que tudo corre, escorre, flui, foge, é igual a si mesma, é idêntica a si própria. E, além de ser estável em si mesma, é tam-

peito. Pede-lhe que diga a verdade. Ele, como é varão muito sensato, não mentirá.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Mentor, de que modo chegarei até ele? Como devo saudá-lo? Eu não tenho ainda prática de falar com discrição; além disso, um jovem intimida-se a interrogar um velho.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, tornou-lhe:

— Telémaco, uns pensamentos descobri-los-ás por ti próprio, em teu espírito, outros há-de sugerir-tos uma divindade; porquanto não julgo que nascesses ou que fosses criado contra a vontade dos deuses.

Tendo assim falado, Palas Atena pôs-se a caminhar apressadamente; e ele, atrás, seguia as pegadas da deusa. Chegaram à assembleia e ao lugar, onde os homens de Pilos estavam assentados. Entre estes encontrava-se Nestor com seus filhos e os companheiros em volta, que iam preparando o festim, assando carne, ou levantando talhadas em espetos. Como vissem os estrangeiros, adiantaram-se todos e, depois de os saudarem com as mãos, convidaram-nos a assentarem-se. Pesístrato, filho de Nestor, foi o primeiro que se abeirou deles e, tomando-os pela mão, ofereceu-lhes lugar no festim, sobre macios velos colocados na areia da praia, junto de seu irmão Trasimedes e de seu pai. Serviu-lhes em seguida parte das vísceras e deitou vinho num copo

---

bém constante e fiel na amizade do marinheiro. E por cima de tudo isto há a santa religião homérica, a nau tem um génio, este zanga-se, se não é tratado com as devidas formalidades; meta-se qualquer no barco, e não diga *nau igual!*, e verá como o transporte começa a empinar-se, a cabrear, até alijar ao abismo o ímpio ou dar com ele num rochedo!

de oiro. Então, saudando com ele a Palas Atena, filha de Zeus, portador da égide, disse:

— Estrangeiro, eleva teus votos ao soberano Posséidon, porque vós encontrastes um festim em sua honra, à vossa chegada aqui. E depois de teres feito a libação e orado, como é uso, dá a este o copo de melífluo vinho, para libar também. Creio que presta igualmente culto aos deuses imortais, de quem todos os homens precisam. Mas a ti ofereceréi primeiro a taça de oiro, porque ele é mais jovem e da mesma idade que eu.

Tendo assim falado, pôs-lhe na mão um copo de melífluo vinho: e a Atena agradou o varão prudente e justo, por ter dado primeiro a ela a taça de oiro. Imediatamente elevou fervorosa oração ao soberano Posséidon:

— Escuta-me, ó deus, que circundas a terra! Não recuses a nós, teus suplicantes, o cumprimento de nossos rogos. Primeiro concede prosperidade a Nestor e a seus filhos; depois dá aos outros, a todos os de Pilos, grata remuneração pela solene hecatombe; finalmente a Telémaco e a mim concede-me feliz retorno, na ligeira e escura nau, depois de conseguirmos aquilo a que viemos aqui.

Assim orou; e ela própria deu cumprimento à oração. Em seguida ofereceu a Telémaco o belo copo duplo, e o caro filho de Ulisses ergueu a sua prece dum modo idêntico. Logo, porém, que foram assadas as carnes exteriores e as tiraram dos espetos, eles, dividindo-as em pedaços, fizeram um ban-

---

27, *copo duplo*. Segundo Buttmann, uma taça de base côncava, a qual pode servir também de copo. Outros vertem *de duas asas*.

quete esplêndido. Mas, quando tinham saciado o desejo de beber e de comer, Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, tomando a palavra, disse-lhes:

— Agora, que os estrangeiros já gozaram da refeição, é mais decoroso interrogá-los e inquirir a respeito das suas pessoas. Ó estrangeiros, quem sois vós? Donde navegais pelos húmidos caminhos? Vindes tratar de algum negócio, ou cruzais o mar, à toa, como piratas, que andam errantes, com perigo de suas vidas, só para fazerem mal a gentes estranhas?

O prudente Telémaco respondeu-lhe ousado, pois Atena incutiu-lhe no espírito ânimo para o interrogar acerca do seu pai ausente, e adquirir assim entre os homens renome ilustre:

— Ó Nestor, filho de Neleu, excelsa glória dos povos da Acaia! Tu perguntas donde somos. Vou responder-te. Nós vimos de Ítaca, que é dominada pelo monte Neio; e o negócio de que trato é particular, não de interesse público. Vou em busca da dilatada fama de meu pai, no intento de ouvir notícias do ilustre e paciente Ulisses, que dizem ter saqueado outrora a cidade dos Troianos, combatendo na tua companhia. Nós sabemos onde todos os outros sucumbiram a uma deplorável morte, quantos fizeram a guerra contra Tróia; a morte daquele, porém, o filho de Cronos tornou-a desconhecida, pois ninguém sabe dizer ao certo onde morreu: se sucumbiu na terra firme, às mãos dos homens, seus inimigos, ou se, no mar, no meio das ondas de Anfitrite. Por essa razão, venho abraçar

---

2. *Gerénio*, natural de Gérenos, cidade de Messénia.

os teus joelhos, na esperança de que te dignes declarar-me a morte deplorável de meu pai, caso tenhas sido testemunha dela, ou ouvido a algum vagamundo falar daquele, cuja mãe o deu à luz, para ser o mais infeliz dos homens. Não dulcifiques a notícia, por piedade ou consideração para comigo; mas conta-me exactamente, como tu o viste. Eu rogo-te: se alguma vez o egrégio Ulisses, meu pai, cumpriu a promessa de obrar ou dizer alguma coisa em teu favor, lá, no país dos Troianos, onde vós, os Aqueus, sofrestes calamidades, lembra-te agora disso e dize-me toda a verdade.

Em seguida, Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, respondeu-lhe:

— Ó meu amigo, tu recordas-me a tribulação, que sofreram os filhos dos Aqueus de ânimo indomável, naquele país, e todos os trabalhos por que passaram, já navegando errantes sobre o mar brumoso, para onde os conduzia, em busca da presa, Aquiles, já combatendo, em volta da grande cidade do rei Príamo. Lá perderam a vida os mais valentes capitães: o belicoso Ajace, Aquiles, Pátroclo, em conselho igual aos deuses, e o meu querido filho, juntamente forte e irrepreensível, Antíloco, lutador velocíssimo na carreira — todos estes jazem lá. Além disso, porém, nós sofremos muitas outras desgraças. Quem, entre os mortais, as poderia enumerar todas? Nem que permanecesse aqui durante cinco ou seis anos, a interrogar-me acerca dos males que os Aqueus ilustres lá sofreram, não os poderias saber todos e primeiro voltarias cansado à tua pátria terra. Assim, durante um novénio, pensando em fazer mal aos Troianos, ocupámo-nos de toda a sorte de embustes, e o filho de Cronos foi com

dificuldade que pôs termo a todos os nossos trabalhos.

Houve lá um, a quem jamais alguém pôde igualar em prudência, o qual se salientou muito em toda a sorte de engenhosos expedientes. Era o ilustre Ulisses, teu pai, se realmente tu és seu filho. Eu olho-te com admiração; — porque tua linguagem é igual à sua e ninguém diria que um jovem falasse como ele. Eu e o ilustre Ulisses, enquanto estivemos em Tróia, nunca expusemos na assembleia e no conselho um parecer diferente; mas, animados do mesmo espírito, aconselhámos aos Aqueus com sabedoria e madura reflexão, a fim de que tudo nos sucedesse o melhor possível. Mas, quando destruída a alta cidade de Príamo, partimos nas naus e uma divindade no-las dispersou, Zeus então urdiu em seu espírito um lamentável retorno dos Aqueus, porque nem todos eram circunspectos nem justos: pelo que muitos deles tiveram um destino desgraçado, devido à cólera perniciosa da deusa de olhos brilhantes, filha dum poderoso pai, que dera a causa à discórdia entre os dois filhos de Atreu. Eles tinham, pelo sol-posto, leviana e indevidamente, convocado a assembleia de todos os Aqueus; e, acudindo estes, pesados do vinho, arengaram os dois, expondo o motivo, pelo qual o exército se reunira. Menelau exortava então todos os Aqueus a pensarem na retirada sobre o vasto dorso do oceano, o que não agradou a Agamémnon, que preferia deter o exército e oferecer hecatombes sagradas, a fim de aplacar a cólera terrível de Atena. Insensato! Não sabia que a não poderia persuadir, pois o espírito dos deuses sempiternos não se muda de repente.

Ora, estando eles a trocar entre si palavras violentas, os Aqueus de belas grevas levantaram-se com grande alarido e, entre eles, a uns agradava uma opinião, a outros outra. Aquela noite passámo-la nós a meditar no espírito males uns contra os outros, porque Zeus preparava-nos ainda a desgraça das desgraças. De manhã, arrastámos as naus para o mar brilhante e colocámos-lhe dentro nossas riquezas e as mulheres de baixo cinto. Metade, porém, do exército ficava-se com Agamémnon, filho de Atreu, pastor dos povos, enquanto nós partíamos em nossas naus, que com toda a velocidade se fizeram ao largo, serenado por um deus o mar imenso. E, apenas chegámos a Ténedos, oferecemos ansiosos da pátria, sacrifícios aos deuses; mas o regresso não tinha ainda sido determinado por Zeus, o deus funesto, que suscitara, pela segunda vez, uma fatal discórdia. Alguns com Ulisses, o rei prudente e engenhoso, entrando nas naus movidas a remos de ambos os lados, voltaram atrás, para serem agradáveis a Agamémnon, filho de Atreu. Eu, porém, com a frota que me seguia, fugi, porque sabia que uma divindade meditava males contra nós. E o belicoso filho de Tideu fugiu também e incitou a isso os companheiros. Já tarde veio ter connosco o fulvo Menelau, que nos alcançou em Lesbos, a deliberar sobre a longa navegação: se de-

---

9, *de baixo cinto*. Epíteto dado às mulheres de Tróia e outros países orientais em alusão à sua maneira de vestir. As roupagens pendiam-lhes, não dos ombros à moda grega, mas dos quadris: *mulheres batizonas*. Filinto, para a necessidade cozinharia a frase: baixo-cintas mulheres. João de Deus, pela certa, resolvia assim o caso: e metemos na barca mulheres de saias.

veríamos passar pela ilha de Psira, aquém da escabrosa Quio, deixando esta à esquerda, ou por além de Quio, por junto de Mimante, exposto aos ventos. Pedimos a um deus que nos desse um sinal. E ele deu-no-lo e ordenou-nos que sulcássemos o mar em direcção a Eubeia, para escaparmos o mais depressa possível ao infortúnio.

Começou a soprar uma sonora monção e as naus, percorrendo com rapidez a piscosa via, chegaram de noite a Geresto, onde oferecemos muitas coxas de toiros a Posséidon, por termos feito a travessia do mar extenso. No quarto dia, os companheiros do filho de Tideu, de Diomedes, domador de cavalos, detiveram em Argos as naus iguais; mas eu segui o rumo de Pilos, não tendo nunca cessado a monção, desde que um deus no princípio da viagem a fizera soprar. Assim cheguei, meu filho, sem saber nada, e ignoro quais dos Aqueus se salvaram e quais pereceram. Mas de tudo quanto eu, vivendo descansado em nosso palácio, ouvi dizer, quero informar-te, como é justo, e nada te ocultarei. Segundo dizem, os Mirmidões, célebres na lança, que comandava o filho preclaro do magnânimo Aquiles, chegaram bem, assim como Filoctetes, filho ilustre de Peias. Idomeneu, igualmente, reconduziu a Creta todos os companheiros que escaparam da guerra, dos quais o mar não lhe arrebatou nenhum. Quanto ao filho de Atreu, vós, apesar de serdes de longe, tendes ouvido dizer que voltou e que Egisto lhe urdiu morte lamentável. Mas este expiou-a ignominiosamente, porque Orestes — como é bom ao varão que morre deixar um filho após de si! — vingou-se do ardiloso Egisto, o assassino que lhe matara seu ilustre pai. Assim tu, amigo, que tens tão

bela aparência e estás tão crescido, sê audaz, para que a posteridade te louve.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Ó Nestor, filho de Neleu, excelsa glória dos povos da Acaia! Ele desafrontou-se, é verdade, e os Aqueus difundirão ao longe sua glória, que a posteridade há-de conhecer também. Oxalá os deuses me revestissem duma tão grande força, para me vingar da petulância molesta dos pretendentes, que se atrevem a maquinar acções iníquas contra mim! Mas os deuses não me deram fortuna a mim nem a meu pai; em todo o caso, é preciso suportar agora tudo.

Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, respondeu-lhe então:

— Contam, meu amigo, que numerosos pretendentes de tua mãe — lembraste-mo, por falares nisto — maquinam, mau grado teu, ciladas no palácio, contra ti.

Dize-me se tu te deixas dominar por eles, ou se na terra o povo te quer mal, obedecendo ao oráculo dum deus. Quem sabe, se teu pai, regressando um dia, se vingará das suas violências, já só, já na companhia de todos os Aqueus juntos? Quem dera que Atena de olhos brilhantes se dignasse amar-te, assim como no país dos Troianos, onde nós, os Aqueus, sofremos calamidades, se desvelou pelo glorioso Ulisses! Eu, na verdade, nunca vi que deuses amassem dum modo tão manifesto, — tal foi a evidência com que Palas Atena lhe assistiu. Se ela se dignasse amar-te assim e ocupar-se de ti em seu coração, neste caso, mais de um dos pretendentes havia de esquecer-se das bodas.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Ó ancião, não creio que isso se venha jamais a realizar, pois é tão extraordinário o que dizes, que me causa admiração. Comigo, ainda que o esperasse, não sucederia assim, nem mesmo se os deuses quisessem.

Disse-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

— Telémaco, que palavra te escapou do cerco dos dentes! Um deus, quando quer, pode, até de longe, com facilidade socorrer ao homem. E eu preferiria voltar a casa e ver o dia do regresso, depois de sofrer muitos trabalhos, a perecer, quando chegasse ao lar, como pereceu Agamémnon pela traição de Egisto e de sua mulher. Mas a morte é comum a todos e os deuses não a podem afastar nem até do varão que lhes é caro, quando a perniciosa Parca da prostradora morte o alcançou.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Mentor, se bem que estejamos em cuidados, não falemos mais disso. O seu regresso nunca se realizará e os deuses imortais já pensaram na morte e no negro destino que ele deve ter. Mas agora quero inquirir de Nestor uma outra coisa e interrogá-lo, porque ele sobrepuja os outros em justiça e prudência e já reinou por três vezes, dizem, sobre as gerações dos homens, de sorte que a meus olhos tem a aparência dum imortal. Ó Nestor, filho de Neleu, dize-me a verdade! Como foi a morte de Agamémnon, de império extenso, filho de Atreu? Onde estava Menelau? Que morte maquinou contra ele o traiçoeiro Egisto, visto ter matado a quem era muito mais valente? Não se encontrava Menelau em Argos da Acaia, ou errava em terras de outras gentes, para aquele ter a ousadia de assassinar o herói?

Então, respondeu-lhe Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos.

— Eu quero, filho, contar-te tudo fielmente. Tu próprio suspeitas, sem dúvida, como o caso se passou. Se o fulvo Menelau, filho de Atreu, na sua chegada de Tróia, encontrasse Egisto vivo no seu palácio, não lhe seria levantado um túmulo, depois de morto, mas os cães e as aves haviam de dilacerar o seu cadáver, estendido na planície, longe da cidade; nem tão-pouco alguma das Aqueias o choraria, por ser monstruoso o crime que meditara. Nós, porém, estávamos em Tróia, fazendo muitas proezas; e Egisto, no recôndito de Argos, de bom pasto para cavalos, usava com sossego de muita lábia para seduzir a esposa de Agamémnon. É verdade que a ilustre Clitemnestra recusou, a princípio, obrar dum modo infame, não só por ter bons sentimentos, mas, além disso, porque lhe assistia um aedo, a quem o filho de Atreu, ao ir para Tróia, recomendou com empenho que lhe guardasse a esposa. Quando, porém, a Parca dos deuses a forçou a submeter-se, então Egisto, conduzindo o aedo para uma ilha deserta, abandonou-o aí, para ser pasto e presa das aves; e a Clitemnestra levou-a consigo para sua casa, conforme o seu desejo e o dela. Depois queimou muitos pedaços de carne sobre os sagrados altares dos deuses e suspendeu nos templos numerosas oferendas, tecidos e oiro, por ter feito uma grande acção que nunca esperou em seu ânimo levar a cabo.

Ora nós, o Atrida e eu, na volta de Tróia, navegámos juntos, como bons amigos; quando, porém, chegámos ao sagrado Súnio, promontório de Atenas, Febo Apolo, sobrevindo com suas frechas sua-

ves, matou o piloto de Menelau, Fróntis, filho de Anetor, que tinha nas mãos o leme da nau ligeira e se distinguia, entre as nações dos homens, no governo duma nau, quando as tempestades investiam contra ela. Assim, não obstante ir com muita pressa, Menelau interrompeu a viagem, para sepultar o companheiro e prestar-lhe as honras fúnebres. Mas, quando suas naus côncavas, navegando outra vez no mar vinhoso, tinham chegado, céleres, ao escarpado promontório de Maleia, então o longividente Zeus dificultou-lhe a viagem e soltou sobre as águas o sopro dos sonoros ventos, de sorte que as ondas entumeciam-se gigantescas como serras. E, separando-se as naus, foram algumas impelidas para Creta, onde os Cidónios habitam junto das margens do Iárdano.

Existe nos extremos de Gertina, no brumoso mar, um rochedo liso e íngreme, que avança pelas águas dentro; ali o Noto arremessa a inflada onda para os lados de Festo, contra o promontório, que olha para o Ocidente, indo as grandes vagas quebrar-se contra essa pequena rocha. Para aqui é que vieram as naus, que foram despedaçadas contra os recifes, a custo escapando os homens da morte. Quanto às outras naus de escura proa, que eram cinco, arremessou-as o vento e a água para o Egipto.

Menelau andava assim a errar com suas naus, por entre gentes de língua estranha, por onde reunia abundantes riquezas e oiro, enquanto Egisto

---

10. Este promontório, que fica a sudeste do Peloponeso, na Lacónia, não deve confundir-se com o do mesmo nome, ao sul da ilha de Lesbos.

meditava, em seu palácio, aqueles feitos deploráveis. Depois do assassínio do filho de Atreu, reinou, durante sete anos, em Micenas, rica em oiro, e o povo era subjugado por ele. Mas, no oitavo, regressou de Atenas, para sua desgraça, o preclaro Orestes, que fez perecer o traiçoeiro Egisto, o assassino que matara seu ilustre pai. Morto ele, ofereceu aos Argivos um banquete, no funeral de sua odiada mãe e do cobarde Egisto; e, nesse mesmo dia, chegava Menelau, valente no combate, com muitas riquezas, com tantas quantas as suas naus podiam levar.

Tu, amigo não vagueies por muito tempo longe do lar, tendo deixado os bens e uns homens tão insolentes em tua casa; não suceda que eles te devorem tudo, depois de distribuírem entre si tua fazenda, e tu faças uma viagem inútil. Todavia exorto-te e incito-te a ir ter com Menelau, pois ele chegou há pouco de além, de entre os povos, donde, em seu ânimo não esperaria voltar aquele a quem, pela primeira vez, as tempestades arremessassem para um pélago tão vasto, que nem as aves podem vir daí num ano, por ser imenso e horrível. Vai, pois agora com tua nau e teus companheiros, ter com ele; mas, se preferes viajar por terra, tens aí carro e cavalos e meus filhos, que te acompanharão à magnífica Lacedómia, onde vive o fulvo Menelau. Pede-lhe que diga a verdade; que ele, como é muito cordato, não mentirá.

Assim falou; entretanto o sol tinha-se posto e sobreviera o crepúsculo. Entre eles, então, Atena, a deusa de olhos brilhantes, disse:

— Ó ancião, tu falaste como era justo. Agora cortai as línguas das vítimas e misturai o vinho, para que, depois de fazermos as libações a Posséi-

don e aos outros deuses imortais, cuidemos de ir para o leito, pois é tempo disso. A luz já mergulhou no ocaso e não convém prolongar muito o festim dos deuses; é melhor que nos vamos.

Assim disse a filha de Zeus; e eles escutaram suas palavras. Os arautos deitaram-lhes água nas mãos e os escravos encheram de bebida as crateras até às bordas e distribuíam-na a todos, vertendo primeiro nos copos as primícias para libarem. Em seguida, colocaram no fogo as línguas das vítimas e, em pé, fizeram as libações. Quando, porém, já tinham executado isto e bebido tanto, quanto a vontade deles quisera, Atena e o divino Telémaco desejaram retirar-se para a bojuda nau. Mas Nestor deteve-os, com estas palavras:

— Não permita Zeus e os outros deuses imortais que vades de junto de mim para a nau ligeira, como de junto de um homem em extremo necessitado e sem roupa, que não tem em casa mantos nem abundância de coberturas, para ele e os hóspedes aí dormirem suavemente. No meu palácio há, todavia, mantos e belas cobertas. E o caro filho desse varão Ulisses não se deitará jamais sobre as tábuas da nau, enquanto eu viver, ou morarem depois de mim os meus filhos no palácio, para receberem qualquer hóspede que a ele chegue.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe:

— Falaste bem, caro ancião, e convém que Telémaco te obedeça, porque é muito melhor desse modo. Por isso ele agora irá contigo, para dormir em teu palácio; eu, porém, vou para a nau escura, a fim de animar os companheiros e ordenar-lhes o que for preciso. Entre eles só me honro

de ser o mais velho, pois esses homens, que vieram connosco por dedicação, são todos moços da mesma idade que o magnânimo Telémaco. Ali me vou agora deitar, a bordo da nau escura; e, de manhã dirigir-me-ei para o país dos magnânimos Caucones, onde devo ser pago duma dívida antiga e não insignificante. Tu, visto que este vai para o teu palácio, envia-o num carro, em companhia de teu filho; e dá-lhe os cavalos mais velozes na carreira e mais fortes.

Depois de ter assim falado, Atena de olhos brilhantes partiu na forma de uma águia, apoderando-se o espanto de todos quantos a viram. O ancião admirou-se também do que presenciara com os olhos; e, com a sua mão na de Telémaco, dirigiu-lhe a palavra dizendo:

— Ó amigo, eu espero que não virás a ser tímido nem cobarde, porque, sendo tão jovem, os deuses fazem-te companhia. Esta divindade não pode ser outra, das que moram no Olimpo, senão a filha de Zeus, a gloriosíssima Tritagénia, que, entre os Argivos, honrava teu intrépido pai. Rainha, sê propícia e dá-me brilhante glória a mim, aos meus filhos e à esposa veneranda! Eu hei-de sacrificar-te uma vitela dum ano, de larga fronte e indomada, a que nenhum homem ainda pôs o jugo; eu sacrificar-ta-ei, depois de lhe ter doirado as pontas.

Tal foi a sua súplica; e Palas Atena escutou-a. Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, dirigiu-se depois para a sua bela morada, à frente dos filhos

---

5-6. Povos, que habitam na Trifília, ao norte do reino de Nestor.

e dos genros. Apenas eles chegaram ao magnífico palácio do rei, assentaram-se por ordem em cadeiras e cadeirões; e para os recém-vindos o ancião misturou na cratera um bom vinho, de onze anos, o qual uma dispenseira abrira tirando a tampa. Feita a mistura na cratera, o ancião, ao mesmo tempo que libava, ia fazendo ardentes votos a Atena, filha de Zeus, portador da égide. Quando, porém, já tinham terminado as libações e bebido tanto quanto a vontade deles quis, então, como desejassem dormir, foi cada um para o seu aposento. Mas a Telémaco, o caro filho do divino Ulisses, Nestor o Gerénio, condutor de cavalos, fê-lo deitar ali, sob o pórtico retumbante, num leito de artística talha, ao pé de Pisístrato, esperto na lança e capião de guerreiros, que era de seus filhos aquele que se conservava no palácio ainda sem casar. Quanto a ele, dormiu no interior do alto palácio, no leito e nas almofadas, que sua esposa lhe preparara.

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, Nestor, Gerénio, condutor de cavalos, levantou-se do leito e, saindo da câmara, foi assentar-se numas pedras lisas, alvas e com um lustre de unguento, que tinha diante da alta porta, sobre as quais, antes, se assentava Neleu, em conselho igual aos deuses. Mas este partira para o Hades, subjugado pela deusa da morte; e agora estava o gerénio Nestor, guarda dos Aqueus, assentado nelas, com o ceptro na mão. Os filhos, tendo saído dos seus aposentos, reuniram-se-lhe todos em volta: Equéfron, Estratio, Perseu, Areto e o divino Trasimedes, a quem depois se ajuntou o sexto, o herói Pisístrato. Eles conduziram Telémaco, semelhante a um deus, e convidaram-no a assentar-se ao pé de

Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, que, tomando a palavra, disse-lhes:

— Meus filhos, satisfazei depressa o meu desejo, a fim de que, primeiro que aos outros deuses, propicie Atena, que veio visìvelmente ao opulento festim em honra do nosso deus. Um vá ao campo por uma vitela; e, para que chegue com a maior brevidade, o vaqueiro que a traga; outro dirija-se à escura nau do magnânimo Telémaco e guie para aqui todos os seus companheiros, deixando lá apenas dois; e um terceiro mande cá vir o ourives Laerces, para doirar as pontas da vitela. Quanto a vós, os restantes, ficai aqui todos e ide lá dentro, ao nobre palácio, dizer às escravas que preparem o festim e tragam assentos, lenha e água limpa.

Assim falou ele; e todos se apressaram a executar as ordens. Do campo chegou a vitela; os companheiros do magnânimo Telémaco vieram da nau ligeira e igual; e o artífice apresentou-se com os instrumentos de bronze na mão, utensílios de sua arte — a safra, o martelo e as tenazes bem feitas — com os quais trabalha o oiro. Atena compareceu também, para receber o sacrifício. O velho Nestor, condutor de cavalos, deu o oiro, com que o ourives doirou, conforme a sua arte, as pontas da vitela, para que a deusa, vendo o oferenda, se regozijasse. Em seguida, Estratio e o ilustre Equéfron aproximaram o animal, segurando-o pelas pontas. Areto veio da dispensa com água lustral numa floreada bacia e, na mão esquerda, as molas den-

30, *molas*. Bolos de farinha de cevada, ou pastas de grãos de cevada, umas vezes bem triturados no almofariz, outras levemente pisados, para casos diversos da liturgia.

tro dum açafate. Ao pé da vitela estava o belicoso Trasimedes com um afiado machado, com que devia abatê-la; e Perseu sustinha o vaso para recolher o sangue. Depois o velho Nestor, condutor de cavalos, começou a cerimónia da lustração e a espalhar as molas; e fazia muitos votos a Atena, ao iniciar o sacrifício, e lançava no fogo os cabelos da cabeça da vítima.

Acabada a súplica e espalhadas as molas, o audaz Trasimedes, filho de Nestor, que estava ao pé da bezerra, feriu-a com o machado, cortando-lhe os tendões do pescoço, o que lhe tirou toda a força vital. E as mulheres ergueram então para os deuses suas vozes em grita: as filhas, as noras e a pudica esposa de Nestor, Eurídica, venerável entre os filhos de Clímeno. Eles, depois, erguendo a vítima da terra de largos caminhos, aguentaram-na assim, enquanto Pisístrato, capitão de guerreiros, a degolava. Em seguida, como se tivesse estancado o sangue negro e a vida lhe abandonasse os ossos, sem dilação esquartejaram-na, extraíram-lhe os ossos inteiros das coxas, segundo o rito, e envolveram-nos com uma dupla camada da gordura, e sobre esta colocaram, enfim, pedaços de carne. Feito isto, o ancião, assistido dos jovens, que tinham nas mãos garfos de cinco dentes, pôs o sacrifício sobre lenha acesa e derramou-lhe por cima rutilante vinho. Depois de as coxas serem queimadas e as vísceras comidas, espostejaram a outra carne e assaram os bocados em espetos ponteagudos que seguravam nas mãos. Entretanto a filha mais nova de Nestor, filho de Ne-

---

5. *lustração.* Consistia esta cerimónia na ritual lavagem das mãos, antes de começar o sacrifício.

leu, a bela Policasta, banhara a Telémaco. E, quando ele saiu do banho ungido com óleo de oliveira e com um manto esplêndido sobre a túnica, seu corpo assemelhava-se aos dos deuses imortais; e dirigindo-se então para Nestor, pastor de povos, assentou-se a seu lado.

Apenas, porém, foram assadas as carnes exteriores e tiradas dos espetos, assentaram-se, para celebrar o festim; e serventes nobres, que estavam vigilantes, iam-lhes deitando vinho nos copos de oiro. Mas, quando tinham saciado o desejo de beber e de comer, Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, tomando a palavra, disse-lhes:

— Meus filhos, conduzi os cavalos de belas crinas e atrelai-os ao carro, para que Telémaco leve a cabo a sua viagem.

Assim falou. Eles, prestando-lhe atenção, obedeceram e os cavalos ligeiros foram ràpidamente jungidos ao carro. Dentro deste, uma dispenseira colocou pão, vinho e conduto, que os reis, alunos de Zeus, costumam comer. E, depois de Telémaco subir para o carro magnífico, Pisístrato, capitão de guerreiros, filho de Nestor, foi assentar-se a seu lado, e tomou as rédeas na mão e com o chicote pôs em andamento os cavalos, que voaram com ardor para a planície, deixando a alta cidade de Pilos. E, durante todo o dia, não deixaram de agitar o jugo, que sustinham pelas extremidades. Quando o sol se tinha posto e todas as ruas iam escurecendo, chegaram a Feras, ao palácio de Diocles, filho de Ortíloco, que tinha por pai a Alfeu. Ali pernoitaram e Diocles ofereceu-lhes os dons da hospitalidade.

Logo que apareceu a madrugadora Aurora de

róseos dedos, tendo atrelado os cavalos e subido para o carro de ornato vário, guiaram-no para fora do vestíbulo e do pórtico sonoroso. E Pisístrato, com o chicote, pôs em andamento os cavalos, que voaram com ardor e vieram para a planície fértil em trigo, terminando logo, em seguida, a viagem — tal foi a rapidez, com que os cavalos velozes os transportaram. Pusera-se o sol e todas as ruas iam escurecendo...

RAPSÓDIA IV

Telémaco em Lacedemónia

Eles chegaram então à funda Lacedemónia, de grandes desfiladeiros, e dirigiram-se para o palácio do afamado Menelau, que encontraram em casa, a celebrar com muitos parentes o banquete das núpcias de seu filho e de sua filha irrepreensível. Esta enviava-a ele ao filho de Aquiles, rompedor das hostes, porque lha prometera em Tróia, pela primeira vez, e afirmara com um sinal de cabeça que lha daria; e agora os deuses efectuavam-lhes o casamento. Mandava-a ir, pois, num carro a cavalos, para a cidade dos Mirmidões, sobre os quais aquele reinava. Para o filho, porém, conduzira-lhe de Esparta a filha de Alector. Ele, o audaz Megapentes, era o filho predilecto, que lhe nascera duma escrava, pois os deuses não davam mais descendência a Helena, depois do nascimento da engraçada criança Hermíona, de feições iguais às da áurea Afrodita.

Assim se deleitavam com o festim no palácio grande e de alto tecto os vizinhos e parentes do afamado Menelau, entre os quais um divino aedo cantava, acompanhando com a cítara o canto, ao mesmo tempo que, desde o princípio deste, dois dançarinos iam saltando pelo meio dos convivas. Ora os

---

1, *funda Lacedemónia*. Isto é, com profundos vales entre altas montanhas.

14, *predilecto*. É a tradução corrente; entretanto Döderlein quer que o termo grego, a rigor, signifique: «que está na adolescência.

dois, o herói Telémaco e o glorioso filho de Nestor, tinham feito parar os cavalos em frente do portal da casa. O poderoso Eteoneu, o criado diligente do celebrado Menelau, saindo fora, viu-os e foi através da sala dar a notícia ao pastor dos povos, junto do qual parando, proferiu estas aladas palavras:

— Ó Menelau, aluno de Zeus, estão ali dois estrangeiros, dois varões, que parecem da família do grande Zeus. Dize se devemos desatrelar-lhes os ligeiros cavalos ou mandá-los ir a outrem, que lhes dê amigável acolhimento.

O fulvo Menelau, veementemente indignado, replicou-lhe:

— Tu dantes, Eteoneu Boetida, não eras tão louco; mas agora dizes tolices como uma criança. Também nós, antes de cá chegarmos, comemos muitas vezes à mesa hospitaleira de outros homens; e oxalá Zeus, no futuro, nos livre de tal miséria! Desatrela os cavalos aos estrangeiros e guia-os para aqui, para se banquetearem.

Assim disse; e Eteoneu, atravessando a sala com toda a pressa, ordenou aos outros escravos diligentes que o acompanhassem. Tiraram, então, do jugo os cavalos, que suavam, e prenderam-nos às equinas manjedoiras; depois, lançaram-lhes adiante uma mistura de espelta e de branca cevada, encostaram o carro à parede reluzente, ao lado da porta, e introduziram os hóspedes na morada divina. Eles olhavam para o palácio do rei, aluno de Zeus, admirados do brilho semelhante ao do Sol e da Lua, que resplandecia dentro dessa mansão de alto tecto do famigerado Menelau. Mas, quando seus olhos se tinham fartado de contemplar o espectáculo, dirigiram-se a banheiras bem polidas, onde se banharam.

Depois de banhados e de serem ungidos com óleo pelas escravas, que lhes deitaram aos ombros mantos de lã, sobre as túnicas, foram assentar-se em cadeiras, junto de Menelau, filho de Atreu. Uma escrava, trazendo então água para se levarem, num belo jarro de oiro, deitou-lha nas mãos, sobre uma argêntea bacia; e pôs uma polida mesa adiante deles. Uma dispenseira veneranda serviu-lhes pão, além de muitos outros manjares existentes de reserva, dos quais distribuía com gosto. E um trinchante trouxe pratos de variada carne, que lhes ofereceu; e colocou copos de oiro à sua beira. O fulvo Menelau saudando-os, disse-lhes:

— Pegai em alimentos e regozijai-vos! Depois, porém, quando terminardes a refeição, perguntar-vos-ei quem sois. A linhagem de vossos pais não degenerou em vós; e sem dúvida sois descendentes de reis, alunos de Zeus, que trazem o ceptro, pois a gente plebeia não poderia ter semelhantes filhos.

Assim falou; e tomando nas mãos um gordo lombo de boi assado, com que o tinham distinguido, ofereceu-o a ambos. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, Telémaco disse ao filho de Nestor, aproximando a sua cabeça da dele, para que os outros não o ouvissem:

— Considera, filho de Nestor, amado do meu coração, como pelo ressoante palácio resplandece o bronze, o oiro, o electro, a prata e o marfim.

30, *electro*. Segundo o testemunho dos antigos, era uma mistura de quatro partes de oiro com uma de prata. Na opinião de Buttmann o electro, de que fala Homero, é o âmbar.

Certamente é como este o interior do palácio de Zeus Olímpico. A língua não pode exprimir todas estas maravilhas e eu fico-me assombrado a olhar para elas.

O fulvo Menelau percebeu o que ele dizia e, dirigindo-se aos dois, pronunciou estas aladas palavras:

— Meus filhos, nenhum mortal poderia certamente ser émulo de Zeus: suas moradas e seus bens são perenes; mas comigo poderá entre os homens alguém rivalizar ou não em riquezas. A verdade é que no regresso, ao oitavo ano, as trouxe em minhas naus, depois de sofrer numerosos trabalhos e de andar errante por muitas terras: por Chipre, Fenícia e Egipto, chegando até à região dos Etíopes, dos Sidónios e Erembos e até à Líbia, onde aos anhos os chifres nascem cedo e as ovelhas criam três vezes cada ano. Ali o amo e o pastor não carecem de queijo e carne ou de doce leite, porque elas podem ser ordenhadas em qualquer tempo.

Enquanto eu, porém, andava por aquelas terras, reunindo grande fortuna, um homem, às escondidas e inopinadamente, matou-me o irmão, por traição da sua funesta esposa. Assim não me alegro de ser senhor de todas estas riquezas. Vós deveis ter ouvido isto a vossos pais, quem quer que eles sejam; pois que além de sofrer numerosos trabalhos, perdi um palácio muito confortável, que continha preciosidades em abundância. Oxalá vivesse numa habitação, apenas com a terça parte desses bens, e se tivessem salvado os varões que pereceram um dia na vasta Tróia, longe de Argos, de bom pasto para cavalos! Eu, ainda que frequentemente assentado

em nossa casa, os choro e lamento a todos, agora aliviando o coração com as lágrimas, logo parando, — pois depressa cansam as terríveis queixas, — contudo, por nenhum deles choro tanto, em minha aflição, como por um, cuja lembrança me faz abor-
5 recer o sono e a comida, porque ninguém, entre os Aqueus, passou por tantos trabalhos quantos Ulisses suportou e empreendeu. A ele estavam-lhe reservadas as tribulações e a mim uma perpétua tris-
10 teza por sua causa, porquanto, devido à sua longa ausência, ignoramos se está vivo ou morto. E naturalmente chora-o o velho Laertes com a sensata Penélope e Telémaco, que ele deixou em sua casa, recém-nascido.

15 Assim disse; e a Telémaco causaram estas palavras ânsias de chorar por seu pai. Ao ouvir o nome de Ulisses, as lágrimas começaram a correr-lhe das pálpebras para o chão e, erguendo com as duas mãos o manto purpúreo, conservou-o adiante dos
20 olhos. Percebeu isto Menelau e considerou em seu espírito e em seu coração se o deixaria espontâneamente mencionar o pai, ou se devia ser o primeiro a interrogá-lo e a informar-se de tudo. Enquanto assim pensava em seu espírito e em seu
25 coração, saiu Helena do aposento perfumado e de alto tecto, semelhante a Ártemis, das frechas de oiro. Adrasta dispôs para ela um trono artisticamente trabalhado, Alcipe trouxe um tapete de macia lã e Filo um cestinho de prata, que lhe dera
30 Alcandra, esposa de Pólibo, o qual habitava em Tebas, no Egipto, cujas habitações encerram grandes preciosidades. Este presenteara Menelau com duas banheiras argênteas, duas trípodes e dez talentos de oiro. De sua parte, a esposa dera a Helena

preciosos dons; uma áurea roca e um cestinho de prata, redondo no fundo, cujas bordas tinham sido trabalhadas a oiro. Foi este que a escrava Filo trouxe e apresentou a Helena, cheio de fio hàbilmente fiado, sobre o qual estava a roca carregada de lã preta. Ela assentou-se no trono e pôs os pés sobre um escabelo. E imediatamente indagou tudo do esposo, com estas palavras:

— Já sabemos, Menelau, aluno de Zeus, que homens se honram de ter vindo a nossa casa? Mentirei ou direi a verdade? O coração incita-me a ser sincera. Creio que nunca vi ninguém, homem ou mulher, que se parecesse tanto com outrem — eu estou assombrada a olhar para ele — como este se parece com Telémaco, o filho do magnânimo Ulisses, que este varão deixou em sua casa recém-nascido, quando vós, os Aqueus, cercastes os muros de Tróia para travardes rija batalha por causa de mim, cara sem vergonha.

— O fulvo Menelau, em resposta, disse-me.

— Também eu, mulher, noto agora a mesma semelhança, que tu julgas ver; os pés e as mãos daquele eram assim, bem como o seu olhar, a cabeça e, por cima, a cabeleira. E há pouco, como eu aludisse a Ulisses e falasse nas aflições e trabalhos que ele suportou por mim, a este começaram a correr amargas lágrimas das pálpebras e com o purpúreo manto escondeu os olhos.

Em seguida, replicou-lhe Pisístrato, filho de Nestor:

— Ó Menelau Atrida, aluno de Zeus e chefe de

1-2, *cestinho... redondo no fundo.* Ou provido de rodas na parte inferior.

povos! Este é na verdade filho de Ulisses, como dizes; mas tem discrição e julga em seu ânimo indecoroso deixar, na sua primeira visita, sair da boca muitas palavras na presença de ti, cuja voz nos deleita, como se fora a dum deus. Quanto a mim, fui enviado por Nestor, o Gerénio, condutor de cavalos, para acompanhá-lo, visto Telémaco desejar ver-te, a fim de que o aconselhes ou lhe declares o que tem a fazer. Um filho, se em casa lhe falta o pai, padece muitas aflições e não tem quem o ampare: assim acontece agora a Telémaco, cujo pai se ausentou, ficando ele sem ninguém na sua terra que o possa defender do infortúnio.

O fulvo Menelau, em resposta, disse-lhe:

— Oh! sempre é certo que veio a minha casa o filho do varão querido, que por causa de mim sofreu tantos trabalhos! Eu propunha-me acolhê-lo, na sua vinda, com mais carinho que a qualquer dos Argivos, se o longividente Zeus Olímpico permitisse que nas ligeiras naus voltássemos ambos, por sobre as ondas. E dar-lhe-ia uma cidade, em Argos, para habitar e construir-lhe-ia um palácio; depois havia de o trazer de Ítaca com os seus bens, seu filho e todo o seu povo, tendo feito despovoar uma das cidades circunvizinhas, sobre as quais domino. Vivendo perto um do outro, visitar-nos-íamos muitas vezes; e nada nos separaria da nossa amizade e do nosso contentamento, até que a negra nuvem da morte nos envolvesse. Mas um deus devia ter invejado tal felicidade, privando só a este infeliz do regresso.

Assim disse; e a todos causaram estas palavras ânsias de chorar. Chorava a argiva Helena, nascida de Zeus; e chorava Telémaco e Menelau Atrida.

Nem sequer o filho de Nestor ficou com os olhos enxutos, porque se recordou em seu ânimo do irrepreensível Antíloco, que foi morto pelo ilustre filho da brilhante Aurora. Lembrando-se dele, disse estas aladas palavras:

— Ó filho de Atreu, dizia o velho Nestor, (quando em seu palácio nos lembrávamos de ti e nos interrogávamos mùtuamente), que tu eras celebrado por tua prudência, entre os mortais. Portanto, agora, se é possível, segue o meu conselho: eu não sinto prazer nas lágrimas durante a ceia; mas, quando despontar a madrugadora Aurora, não censuro que se chorem aqueles que deixaram de existir, em cumprimento de seu destino. Sem dúvida, a esses infelizes, a única honra que lhes podemos tributar é esta: cortar a cabeleira e deixar correr as lágrimas pelas faces. Também morreu meu irmão, que não era o mais pusilânime dos Argivos — tu deves tê-lo visto; eu não o encontrei, nem consegui vê-lo — e, segundo dizem, Antíloco superava os outros e era um lutador muito ágil na carreira.

O fulvo Menelau, em resposta, disse-lhe:

— Ó amigo, tu proferiste tais coisas quais um homem sensato e até um mais idoso que tu diria e faria. És filho de tal pai, pois falas com tanta prudência. É fácil conhecer a prole do varão, que o filho de Cronos determinou que fosse feliz nas núpcias e em seu nascimento, como sucede agora com Nestor, a quem ele concedeu que através da vida envelhecesse confortàvelmente no seu palácio, e tivesse filhos prudentes e hábeis no combate da lança. Deixando, portanto, o choro, que nos ocupou até agora, pensemos outra vez na ceia e que nos deitem água nas mãos. E, de manhã, Telé-

maco e eu conversaremos a sério sobre o que nos importa.

Assim disse; e Asfalíon, o servo diligente do afamado Menelau, deitou-lhes água nas mãos. E eles estenderam-nas para os manjares colocados à sua frente.

Helena, nascida de Zeus, planeou então outro projecto. No vinho, de que eles bebiam, lançou de súbito uma droga, um calmante da dor e da cólera, que fazia esquecer todos os males. E àquele que a tragasse, depois de ter sido misturada na cratera, não lhe correriam mais, em todo o dia, as lágrimas pelas faces, nem mesmo se lhe morresse a mãe e o pai, ou lhe matassem com o bronze, na sua presença e diante dos olhos, o irmão ou o filho. Drogas tão úteis e excelentes possuía-as a filha de Zeus, como dádiva da esposa de Ton, da egípcia Polidamna, em cujo país a terra, fértil em trigo, produz grande abundância delas, de muitas das quais a mistura é salutar e a de outras prejudicial. Aí, cada homem é um médico, superior a todos os demais, pois descende da raça de Péon. Ora, depois de ter deitado a droga no vinho e mandado distribuí-lo, Helena falou de novo, dizendo:

— Menelau Atrida, aluno de Zeus, e vós, filhos de varões ousados! Uma divindade, Zeus, concede ora bens a uns, ora males a outros, porque pode tudo. Mas agora banqueteai-vos, assentados no palácio, e entretende-vos conversando, que eu quero dizer-vos coisas apropriadas à ocasião. Na verdade, não vou contar nem referir todos os feitos do paciente Ulisses; mas falarei sòmente de quanto o varão ousado tentou e fez em terras de Tróia, onde vós, Aqueus, sofrestes tantos reveses. Ten-

do-se golpeado a si próprio duma maneira indigna e lançando aos ombros uns vis andrajos, penetrou, em figura de escravo, na cidade de largas ruas, habitada pelos seus inimigos. Disfarçando-se assim, e parecendo um outro homem, um mendigo, ele, que não era tal, junto das naus dos Aqueus, entrou, sob essa aparência na cidade dos Troianos. E estes não o conheceram; só eu o reconheci, apesar do seu disfarce, e interroguei-o. Ele, porém, procurou evitar-me, com astúcia; mas, quando, depois do banho e de o ter ungido com óleo, lhe dei vestidos e lhe fiz solene juramento de não revelar aos inimigos que ele era Ulisses, sem primeiro ter chegado às naus ligeiras e às tendas, só então me expôs todo o plano dos Aqueus. E após ter dado a morte com o bronze de longo fio a numerosos Troianos, voltou com muitas informações ao campo dos Argivos. Nesse tempo, as outras mulheres de Tróia carpiam alto; mas o meu peito exultava, porque já o coração se tinha inclinado a voltar para casa e sentia pena da loucura causada por Afrodita, quando me levou da minha terra pátria para lá, deixando a minha filha, a câmara e um esposo, que não é inferior a ninguém, tanto no espírito como na figura.

O fulvo Menelau, em resposta, disse-lhe:

— Sim, mulher; tu contaste tudo isso com exactidão. Eu já tive ocasião de ponderar quanto vale a cabeça e o braço de heróis de mui variado feitio, e visitei muita terra; mas nunca vi com meus olhos ninguém que tivesse um coração como o paciente Ulisses. Quanto não empreendeu e realizou aquele varão ousado, dentro do cavalo de madeira, onde os mais valentes dos Argivos estavam emboscados,

para levarem aos Troianos extermínio e morte! Tu aproximaste-te da máquina, seguida pelo Deífobo, semelhante a um deus. Uma divindade, desejando que os Troianos alcançassem o triunfo, não faria outra coisa. E rodeaste por três vezes o *cavalo* bojudo, tacteando-o e chamando por seu nome os mais valentes dos Argivos, com uma voz igual à das suas esposas. Eu e o Tidida estávamos assentados com o ilustre Ulisses no meio deles e ouvíamos o teu apelo. E a nós ambos o desejo incitava-nos a sair para fora ou a responder-te logo do interior; Ulisses, porém, deteve-nos, reprimindo a nossa vontade. Então todos os filhos dos Aqueus se conservaram em silêncio, excepto Anticlo, que queria responder-te; mas Ulisses, com suas poderosas mãos, tapava-lhe de contínuo a boca, salvando assim a todos os Aqueus; e só o deixou livre, quando Palas Atena te levou para longe.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Menelau Atrida, aluno de Zeus e chefe de povos! Isso é doloroso, porquanto tais feitos não lhe evitaram uma lamentável morte, nem lha evitariam, ainda que tivesse no peito um coração de ferro. Mas conduze-nos para a cama, a fim de que, deitados, gozemos do doce sono.

Assim disse; e a argiva Helena ordenou às escravas que lhes erguessem os leitos do pórtico e pusessem neles belas mantas purpúreas; que estendessem colchas por cima e os guarnecessem de mantos de lã para os hóspedes se recobrirem. Elas saíram da sala com um archote e prepararam as camas, para as quais os hóspedes foram guiados por um arauto. O herói Telémaco e o ilustre filho de Nestor deitaram-se, pois, ali, no vestíbulo da casa. O filho

de Atreu, porém, dormiu no recôndito do palácio de alto tecto; e, ao lado, deitou-se Helena, de longo peplo, e mulher preclara.

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, levantou-se do leito Menelau, valente no combate, e depois de se ter vestido, suspendeu do ombro a cortante espada, ligou belas sandálias aos pés luzidios e saiu do aposento, no aspecto igual a um deus, indo assentar-se junto de Telémaco. E, dirigindo-lhe a palavra, falou assim:

— Herói Telémaco, que necessidade te trouxe aqui, à magnífica Lacedemónia, por sobre o vasto dorso do mar? Foi um negócio de interesse público ou particular? Expõe-mo com toda a franqueza.

Replicou-lhe então o prudente Telémaco:

— Menelau Atrida, aluno de Zeus e chefe de povos, eu vinha ver se me poderias dar notícias de meu pai. A minha casa é devorada, as produtivas terras arruínam-se e o palácio está cheio de homens inimigos, os quais não cessam de abater-me ovelhas em grande número e bois de andar pesado e rodantes pés, tendo, além disso, a insolência petulante de pretender minha mãe. Por essa razão, venho abraçar os teus joelhos, na esperança de que te dignes declarar-me a morte deplorável de meu pai, caso tenhas sido testemunha dela, ou ouvido a algum viajante falar daquele, cuja mãe o deu à luz para ser o mais infeliz dos homens. Não atenues os factos por piedade ou consideração para comigo, mas conta-me exactamente o sucedido como tu o viste. Eu rogo-te: se alguma vez o egrégio Ulisses, meu pai, cumpriu a promessa de obrar ou dizer alguma coisa em teu favor, lá no país dos Troianos, onde

vós, os Aqueus, sofrestes calamidades, lembra-te agora disso e expõe-me toda a verdade.

Com forte indignação respondeu-lhe o ruivo Menelau:

— Oh! é pois certo que esses imbecis pretendem deitar-se no leito do varão de ânimo ousado! Será como acontece na espessura do bosque, quando lépida corça vai largar e aconchegar as crias em cama de leão, seguindo a pastar e a farejar por cerros e vales ervosos, e volta depois a ver a família, — eis que volta também o patrão do domicílio e extermina de má morte mãe corça e veadinhos: assim Ulisses dará morte vil aos pretendentes. Quem dera, pai Zeus e vós, Atena e Apolo, que o homem que um dia na bem construída Lesbos combateu com Filomelida, numa contenda; e enchendo de alegria todos os Aqueus, o deitou com violência ao chão — quem dera que esse mesmo Ulisses arremetesse contra os pretendentes! Todos teriam morte prematura e bodas enlutadas. Quanto à tua pergunta e sobre o que me pedes, eu não me afastarei da verdade, nem te enganarei; mas quero revelar-te tudo, sem omitir uma palavra sequer, quanto o infalível ancião marinho me contou.

Por não ter sacrificado aos deuses as hecatombes da lei, eles, que desejam que nos recordemos sempre dos seus mandados, retinham-me no Egipto apesar da minha ânsia de partir. Ora existe, no muito undoso mar, defronte dessa terra, uma ilha chamada Faro, a qual dista da costa o espaço que percorre, de ordinário, num dia, uma nau côncava, quando a sonora monção lhe dá na popa; e nela há um porto com um ancoradoiro excelente, donde saem as naus iguais para o mar, depois de abaste-

cidas de água profunda. Ali detiveram-me os deuses vinte dias, e nunca, nesse tempo, se viu soprar a monção marinha, que guia as naus sobre o vasto dorso do oceano. E certamente todas as provisões se teriam extinguido, bem como o ânimo dos homens, se uma divindade não se compadecesse de mim e me salvasse — Idótea, a filha do poderoso Proteu, o ancião do mar, à qual eu tinha comovido vivamente o peito. Ela veio ao meu encontro, quando divagava sòzinho longe dos campanheiros, porque estes, apertados pela fome, erravam de contínuo em volta da ilha a pescar com os curvos anzóis. E, parando ao pé de mim, dirigiu-me a palavra, dizendo:

— Ó estrangeiro, tu és assim tão louco e inconsiderado, ou abandonas-te espontâneamente, sentindo gosto em sofrer trabalhos? Pois há longo tempo que estás detido nesta ilha, sem poderes encontrar fim a tal situação, e o ânimo dos teus companheiros vai já esmorecendo.

Assim falou; e eu respondi-lhe:

— Quero notificar-te, quem quer que tu sejas dentre as deusas, que não sou detido voluntàriamente; mas, sem dúvida, hei-de ter pecado contra os imortais que habitam no vasto céu. Tu, porém, já que os deuses tudo sabem, dize-me quem é dos imortais que me prende aqui e me impede a viagem, bem como o modo de regressar, navegando por sobre o mar piscoso.

Assim disse; e logo a deusa preclara me respondeu:

— Ó estrangeiro, eu vou então dizer-to com toda a clareza. Frequenta estes sítios o infalível ancião do mar — o imortal Proteu, egípcio, servo de

Posséidon, que conhece todas as profundidades marinhas e, segundo dizem, é meu pai, foi quem me deu o ser. Se tu, armando-lhe uma cilada, o pudesses apanhar, ele declarar-te-ia o roteiro e a extensão do teu caminho, bem como o modo de regressares, navegando sobre o mar piscoso; e, se quisesses, aluno de Zeus, dir-te-ia também os sucessos, bons ou maus, que tem em tua casa ocorrido na tua ausência, durante esta longa e dolorosa viagem.

Assim falou; e eu disse-lhe:

— Ensina-me agora a cilada que devo armar ao divino ancião. Temo que ele, prevendo-a ou conhecendo-a antecipadamente, se escape, que um homem mortal a custo subjuga um deus.

Assim falei; e logo a deusa preclara me respondeu:

— Ó estrangeiro, eu vou então dizer-ta com toda a clareza. Quando o sol chega ao meio do céu, emerge nesse momento da onda, ao sopro do Zéfiro, o infalível ancião do mar, encoberto pela escura madria; e, saindo para fora, deita-se a dormir numa gruta côncava, no meio das focas de pés nadadores da bela deusa marinha, todas as focas dormem reunidas à sua volta, depois de emergirem do pardacendo mar, exalando o forte odor dos abismos profundos. Ao romper da aurora, eu conduzir-te-ei para aí, onde vos colocarei por ordem, a ti e aos teus companheiros, dos quais deves cuidadosamente es-

---

23. *de pés nadadores*. «Nepodes» é o termo correspondente, que alguns traduzem: «sem pés»; outros dão-lhe o significado de «sem descendentes», aproximando a palavra do latim «nepotes».

colher três, os melhores que tiveres nas naves de boa coberta. Vou revelar-te todas as funestas artimanhas do ancião. Primeiramente, ele contará e inspeccionará as focas; e, depois de as ter contado todas e percorrido com os olhos, deita-se no meio delas, como um pastor entre o rebanho das suas ovelhas. Apenas o virdes deitado, cuidai então de usar de força e violência e detendo-o no mesmo sítio, não obstante o seu desejo de fugir e os esforços que para isso faça. Ele tentará conseguí-lo, transformando-se nos seres que rastejam pelo solo, em água e no fogo de ardor violento; vós, porém, segurai-o firmes e apertai-o ainda mais. Mas, quando o ancião, tomando a forma, em que o tiverdes visto deitado, te interrogar verbalmente, não o violentes mais; solta-o, herói, e pergunta-lhe qual dos deuses está indignado contra ti, bem como o modo de regressares, navegando por sobre o mar piscoso.

Ditas estas palavras, mergulhou no mar ondulante; e eu dirigi-me para a praia, onde estavam as naus, sentindo pelo caminho o coração muito sobressaltado. Logo que cheguei à minha nau, junto do mar, preparámos a ceia. Sobreveio depois a noite divina e então fomos deitar-nos nos rochedos marítimos. Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, caminhava eu ao longo da praia do mar, de amplos caminhos, fazendo muitas súplicas aos deuses, com os três companheiros, em quem punha mais confiança na execução de qualquer empresa. Entretanto Idótea, que mergulhara no vasto seio do mar, trouxera daí quatro peles de foca, todas arrancadas recentemente: esta era a traição que imaginara contra seu pai. E, depois de abrir umas covas na areia da praia, ficou

assentada à nossa espera. Quando, porém, chegámos à sua beira, deitou-nos aí, por ordem, e cobriu a cada um de nós com uma das peles. Dentro das covas, a cilada ia-nos custar muito caro, porque o cheiro em extremo repugnante das focas, filhas do mar, incomodava-nos horrìvelmente. Quem poderia deitar-se junto dum monstro marinho? Mas Idótea valeu-nos, pensando num confortante enérgico: colocou ambrósia, que consigo trouxera e exala um agradabilíssimo aroma, no nariz de cada um, e o fedor do monstro foi assim destruído.

Durante toda a manhã, esperámos, de ânimo paciente, até que as focas saíram juntas do mar e se deitaram em seguida, por ordem, ao pé dum rochedo marítimo. Pelo meio-dia, o ancião, emergindo das ondas, procurou as gordas focas; depois examinou-as a todas, contando o seu número. Entre os monstros, nós fomos os primeiros que ele contou: em seu ânimo não suspeitava de nenhuma cilada; por fim deitou-se também. Então nós, aos gritos, lançámo-nos contra ele e cingimos-lhe o corpo com os braços. O ancião, porém, não esquecendo as suas artimanhas, transformou-se primeiro num leão de grande juba e logo num dragão, numa pantera e num enorme javali; tornou-se também água líquida e árvore de altas frondes, enquanto nós, de ânimo paciente, o segurávamos fortemente. Mas, como já estivesse aflito o velho, hábil em funestas artes, dirigindo-me a palavra, interrogou:

— Ó filho de Atreu, qual dos deuses te aconselhou, para que tu me pudesses prender contra minha vontade, por meio duma cilada? Que desejas?

Assim disse; e eu repliquei-lhe:

— Tu sabes, ó ancião — porque me perguntas

isso, tentando enganar-me? — tu sabes que sou há longo tempo detido nesta ilha, sem poder encontrar fim a tal situação, e que no meu peito o ânimo vai já esmorecendo. Declara-me, já que os deuses tudo conhecem, quem é dos imortais, que me prende aqui e me impede a viagem, bem como o modo de regressar, navegando por sobre o mar piscoso.

Assim falei; e ele disse-me logo em resposta:

— Tu só devias embarcar depois de teres oferecido a Zeus e aos demais deuses sacrifícios excelentes, para que, navegando por sobre o mar vinhoso, chegasses, sem demora, à tua pátria. Porquanto não te é permitido ver os amigos e tornar à bem construída casa e à tua pátria terra, sem primeiro, voltando de novo às águas do rio Egipto, que as chuvas alimentam, ofereceres sagradas hecatombes aos deuses imortais, moradores do vasto céu. Só depois disso é que eles concederão que faças a viagem desejada.

Assim disse; e o meu coração confrangeu-se pelo facto de ele me prescrever uma longa e penosa viagem, — que voltasse por sobre o mar brumoso de novo para o Egipto. Não obstante, em resposta, disse-lhe assim:

— Eu cumprirei, ancião, isso que tu ordenas. Mas dize e relata-me sinceramente se os Aqueus tiveram todos com suas naves um feliz regresso, dos quais Nestor e eu, ao partirmos de Tróia, nos separámos; ou se algum sucumbiu à morte cruel, na sua nau ou nos braços dos amigos, uma vez terminada a guerra.

Assim falei; e ele disse-me logo em resposta:

— Filho de Atreu, porque me perguntas isso? Não te convém sabê-lo, nem desvendar o meu espí-

rito; e não creio que fiques por muito tempo com os olhos enxutos, depois de seres de tudo informado. Sabe: muitos deles pereceram, e muitos outros salvaram-se. Os dois chefes dos Aqueus de brônzeas couraças foram os únicos que morreram no regresso; a respeito do sucedido na batalha tu também assististe a ela. Há, porém, um que vive ainda, detido algures, no vasto mar. Ajace sucumbiu com suas naus de longos remos. Posséidon, impelindo-o primeiro para as grandes rochas Giras, salvara-o das ondas; e escapar-se-ia da morte, apesar do ódio de Atena, se, fortemente obcecado, não pronunciasse uma palavra atrevida: ele dissera que tinha fugido dos profundos abismos do mar contra a vontade dos deuses. Ora Posséidon ouviu este dito jactancioso; e logo, tomando o tridente nas mãos vigorosas, feriu a rocha Gíria, que se quebrou em duas. E um pedaço permaneceu no mesmo sítio, o outro, porém, sobre o qual Ajace, quando estava assentado aí, se deixara obcecar pela violência, esse caiu nas ondas e arrastou o criminoso para o fundo do imenso mar ondulante. Deste modo pereceu ali, depois de beber água salgada. Teu irmão fugiu ao destino, escapando-se na côncava nau.

A veneranda Hera foi quem o salvou. Mas,quando já ia a chegar ao promontório íngreme de Maleia, uma tempestade arrebatando o infeliz, que soltava fortes gemidos, levou-o pelo mar piscoso para o extremo da região, na qual anteriormente Tiestes tinha seu palácio, que nesse tempo era habitado por Egisto, seu filho. Desde aquele ponto pareceu-lhe que já o regresso seria feliz, como os deuses voltassem a monção; e eles chegaram, enfim, à pátria.

Com alegria, Agamémnon pôs pé na terra natal,

que tocou e beijou; e derramava copiosas e ardentes lágrimas, pelo gozo que sentia, por tornar a vê-la. Mas da atalaia observou-o o espia, que o traiçoeiro Egisto trouxera e postara lá, prometendo-lhe em paga dois talentos de oiro. E ele, que vigiava havia um ano, para que Agamémnon não viesse sem ser visto, lembrado da sua impetuosa força, notou-o e foi ao palácio anunciá-lo ao pastor de povos. Imediatamente Egisto pensou num ardil: escolhendo vinte dos homens mais valentes da terra, pô-los de emboscada e, doutra parte, mandou preparar um banquete. Entretanto, imaginando pérfidos planos, foi com cavalos e carros convidar a Agamémnon, pastor de povos. E trouxe o herói, que não sabia que ia para a morte, e o trucidou durante o banquete, assim como quem mata um boi na manjedoira. Não escaparam os companheiros que seguiram o filho de Atreu, nem tão-pouco os de Egisto; mas pereceram todos na sala.

Assim disse; e o meu coração confrangeu-se; e assentado sobre a areia pus-me a chorar, sem ânimo de viver mais nem de ver a luz do sol. Mas, quando estava cansado de chorar e de rolar-me pela terra, o infalível ancião marinho disse-me:

— Não chores, filho de Atreu, durante tão longo tempo e sem interrupção, pois nada alcançamos com isso; mas tenta, antes, o mais depressa possível, chegar à tua terra pátria. Porquanto ou encontrarás Egisto vivo, ou Orestes o terá matado já; e, neste caso, poderias tomar parte no banquete fúnebre.

Assim falou; e o coração e o ânimo ousado, apesar de eu estar aflito, sentiram de novo alívio, dentro do peito; e, dirigindo-me a ele, pronunciei estas palavras aladas:

— Já conheço a sorte desses varões; fala-me agora do terceiro, daquele que, vivo ou morto, é detido no vasto mar. Não obstante a minha aflição, eu desejo ser informado a seu respeito.

Deste modo falei eu; e ele disse-me logo em resposta:

— É o filho de Laertes, de Ítaca. Eu vi-o a derramar abundantes lágrimas numa ilha, no palácio da ninfa Calipso, que lá o retém contrafeito; e ele não pode ir para a sua pátria terra, porque lhe faltam naus providas de remos e companheiros, que o conduzam por sobre o vasto dorso do mar. Quanto a ti, Menelau, aluno de Zeus, os deuses determinaram que não morras em Argos, de bom pasto para cavalos, e completes aí o destino; mas os imortais enviar-te-ão para os Campos Elísios, para os confins da terra, onde vive o fulvo Radamanto e os homens logram mui ditosa vida: não cai aí neve, não há tempestades violentas, nem chove nunca, mas de contínuo o Oceano solta as brisas do Zéfiro de sonoro hálito, para refrescar os homens. Eles enviar-te-ão para lá, porque tens Helena por esposa e és a seus olhos genro de Zeus.

Ditas estas palavras, mergulhou no mar ondulante; e eu com os companheiros iguais aos deuses dirigi-me para as naus, sentindo pelo caminho o coração muito sobressaltado. Logo que cheguei à minha nau, junto do mar, preparámos a ceia. Sobreveio depois a noite divina e, então, fomos deitar-nos nos rochedos marítimos. Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, arrastámos antes de tudo as naves para o mar brilhante e colocámos os mastros e as velas às naus iguais; em seguida, havendo nós embarcado, os remadores

tomaram lugar nos seus bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento. De volta ao rio Egipto, que as chuvas alimentam, ancorei as naus e ofereci rituais hecatombes. E, apenas tinha aplacado a cólera dos deuses sempiternos, levantei um túmulo a Agamémnon, a fim de que sua glória não se extinguisse. Feito isto, parti; e a monção foi-me concedida pelos deuses imortais, que depressa me reconduziram à minha pátria. Tu permanece agora no meu palácio, onze ou doze dias, que depois reenviar-te-ei com dons brilhantes: três cavalos e um carro bem construído; além disso, dar-te-ei uma bela taça para que faças libações aos deuses imortais e todos os dias te lembres de mim.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

— Filho de Atreu, não me detenhas aqui por muito tempo. Eu consentiria sem dúvida em ficar em teu palácio, durante um ano, sem ter saudades de casa nem dos pais, porque sinto imenso prazer em ouvir teus discursos e tuas narrações; mas os meus companheiros devem já estar enfadados, na sagrada Pilos; e há longo tempo que tu me deténs aqui. O presente, qualquer que me dês, seja um que eu possa guardar em lembrança. Os cavalos não os levarei para Ítaca; deixo-tos para teu regalo, porque imperas sobre uma planície extensa, onde cresce o trevo em abundância, a junça, o trigo, a espelta e a branca cevada de larga espiga. Em Ítaca, porém, não existem lugares vastos para corridas, nem prado algum; mas abundam as pastagens para cabras, que são muito mais amenas do que os campos que nutrem cavalos. Nenhuma das ilhas situadas no mar tem caminhos próprios para

se andar em carro ou a cavalo, nem é rica em prados; e Ítaca menos que qualquer outra.

Assim falou; e Menelau, valente no combate, sorriu-se. Acariciando-o com a mão, dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

— Meu filho, no teu falar mostras que és de sangue ilustre. Eu trocar-te-ei então os presentes, pois posso fazê-lo. De quantos há em minha casa, que se possam guardar como lembrança, quero dar-te o mais belo e precioso: oferecer-te-ei uma cratera artística, toda de prata, cujas bordas foram trabalhadas a oiro e é obra de Hefestos. O herói Fédimo, rei dos Sidónios, ofereceu-ma quando me acolheu em sua casa, onde passei no meu regresso. Este é o presente que te quero dar.

Tal era o colóquio que tinha entre si.

Entretanto os convivas entravam para o palácio do divino rei. Estes traziam ovelhas e vinhos reconfortantes e as esposas, de preciosos véus, enviavam-lhes pão: de tal modo andavam na casa ocupadas com os preparos da comida. E os pretendentes divertiam-se a arremessar discos e venábulos, adiante do palácio de Ulisses, sobre o bem trabalhado pavimento, onde costumavam praticar suas insolências. Antínoo estava assentado com o deiforme Eurímaco; eram estes os chefes dos pretendentes e os que em valentia se distinguiam mais.

---

17. *entravam para o palácio*. Aqui o lugar de acção muda de Esparta para Ítaca. Provàvelmente estas últimas linhas foram introduzidas em tempos posteriores à redacção do texto, porque, além de se encontrarem aí formas impróprias de Homero, não se coadunam com o banquete que Menelau celebrava no princípio desta rapsódia.

Noémon, filho de Frónio, aproximando-se deles, dirigiu-se a Antínoo e interrogou-o com estas palavras:

— Antínoo, é ou não conhecido a nosso espírito quanto Telémaco regressará da arenosa Pilos? Ele ausentou-se levando a minha nau, da qual preciso para atravessar para a dilatada Élide, onde tenho doze éguas com seus infatigáveis mulos, de mama ainda e indomados. Destes desejava trazer um para o domesticar.

Assim falou; e os dois admiraram-se em seu ânimo, porque não julgavam que Telémaco tivesse ido a Pilos de Neleu; criam que se encontrava algures, no campo, junto dos rebanhos ou do porqueiro.

Antínoo, filho de Eupites, inquiriu:

— Responde-me com franqueza. Quando partiu ele e quais foram os jovens escolhidos de Ítaca, que o seguiram? Ou acompanharam-no, porventura, os seus próprios jornaleiros e escravos? Pois também poderia ter feito assim. Fala-me verdade, para que eu saiba ao certo se te roubou a nau escura, com violência e mau grado teu, ou se tu lha deste voluntàriamente, depois de pedir-ta com instâncias.

Replicou-lhe Noémon, filho de Frónio:

— Eu dei-lha de bom grado. Que faria outro qualquer, se um varão semelhante, de ânimo preocupado, lhe pedisse um favor? Dificilmente lho recusaria. A respeito dos jovens que o seguiram, estes foram os que na terra mais se distinguiram entre nós; e, como chefe, notei que embarcava Mentor ou um deus semelhante a ele em tudo. Mas eu estou admirado: ontem de manhã vi aqui o ilustre Mentor, e, não obstante, ele embarcou para Pilos, há dias.

Depois de assim falar, afastou-se para o palácio de seu pai; mas o ânimo atrevido dos dois irritara-se. E, fazendo cessar os jogos, reuniram a assembleia dos pretendentes. Entre estes, tomou a palavra Antínoo, filho de Eupites, que estava todo pesaroso com o coração obscurecido pela grande cólera que o enchia e com os olhos semelhantes ao fogo ardente:

— Oh! Telémaco, na verdade, fazendo esta viagem, levou audaciosamente a cabo uma grande empresa! E nós a julgarmos que não a realizaria! Contra a vontade de nós todos, o rapaz foi-se e, sem mais nem menos, arrastou uma nau para o mar, depois de escolher por esta terra os melhores companheiros. Ele começará daqui a pouco a ser a nossa ruína. Privasse-o Zeus da sua força, antes de chegar à idade viril! Eia! dai-me uma nau ligeira e vinte companheiros, para, no seu caminho, lhe armarmos uma cilada, esperando-o no estreito, entre Ítaca e a áspera Samos, a fim de que se lhe torne desastrosa a viagem, que ele faz por causa do pai.

Assim falou; e todos o aplaudiam e animavam. Em seguida, levantando-se, entraram no palácio de Ulisses.

Penépole não esteve muito tempo sem ser informada dos propósitos que os pretendentes meditavam no íntimo de seus corações. O arauto Medonte contara-lhos: estava este fora do pátio e ouvira as deliberações que aqueles tinham lá dentro. E foi através do palácio anunciar isto a Penélope. Esta disse-lhe, apenas tinha descido a soleira da porta:

— Arauto, porque te enviaram os ilustres pretendentes? Foi, porventura, para mandares às escravas do divino Ulisses que deixem suas ocupações

e lhes preparem o banquete? Oxalá nunca me pretendessem, nem se reunissem em nenhuma parte; e fosse hoje a última vez que eles comessem aqui! Com vossas reuniões frequentes consumis muitos bens, — propriedade do sensato Telémaco. Nunca ouvistes dizer a vossos pais, quando éreis ainda pequenos, como se portava Ulisses no meio deles? Não cometia injustiças contra ninguém, nem dizia palavras de injúria entre o povo, como têm por costume os reis divinos, que odeiam a uns e querem bem a outros. Aquele nunca obrou criminosamente contra nenhum homem, ao contrário de vós, que sois ingratos aos favores recebidos, como o vosso ânimo e as vossas acções indignas o mostram.

O discreto Medonte replicou-lhe:

— Quem dera, rainha, que este fosse o pior mal! Os pretendentes, porém, maquinam um muito maior e mais doloroso, que oxalá o filho de Cronos lhes não permita. Eles querem matar com o afiado bronze na volta para casa, a Telémaco, que foi à sagrada Pilos e à preclara Lacedemónia em busca de notícias do pai.

Dito isto, imediatamente os joelhos e o coração de Penélope desfaleceram e a mudez não a deixou por largo tempo; seus olhos encheram-se de lágrimas e embargou-se-lhe a voz forte. Só passado longo intervalo é que ela tomou a palavra e respondeu:

— Arauto, porque se ausentou meu filho? Ele não tinha necessidade de embarcar nas naus de curso rápido, que para os homens são como cavalos marinhos e navegam sobre a imensidade líquida. Partiu, porventura, para que não ficasse a sua memória entre os homens?

O prudente Medonte respondeu-lhe:

— Eu não sei se um deus o incitou ou se o impeliu o próprio coração a ir a Pilos, para se informar a respeito do regresso do seu pai ou do destino que ele teve.

Depois de assim falar, foi-se pelo palácio de Ulisses. E a dor, que dilacera o coração, envolveu a Penélope, que nem sequer teve ânimo para assentar-se numa cadeira das muitas que havia em casa; deixou-se cair sobre a soleira do aposento cuidadosamente trabalhado, lamentando-se de tal modo, que dava pena. E as escravas que estavam no palácio, novas e velhas, gemiam todas à sua volta. A elas disse Penélope, por entre altos suspiros:

— Escutai, amigas! O olímpico enviou-me mais aflições que a quantas nasceram e foram criadas ao mesmo tempo que eu: perdi primeiro um esposo ousado, de ânimo de leão, que sobressaía entre os Dánaos em todo o género de prerrogativas — homem valente cuja fama enche toda a Hélade e chega até ao centro de Argos; e agora as procelas arrebataram-me do palácio o meu filho amado, sem que alguém saiba notícias dele, não tendo eu sequer ouvido uma palavra acerca da sua partida. Cruéis! Nenhuma de vós resolveu em seu coração despertar-me do leito, apesar de saberdes ao certo quando aquele partia para a nau bojuda e negra. Pois, se fosse informada de que Telémaco meditava essa viagem, ele, por mais que desejasse fazê-la, ficaria comigo, ou deixar-me-ia morta no palácio. Que alguém corra a chamar o velho Dólio, o escravo que me deu meu pai, quando vim para aqui e me cuida do muito arborizado horto, para que sem demora, indo ter com Laertes, lhe conte

tudo; pode ser que este, concebendo algum plano em seu espírito, se vá lamentar na presença dos cidadãos de que eles queiram fazer perecer a sua descendência e a de Ulisses semelhante a um deus.

Respondeu-lhe Euricleia, sua aia:

— Minha filha, mata-me com o bronze cruel ou deixa-me viva no palácio; não quero, muito embora, ocultar-te o que sei. De tudo eu era sabedora e dei a Telémaco quanto me ordenou, — pão e saboroso vinho, depois de ele me ter feito jurar solenemente que não te diria nada, antes do duodécimo dia, a não ser que tu desses pela sua falta ou ouvisses falar da sua viagem, com receio de que as lágrimas te desfigurassem a beleza. Mas banha-te e, envolvido o corpo em vestes limpas, sobe com as escravas ao teu aposento no andar superior da casa, a implorar Atena, filha de Zeus, portador da égide, porque ela salvará a Telémaco da morte. Não atormentes mais o amargurado ancião; pois não posso crer que a descendência do filho de Arcésio seja odiosa aos deuses bem-aventurados. Por certo há-de ficar alguém para possuir o palácio de elevado tecto e os campos férteis, ao longe.

Com estas palavras, serenou os gemidos de Penélope e fez-lhe cessar as lágrimas. Ela, depois de banhada e de envolver o corpo de roupa lavada, subiu ao andar superior da casa com as criadas, e, colocando as molas num açafate, orou a Atena:

— Escuta-me, ó indomável filha de Zeus, portador da égide! Se alguma vez o solerte Ulisses queimou, em seu palácio, pingues coxas de boi ou de ovelha em tua honra, lembrada agora disso, salva-me o filho querido e afasta os malvados e orgulhosos pretendentes.

Depois de assim orar, ergueu a voz em grita e a deusa escutou-lhe a prece. Os pretendentes, porém, faziam ruído na sombria sala; e alguns dos soberbos jovens falavam deste modo:

— Sem dúvida a rainha que muitos pretendem prepara-nos o casamento e não sabe que o seu filho está votado à morte.

Assim diziam; mas ignoravam o que se passava. Antínoo, tomando então a palavra, falou-lhes:

— Estultos, deixai-vos de discursos arrogantes, não suceda que alguém os vá denunciar lá dentro. Levantemo-nos mui caladinhos e ponhamos por obra o projecto, que todos aprovamos em nosso espírito.

Tendo dito isto, escolheu vinte homens dos mais valentes e dirigiu-se à praia do mar, para a nau ligeira. Antes de mais nada, puseram a escura nave a flutuar sobre as ondas e colocaram-lhe o mastro e as velas; em seguida, seguraram os remos por meio de correias, tudo muito bem, e desfraldaram as brancas velas; os servos ousados, enfim, trouxeram-lhes os aparelhos. Ancoraram depois a nau onde a água era funda e, saltando em terra, cearam e ficaram à espera do crepúsculo.

Entretanto a atilada Penépole estava deitada no andar superior da casa, em jejum, sem nada ter comido ou bebido, pensando se o filho irrepreensível escaparia à morte ou se seria vítima dos orgulhosos pretendentes. Quantos cuidados afligem o leão, no meio dum grupo de caçadores, quando estes lhe apertam o insidioso cerco, outros tantos a agitavam também a ela, até que lhe sobreveio o doce sono. Dormia, reclinada para trás, com os membros enlanguecidos.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, planeou então outro projecto. Engendrou um fantasma semelhante no aspecto a uma mulher, a Iftima, filha do magnânimo Icário, com a qual casara Eumelo, que morava em Feras; e enviou-o ao palácio do divino Ulisses, no intuito de pôr termo às lamentações e aos lacrimosos suspiros da aflita e consternada Penélope. Entrando na câmara por junto da correia do ferrolho, o fantasma pairou-lhe sobre a cabeça e dirigiu-lhe a palavra:

— Tu, Penélope, dormes com o coração tão angustiado!? Os deuses que vivem uma vida feliz não consentem que chores e que te aflijas, pois o teu filho há-de voltar, que ele não os ofendeu em nada.

Retorquiu-lhe a sensata Penélope, mergulhada à porta dos sonhos num torpor dulcíssimo:

— Porque vieste aqui, irmã? Antes não costumavas visitar-me, por ser muito distante o teu palácio. Tu exortas-me a deixar a tristeza e as muitas dores, que conturbam o meu espírito e o meu coração, a mim que perdi primeiro um esposo ousado, de ânimo de leão, que sobressaía entre os Dánaos em todo o género de prerrogativas — homem valente, cuja fama enche toda a Hélade e chega até ao centro de Argos; e agora o meu filho amado, esse doidinho, sem experiência dos trabalhos da guerra e da arte de falar nas assembleias, partiu na bojuda nau. Por causa deste aflijo-me mais do que por amor do outro; e estou em cuidados e com medo de que lhe aconteça algum mal, já entre os homens, lá para onde se ausentou, já no mar; porque há muitos malvados que se conjuram contra ele e pretendem tirar-lhe a vida, antes do seu regresso à pátria terra.

O fantasma obscuro disse-lhe em resposta.

— Ânimo! e não se preocupe demasiado o teu espírito! Porque acompanha-o aquela, cuja assistência, por ser poderosa, outros homens desejaram: é Palas Atena, que, compadecida de tua aflição, me enviou agora a trazer-te a boa nova.

A sisuda Penépole falou-lhe então:

— Se tu *verdadeiramente* és deusa e ouviste a voz duma divindade, eia! dize-me também se o outro infeliz vive algures ainda e goza da luz do sol, ou se já morreu e está no Hades.

O fantasma obscuro respondeu-lhe:

— A respeito desse, não te direi claramente se está vivo ou morto. Não é bom falar de coisas vãs. Dito isto, saiu da estância, por junto do ferrolho e foi dissolver-se no hálito dos ventos. A filha de Icário, porém, levantou-se do sono, e sentia o seu coração alegre, por, na obscuridade da noite, um tão claro sonho se lhe ter revelado.

Os pretendentes, entretanto, depois de embarcarem, navegavam pelos húmidos caminhos, cogitando em seus espíritos na cruel morte que dariam a Telémaco. No meio do mar, entre Ítaca e a rude Samos, existe uma rochosa ilha, Ásteris, que, se bem não é grande, possui, todavia, portos de entrada dupla, bons ancoradoiros para os navios. Aí é que os Aqueus, emboscados, esperavam a Telémaco.

RAPSÓDIA V

A jangada de Ulisses

A Aurora surgia do leito, de junto do Titono ilustre, para ir levar a sua luz aos imortais e aos homens, quando os deuses se assentavam para celebrar conselho, na companhia do altitonante Zeus, cujo poder é sumo. Entre eles falou Atena, lembrada dos muitos trabalhos de Ulisses, porquanto estava em cuidados por se encontrar o herói no palácio da ninfa:

— Pai Zeus e vós, bem-aventurados deuses sempiternos: Nenhum rei, que empunha o ceptro, jamais seja benóvolo, bondoso e afável, nem alimente em seu espírito pensamentos de justiça, mas torne-se duro e pratique acções iníquas, visto que ninguém, entre o povo, sobre o qual o divino Ulisses reinou com uma doçura paternal, se lembra mais dele. Ao contrário, sofre aflições violentas, abandonado numa ilha, no palácio da ninfa Calipso, que o detém contra a sua vontade; e ele não pode ir para a sua pátria terra, porque lhe faltam naus providas de remos e companheiros, que o conduzam sobre o vasto dorso do mar; e agora desejam matar o seu filho amado, no seu regresso a casa, o qual foi à sagrada Pilos e à preclara Lacedemónia em busca de notícias do pai.

Zeus, o amontoador das nuvens, em resposta disse-lhe:

— Minha filha, que palavra te escapou do cerco dos dentes? Não urdiste tu própria esse plano, de que Ulisses, na sua volta, se vingasse daqueles malvados? Guia Telémaco com a inteligência e fir-

meza, de que és dotada, de modo que ele chegue ileso à sua terra pátria e os pretendentes, logrados, tenham de voltar com a nau.

Disse; e a Hermes, seu filho, falou assim:

— Hermes, tu, que nos demais negócios és o nosso mensageiro, vai anunciar à ninfa de belas tranças o irrevogável decreto, acerca do regresso do paciente Ulisses: que o herói parta sem a companhia dos deuses nem dos homens e chegue, ao vigésimo dia, sobre uma jangada de muitas ataduras, e depois de numerosos trabalhos, à Esquéria fecunda, terra dos Feácios, que são parentes dos deuses, e de todo o coração o honrarão como a um deus; eles acompanhá-lo-ão numa nave à terra pátria, depois de lhe darem bronze, oiro em abundância e vestidos — tantas riquezas, quantas Ulisses nunca levaria de Tróia, se tivesse um regresso feliz e participasse dos despojos. Porquanto o seu destino é este: que veja os amigos e volte ao palácio de alto tecto e à sua terra pátria.

Assim falou; e o mensageiro Argeifontes obedeceu-lhe. Imediatamente ligou aos pés belas e divinas sandálias de oiro, que, com a rapidez do vento, o levaram por sobre as águas e a terra imensa; e tomou a vara mágica, com a qual, a seu bel-prazer, adormece os homens e desperta os que dormem. De caduceu pois, na mão, o poderoso Argeifontes ergueu voo. Apenas, porém, tinha sobrevoado Piéria, baixou do éter sobre o oceano e partiu, célere, por sobre as ondas, semelhante a uma gaivota, a qual, pescando nos vastos seios do mar estéril, molha na água a sua espessa plumagem. Semelhante a uma tal ave, Hermes deixava-se transportar pelas ondas numerosas. Mas logo que chegou

à remota ilha, então saindo do mar violáceo, saltou em terra, para se dirigir à espaçosa gruta, onde habitava a ninfa de belas tranças, que encontrou dentro. Ardia no lar uma grande fogueira e o aroma de cedro, fácil de rachar, e da tuia incandescente rescendia ao longe, pela ilha, enquanto ela, no interior, ao som da sua linda voz e meneando-se no tear, tecia com uma lançadeira de oiro.

Em volta da gruta tinha crescido um luxuriante bosque de amieiros, álamos pretos e de ciprestes odoríferos, onde buscavam abrigo as aves de rápido voo: corujas, falcões e gralhas do mar, de bico comprido que se ocupam nas lides da pesca. Ali, uma pujante cepa, a vergar sob o peso dos cachos, estendia seus braços em redor da côncava gruta. De quatro fontes, vizinhas umas das outras, manava a água cristalina em direcções diversas; e, pela redondeza, em macios prados, floresciam a violeta e o aipo. Até um imortal, que aí fosse, se admiraria e sentiria prazer em seu coração ao contemplar o espectáculo.

O mensageiro Argeifontes deteve-se a admirá-lo; e a seguir, sem mais detença, entrou na gruta. Reconheceu-o Calipso, a deusa preclara, quando o viu diante de si, porque os deuses imortais reconhecem-se fàcilmente uns aos outros, ainda quando são distantes suas moradas. Hermes, porém, não encontrou dentro ao magnânimo Ulisses; ele estava a chorar assentado na praia, onde, já antes, lágrimas, suspiros e aflições lhe tinham consumido o peito; ali chorava, pois, contemplando o mar estéril.

Calipso, a deusa preclara, tendo convidado Her-

mes a assentar-se num sólio claro e refulgente, interrogou-o:

— Porque vieste aqui, ó Hermes do bastão de oiro, tu, que és tão respeitável e querido? Antes, não frequentavas estes sítios. Revela-me o teu pensamento, que o meu ânimo está disposto a executá-lo, caso possa ou ele seja exequível. Mas, primeiro, segue-me, para que te ofereça os dons da hospitalidade.

Depois destas palavras, a deusa apresentou-lhe uma mesa cheia de ambrósia e misturou o vermelho néctar. E o mensageiro Argeifontes bebia e comia. Quando, porém, acabara de comer e o seu coração tinha sido reconfortado pelo alimento, respondeu com estas palavras:

— Ó deusa, tu perguntas-me a que vim. Quero declarar-to sem rebuço, já que me exortas a isso. Zeus ordenou-me, contra minha vontade, que viesse aqui. Quem de bom grado atravessaria tanta água salgada, de indizível extensão, não havendo perto nenhuma cidade, em que os mortais ofereçam sacrifícios aos deuses e excelentes hecatombes? Mas não é possível a nenhum dos deuses infringir ou deixar sem efeito a vontade de Zeus, portador da égide. Ele diz, pois, que existe aqui um varão, o mais infeliz de todos quantos, durante nove anos, combateram em volta da cidade de Príamo e que no décimo regressaram à pátria, depois de a terem destruído; como, porém, no regresso ofenderam a Atena, a deusa excitou contra eles funestos ventos e grandes vagas. Então todos os ousados companheiros aí encontraram a morte; mas a esse o vento e as ondas trouxeram-no para esta ilha. Agora Zeus ordena-te que o deixes partir o mais depressa pos-

sível, pois não é seu destino morrer aqui, longe dos que lhe são caros, mas que reveja os amigos e volte ao palácio de alto tecto e à terra pátria.

Assim falou; e Calipso, a deusa preclara, estremeceu; e, dirigindo-se a Hermes, disse estas aladas palavras:

— Ó deuses, vós sois cruéis e invejosos mais que ninguém! Se alguma das deusas toma como esposo um varão que lhe é caro, vós indignais-vos contra ela, por no seu leito o receber, sem o dissimular. Assim, quando a Aurora de róseos dedos escolheu Oriente, vós, deuses, que levais uma vida sem cuidados, indignastes-vos contra ela, enquanto a casta Ártemis de áureo trono, aproximando-se com suas frechas suaves, o não matou em Ortígia. Assim, quando Deméter de belas tranças, cedendo à sua inclinação, se ajuntou com Iásion, num pousio lavrado três vezes, Zeus, que em breve soube do caso, fê-lo perecer fulminado pelo raio deslumbrante.

Também agora, ó deuses, vos indignais por ter comigo um varão mortal, que eu salvei, quando era o único que montava sobre uma quilha, depois que Zeus, no meio do vinhoso mar, lhe fendeu a nau ligeira, ferindo-a com um fúlgido raio. Então todos os ousados companheiros aí encontraram a morte; mas a ele o vento e as ondas trouxeram-no para esta ilha. E eu acolhi-o carinhosamente, alimentei-o e afirmava que o havia de tornar imortal e que durante todos os seus dias seria preservado da velhice. Mas, visto não ser possível a nenhum dos deuses infringir ou deixar sem efeito a vontade de Zeus, portador da égide, que se vá, por sobre o mar estéril, se aquele o incita e ordena. Eu, porém, não o mandarei partir, pois não tenho naus provi-

das de remos, nem companheiros, que o conduzam por sobre o vasto dorso do mar. Todavia aconselhá-lo-ei de bom grado, sem nada dissimular, para que chegue ileso à sua terra pátria.

Tornou-lhe o mensageiro Argeifontes:

— Despede-o já e teme que a cólera de Zeus seja, no futuro, excitada contra ti.

O poderoso Argeifontes, tendo assim falado, retirou-se, e a venerável ninfa, depois de ouvir a mensagem de Zeus, foi ter com o magnânimo Ulisses. Encontrou-o assentado na praia; em seus olhos nunca se extinguia o pranto; ia-lhe decorrendo a doce vida, a suspirar por voltar e a ninfa já não lhe era grata. As noites era obrigado a passá-las, mau grado seu, na côncava gruta, junto dela, que assim o desejava; e de dia permanecia assentado pelos rochedos da praia, consumindo o peito com lágrimas, suspiros e aflições; ali chorava, contemplando o mar estéril.

A deusa preclara parou junto dele e disse-lhe:

— Ó infeliz, não chores mais, nem consumas tua vida aqui, porque eu já estou inclinada a deixar-te partir! Eia! corta com o bronze grandes troncos de árvores e constrói uma boa jangada; fixa, depois, pranchas sobre esta, de maneira que formem a parte superior do casco, para que te transporte pelo brumoso mar. Eu colocar-lhe-ei dentro, em abundância, pão, água e vinho tinto, que te não deixarão passar fome; além disso, dar-te-ei vestidos e enviarei após de ti a monção, de modo que chegues

---

26. *parte superior do casco.* Pròpriamente as pranchas colocadas verticalmente, sobre que se apoiava a coberta do navio, tanto na proa como na ré.

ileso à tua pátria terra, se o permitirem os deuses, habitadores do vasto céu, que me sobrepujam na execução dos seus projectos.

Assim falou; e o paciente e egrégio Ulisses estremeceu. Em resposta disse-lhe estas aladas palavras:

— Ó deusa, tu certamente não tens em vista o meu retorno, à pátria, mas outro projecto qualquer, ao exortar-me a que atravesse numa jangada o profundo abismo do mar, tão terrível e perigoso, que nem o atravessam as naus iguais, de rápido curso, quando as impele a monção de Zeus. Mau grado teu, não embarcarei na jangada, sem que tu, ó deusa, me faças solene juramento de que não intentas algum mal para minha destruição.

Assim falou; e Calipso, a deusa preclara, sorriu-se; e, acariciando-o com a mão, dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

— Ês deveras malicioso e de ânimo astuto, para te atreveres a proferir semelhantes palavras. Sejam testemunhas a terra, no alto o vasto céu e a água da Estige, que decorre para as profundidades — este é o maior e mais terrível juramento para os deuses bem-aventurados — de que não intento algum mal para tua ruína. O que eu penso e desejo aconselhar-te é o mesmo que para mim própria pensaria, se me encontrasse em necessidade igual; minha intenção é recta e abrigo no peito não um coração de ferro, mas compassivo.

Dito isto, a preclara deusa começou a caminhar apressadamente adiante de Ulisses, que seguia suas pegadas. Quando chegaram à côncava gruta, este foi assentar-se no trono, donde Hermes se levantara, e a ninfa serviu-lhe toda a espécie de alimen-

tos, tanto comida como bebida, dos quais se nutrem os varões mortais. Em seguida tomou lugar defronte do divino Ulisses e as servas colocaram diante dela ambrósia e néctar. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Mas, depois de terem saciado o desejo de comer e beber, Calipso, a deusa preclara, começou a falar:

— Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, engenhoso Ulisses, queres então voltar, sem mais delongas, a tua casa e à terra pátria? Sê feliz, muito embora! Mas, se o teu espírito conhecesse quantos males te reserva o destino, antes de chegares à tua terra, tu ficarias comigo aqui, guardando esta mansão e a gozar da imortalidade, por mais ânsias que sentisses de ver tua esposa, por quem de contínuo suspiras. Sem embargo, eu glorio-me de não ser inferior a ela, tanto na estatura como no aspecto exterior, pois não é justo que as mortais rivalizem com as imortais, na estatura ou na forma.

Respondeu-lhe o ardiloso Ulisses:

— Ó deusa veneranda, não me leves isto a mal! Eu conheço muito bem que a boa Penépole, vista de perto, não se pode comparar a ti, na beleza e no aspecto, porque ela é mortal e tu não estás sujeita à morte nem à velhice; não obstante, anseio e suspiro de contínuo por voltar a casa e ver o dia da volta ao lar. E se algum deus no vinhoso mar me perseguir, o paciente coração que bate no meu peito sofrerá isso resignado. Já sofri muitos males e suportei inumeráveis trabalhos, no mar e na guerra; que venham outros ajuntar-se a estes.

Assim falou; e, posto o sol, sobreveio a noite. Eles então, retirando-se para o interior da côncava gruta, permaneceram aí, um ao pé do outro.

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, imediatamente Ulisses vestiu a túnica e o manto; e a ninfa pôs um fino e gracioso vestido, longo e alvo como a prata, que apertou com um belo cinto de oiro, envolvendo depois a cabeça num véu. Em seguida começou a ocupar-se da partida do magnânimo Ulisses: deu-lhe primeiro um grande machado de bronze, fácil de manejar e afiado de ambos os lados, com um excelente cabo de oliveira, que se lhe ajustava bem, assim como uma polida machada de dois fios; e partiu depois para o extremo da ilha, onde tinham crescido grandes árvores — amieiros, álamos negros e abetos tão altos como o céu — há muito tempo sem seiva e de todo secas, e que sem dificuldade se mantinham à flor da água. Logo que lhe indicou onde as grandes árvores tinham cresoido, a preclara deusa Calipso tornou para a sua habitação, enquanto Ulisses se pôs a cortar os troncos — trabalho que depressa concluiu.

Cortara vinte árvores ao todo, que, desbastando com o bronze, alisou hàbilmente e endireitou, servindo-se dum fio. Entretanto a preclara deusa Calipso trouxera-lhes trados. Com estes furou todos os paus e ajustou-os uns aos outros, por meio de cavilhas e travessas e a golpes de martelo. É tão grande a curvatura que um carpinteiro conhecedor da sua arte dá ao fundo duma vasta nau de carga, quanto a jangada de Ulisses tinha de largura. Levantou depois a coberta, adaptando-a a grossas vi-

---

22, *fio*. Este fio era colorido com giz ou almagre, de modo a poder deixar gravada na madeira uma linha recta.

29, *coberta* (do navio de Ulisses). Nos tempos de Homero, os navios tinham um estrado sobre a proa e

gas laterais e por fim revestiu os lados com tábuas compridas. Fez também um mastro, a que ajustou a verga, assim como um leme para dirigir a jangada; e concluiu a obra, protegendo-a de todos os lados, por meio dum entrelaçamento de varas de vime, contra a investida das ondas, e espalhando pelo seu pavimento muita lenha. Entretanto a preclara deusa Calipso trouxera-lhe pano de linho para as velas, que ele fez também com arte e às quais ligou os braços, as driças e as escotas. Depois arrastou a jangada para o mar brilhante, com a ajuda de alavancas.

No quarto dia, estava acabada toda a obra; e no quinto, a preclara Calipso, tendo oferecido a Ulisses perfumados vestidos e tendo-o banhado, despediu-o da ilha. A deusa, porém, pusera-lhe na jangada um odre de vinho tinto e outro maior de água, além dum saco de coiro com diversas coisas e em que ia grande quantidade de alimentos, deliciosos; e enviou após ele uma brisa propícia e tépida à qual o ínclito Ulisses desfraldou, satisfeito, as velas. Ia assentado, dirigindo com destreza o leme, e o sono não lhe pesava nos olhos, que tinha fixos nas Pléiadas, no Boieiro, que se põe tarde, e na Ursa, a que chamam também Carro — constelação que gira sempre no mesmo sítio, vigiando a Órion, e é a única que não se banha no oceano — pois a preclara deusa Calipso ordenara-lhe que em sua viagem tivesse a Ursa sempre à esquerda. Durante dezassete dias

---

outro sobre a ré, ficando o centro livre para os bancos dos remadores. Como Ulisses não levava passageiros, que pudessem utilizar o estrado da proa, construiu ùnicamente o da ré, onde se devia colocar para manobrar o leme.

navegou ele através das ondas e no décimo oitavo apareceram os montes sombrios da terra dos Feácios, na sua parte mais próxima, a qual se assemelhava a um escudo no meio do mar brumoso.

Ora o poderoso Sacudidor da terra, que vinha de entre os Etíopes, viu-o, de longe, de cima dos montes Solimos porque o navegante Ulisses lhe ficava ao alcance da vista. E, de coração ainda mais aceso em ira, sacudindo a cabeça, falou para si:

— Oh! certamente os deuses, durante a minha ausência entre os Etíopes, mudaram de resolução a respeito de Ulisses, que já se encontra perto da terra dos Feácios, onde é seu destino escapar ao cúmulo da desgraça que sobre ele pesa. Mas eu afirmo que ainda lhe acarretarei males bastantes.

Assim dizendo, reuniu as nuvens e, com o tridente que tomara nas mãos, agitou o mar; todos os ventos tornou então em procelas e, envolvendo em nuvens terra e mar juntamente, fez descer a noite do céu. O Euro, o Noto, o impetuoso Zéfiro e o Bóreas, que nasce no éter e suscita gigantescas ondas, sopravam, entrechocando-se. Então os joelhos e coração de Ulisses desfaleceram e ele disse aflito para o seu espírito magnânimo:

— Ai, infeliz que eu sou! Que será finalmente de mim? Temo que a deusa falasse verdade, ao predizer-me que no mar seria cheio de angústias, antes de chegar à terra pátria; e agora tudo se está realizando. Com quantas nuvens encobriu Zeus o vasto céu, em volta! Ele perturbou o mar e as procelas

---

4. *escudo*. Segundo a lição de Aristarco seguida por G. Dindorf (Ed. V), deve traduzir-se: uma *figueira* ou *um figo*.

precipitam-se todas sobre mim, que padecerei agora, com certeza, uma cruel morte! Três e quatro vezes felizes os Dánaos, que pereceram na grande Tróia, por comprazerem com os Atridas! Antes eu tivesse também morrido aí e cumprisse o meu destino naquele dia, em que os Troianos, em grande número, arremessaram contra mim éneas lanças, combatendo pela posse do corpo do filho de Peleu. Então teria as honras fúnebres que me eram devidas e os Aqueus divulgariam a minha fama; mas agora está determinado que eu sucumba a uma lamentável morte.

Dizendo isto, veio do alto uma grande vaga que, ruindo sobre ele, lhe abalou a jangada e o impeliu para longe dela, depois de largar o leme das mãos. Um horrível turbilhão de misturados ventos sobreveio, o qual lhe partiu o mastro, indo a vela cair com a verga a grande distância no mar. E Ulisses permaneceu, durante longo tempo, debaixo de água, porque a impetuosidade da vaga não o deixou emergir logo; demais, os vestidos, que Calipso lhe tinha dado, faziam-no mais pesado. Finalmente veio à superfície e expeliu da boca a água salgada e amargosa, que em abundância lhe escorria da cabeça. Mas, apesar da sua prostração, nem por isso se esqueceu da jangada; avançando por entre as ondas, agarrou-se a ela e assentou-se no meio, para escapar à morte. As grandes ondas transportavam-na ora para um lado, ora para outro, conforme a corrente. Como no Outono o Bóreas arrasta pela planície os cardos, que se conservam agarrados entre si, assim os ventos levavam a jangada pelo mar, dum lado para o outro: umas vezes era o Noto que a arremessava ao Bóreas, para que este a levasse,

outras era o Euro que deixava o Zéfiro ir em perseguição dela.

Viu-o a filha de Cadmo, Ino Leucoteia, de belos pés, que antes fora mortal e dotada de voz humana e agora, nos abismos do mar, participa das honras divinas. E compadecida de Ulisses, que andava opresso de dores, à mercê das vagas, veio das profundidades, voando, na figura de um mergulhão; e, tendo-se poisado na jangada de muitas ligaduras, falou deste modo:

— Ó infeliz, porque se indignou Posséidon, o Sacudidor da terra, tão ferozmente contra ti, que assim te oprime com males? Mas ele não te fará perecer por mais que o deseje. Julgo que és sensato; faze assim: despe esses vestidos e abandona a jangada aos ventos; e tu, a nado, procura alcançar contra a ressaca a terra dos Feácios, onde está determinado que encontres a salvacão. Toma e estende este véu imortal sobre o peito e não receies de nada, mesmo da morte. Logo que com as mãos tocares a terra firme, desata-o e arroja-o ao mar vinhoso, para longe da praia; em seguida, dirige-te para outra parte.

Tendo assim falado, a deusa deu-lhe o véu e mergulhou outra vez no mar semelhante a um mergulhão, desaparecendo debaixo das escuras ondas. Mas o paciente e egrégio Ulisses hesitava, e gemendo disse para o seu espírito magnânimo:

— Ai de mim! Temo que algum deus imortal me prepare uma traição, ao ordenar-me que abandone a jangada. Não seguirei ainda o conselho, porque está longe da vista a terra, na qual, conforme dizia, eu devo encontrar refúgio. Farei antes assim, por me parecer o mais acertado: enquanto as pranchas

estiverem ajustadas às travessas, permanecerei aqui e resignar-me-ei a sofrer trabalhos; mas quando a onda brilhante me desconjuntar a jangada, então lançar-me-ei a nadar, pois não é possível descobrir coisa melhor.

Enquanto Ulisses assim reflectia em seu espírito e no seu coração, Posséidon, o Sacudidor da terra, fez surgir uma enorme vaga, medonha, trabalhosa e arqueada, que lançou sobre ele. Como o vento impetuoso espalha um montão de moinha seca, levando parte para aqui, parte para acolá, assim se espalharam as grandes pranchas da jangada. Ulisses montou então sobre uma, como se cavalgasse num corcel, e arrojou de si os vestidos, que a preclara Calipso lhe deu. Imediatamente estendeu o véu contra o peito e, abrindo os braços na ânsia de nadar, deixou-se cair para diante, nas ondas. O poderoso Sacudidor da terra viu-o e, abanando a cabeça, disse para si:

— Tu, que já padeceste tantos males, vai vogando pelo mar, até que te ajuntes aos homens, alunos de Zeus. Espero que nem por isso ficarás descontente com a tua desgraça.

Ditas estas palavras, chicoteou os cavalos de belas crinas e dirigiu-se para Egas, onde tinha um palácio célebre.

Mas Atena, a filha de Zeus, acudiu com outro expediente. Ela mesma obstruiu os caminhos a todos os ventos e ordenou-lhes que sossegassem e fossem dormir; só deixou desperto o ligeiro Bóreas, e fez que as ondas se partissem adiante de Ulisses da estirpe de Zeus, para que, escapando à morte e ao destino, se pudesse ajuntar aos Feácios, que gostam de manejar os remos.

Dois dias e duas noites flutuou sobre as infladas ondas, vendo seu coração frequentes vezes a morte adiante dos olhos. Mas, quando chegou o terceiro, precedido pela Aurora de belas tranças, então cessando o vento, sobreveio a calmaria, e Ulisses, do alto de uma grande onda, viu com penetrante olhar que estava perto da terra. Do mesmo modo que os filhos se alegram da vida do pai que em boa hora os deuses lhes livraram do mal, depois de sofrer atrozes dores, prostrado pela doença, e de se consumir longo tempo, perseguido por uma divindade funesta, — assim a terra e os bosques pareciam risonhos a Ulisses, que nadava, ansioso por pisar a margem. Mas, quando estava tão próximo da praia que podia fazer-se ouvir gritando, distinguiu o bramido do mar contra os rochedos; grandes ondas troavam, quebrando-se com medonho fragor na costa árida, e tudo era envolvido pela espuma, porque ali não havia portos, onde as naus se acolhessem nem enseadas, mas só arribas íngremes, rochedos e alcantis. Então os joelhos e o coração de Ulisses desfaleceram e ele disse, gemendo, para o seu espírito magnânimo:

— Ai de mim! Quando Zeus me mostrava inesperadamente a terra, depois de minha viagem através deste abismo, eis que surgem na costa agudos alcantis, em volta dos quais as ruidosas ondas bramam; e eu não vejo meio de sair do pardacento mar. A rocha é escarpada e o mar profundo, sem nenhum lugar onde pôr os pés para fugir à morte; e tempo que uma grande vaga me arrebate, ao tentar sair da água, e me atire contra a rocha dura; assim, seria baldado o meu esforço. Se avançar ainda mais, nadando, em busca duma costa em declive ou dum

porto, receio que um turbilhão me arrebate outra vez e me leve pelo piscoso mar, lançando fortes gemidos, ou que uma divindade marinha incite contra mim algum monstro, dos muitos que nutre a ilustre Anfitrite, pois sei que o egrégio Sacudidor da terra está irado contra mim.

Enquanto assim pensava em seu espírito e no seu coração, uma grande vaga levou-o contra a costa rude. Ali teria escalavrado a pele e partido os ossos, se Atena, a deusa de olhos brilhantes, não lhe surgisse ao espírito a ideia de se lançar para a rocha e de agarrá-la com ambas as mãos, à qual se conservou preso, a gemer, até que a grande vaga passou. Deste modo escapou do lance; mas, ao refluir, ela bateu-lhe e atirou-o ao mar, a distância. Como o polvo, quando é arrancado do seu esconderijo, leva muitas pedras nas ventosas, assim a pele das ousadas mãos de Ulisses ficou aderente à rocha. A grossa onda envolveu-o; e o infeliz teria perecido, apesar do seu destino, se Atena de olhos brilhantes não lhe inspirasse circunspecção. Emergindo das ondas que se iam quebrar contra a terra firme, nadou fazendo-se ao largo e olhava para terra, em busca duma costa em declive ou dum porto. Assim nadando, chegou à foz dum rio de bela corrente, que lhe pareceu lugar óptimo, sem rochas e ao abrigo das ventanias. Conheceu que estava na desembocadura dum rio, ao qual suplicou em seu coração:

— Escuta-me, senhor, quem quer que sejas tu! Eu fugindo das ondas e das ameaças de Posséidon, recorro a ti, a quem todos invocam. É digno de respeito, até perante os deuses imortais, o homem que chega do seu errante curso: assim venho eu, para

abraçar teus joelhos, depois de sofrer infindos trabalhos. Tem compaixão de mim, senhor, que me glorio de te dirigir meus rogos.

Tal foi a sua súplica; e logo o rio fez parar a corrente e deteve suas ondas; e, tornando-se calmo diante de Ulisses, salvou-o na sua desembocadura. Então ele dobrou os joelhos e os vigorosos braços, porque o seu coração estava extenuado da luta com as ondas. Tinha o corpo todo inchado e da boca e nariz escorria-lhe grande abundância de água. Caiu depois em extrema fraqueza, ficou por terra desmaiado, sem respiração e sem voz. Mas, quando já respirava e tinha voltado a si, desatou o véu da deusa e lançou-o ao rio que fluía para o mar; e como uma grande onda o arrastasse para a corrente, em breve foi ter às mãos de Ino. Ulisses, porém afastando-se do rio, deitou-se num juncal, depois de beijar a terra fecunda. E disse, gemendo, para o seu magnânimo espírito:

— Ai, infeliz que sou! Que terei eu de sofrer ainda? Que será finalmente de mim? Se passo a rigorosa noite ao pé do rio, temo que a geada funesta e a humidade do orvalho juntamente me acabem com a vida, estando eu exausto depois do desmaio; além disso, de madrugada sopra do rio uma fresca brisa; e, se subo à colina, direito ao umbroso bosque, para dormir debaixo dos espessos arbustos, caso o frio e o cansaço me deixem, receio que, sobrevindo-me o brando sono, seja presa e pasto das bestas feras.

Depois destas reflexões, pareceu-lhe melhor ir para o bosque. Este encontrou-o perto da água, num lugar visível em volta, e acolheu-se debaixo de dois arbustos nascidos da mesma raiz: uma oliveira brava

e outra mansa. Ali não chegava o sopro húmido dos ventos, não luziam os raios do sol brilhante, nem penetrava a chuva, tão entrelaçados um no outro tinham crescido. Debaixo deles, pois, se recolheu Ulisses. E arranjou logo uma larga cama, reunindo folhas com as mãos, porque havia ali tão grande abundância delas, que poderiam abrigar dois ou três homens em tempo de Inverno, por mais rigoroso que fosse. Alegrou-se o paciente e nobre Ulisses, vendo o leito preparado, e, deitando-se no meio, espalhou sobre si uma camada de folhas. Como aquele que vive sem vizinhos, no extremo dum campo, para conservar o germe do fogo e não ter que ir buscá-lo a outra parte, esconde um tição debaixo da escura cinza, assim se escondeu Ulisses com as folhas. Em seguida, Atena difundiu-lhe o sono nos olhos, para que, cerrando as pálpebras, lhe fizesse cessar, o mais brevemente possível, a fadiga causada por seus extenuantes trabalhos.

RAPSÓDIA VI

Chegada de Ulisses ao país dos Feácios

Enquanto o paciente e egrégio Ulisses ali dormia, vencido do sono e do cansaço, dirigiu-se Atena para a terra e cidade dos Feácios, os quais anteriormente viviam na vasta Hipereia, ao pé dos Ciclopes soberbos, que lhes saqueavam a região, por serem superiores a eles em força. O deiforme Nausítoo foi quem os levou daí e estabeleceu na Esquéria, longe desses homens industriosos. Rodeou a sua cidade com uma muralha, edificou casas para eles e tempos para os deuses e distribuiu as terras. Mas Nausítoo já tinha partido para o Hades, dominado pelo destino, e agora reinava Alcínoo, a quem os deuses inspiravam os conselhos.

Ora foi ao palácio deste que Atena, a deusa de olhos brilhantes, se dirigiu, meditando no regresso do magnânimo Ulisses. Ela penetrou numa câmara trabalhada com grande esmero, onde dormia uma donzela, na estatura e no aspecto semelhante às deusas imortais — Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo. Duas escravas cuja beleza tinham recebido das Cárites, encontravam-se de cada lado da porta, que era brilhante e estava só encostada. Assim como hálito de vento, sob o aspecto da filha do célebre marinheiro Diamante, avançou para o leito da donzela, que era da sua mesma idade e grata ao seu espírito. Sob esta forma, pois, Atena de olhos brilhantes pairou-lhe por cima da cabeça e, dirigindo-lhe a palavra, disse:

— Nausícaa, porque é que tua mãe tem em ti uma filha tão negligente? Os teus esplêndidos ves-

tidos jazem abandonados, estando próximo o teu casamento, no qual deves ostentar belos atavios e oferecê-los também àqueles que te hão-de acompanhar. Destes provém grande fama entre os homens e o pai e a mãe veneranda sentem prazer com isso. Eia, vamos lavar, apenas desponte a Aurora! Eu irei contigo e ajudar-te-ei, para que estejas preparada o mais cedo possível, pois não está longe o dia de tuas núpcias, que, nesta terra, já te pretendem os mais nobres de todos os Feácios, de cuja linhagem tu também descendes. Exorta teu ilustre pai a que te mande de madrugada preparar as mulas e o carro, que transportarão os teus cintos, os peplos e as cobertas magníficas. Para ti é também preferível ir de carro a caminhar a pé, porque os lavadoiros estão a grande distância da cidade.

Dito isto, Atena de olhos brilhantes afastou-se para o Olimpo, onde, dizem, é o assento perpètuamente seguro dos deuses. Não é sacudido pelos ventos ou molhado das chuvas, nem ali cai neve; mas cobre-o um céu puro, sem nuvens e duma esplendente claridade. Para aqui, onde os deuses bem-aventurados vivem em contínuo gozo, é que a deusa dos olhos brilhantes se afastou, depois de aconselhar a donzela.

— Imediatamente surgiu a Aurora de belo trono, que despertou a Nausícaa, que gosta de trazer o peplo formoso; ela, admirada do sonho, correu através do palácio para o contar aos pais. Estes encontrou-os lá dentro: a mãe assentada à lareira com as escravas, fiando lã tingida com púrpura marinha; e o pai, quando ia a sair, para celebrar conselho com os príncipes ilustres, aonde era chamado pe-

los nobres Feácios. Ela, aproximando-se do pai, disse-lhe:

— Querido pai, não poderias mandar-me preparar um carro alto e de boas rodas, em que eu leve ao rio as formosas vestes para lavar, pois estão sujas? A *ti próprio convém ter roupa lavada* no corpo, quando, em companhia dos nobres, celebras conselho. Além disso, os teus cinco filhos, que vivem no palácio, dois casados e três na flor da juventude, sempre que vão ao baile, desejam ter vestidos lavados de há pouco. Ora é a mim que incumbe esta tarefa.

Assim disse; mas envergonhou-se de mencionar ao pai o casamento, apesar de estar em plena idade núbil.

Ele, porém, compreendeu-a e respondeu-lhe:

— Não te nego as mulas, filha, nem nenhuma outra coisa! Vai! E os escravos que te preparem um carro alto, de boas rodas e guarnecido de capota.

Tendo assim falado, deu ordens aos escravos, que obedeceram. E fora do palácio, preparavam o carro de boas rodas, próprio para mulas, as quais puseram ao jugo e atrelaram, enquanto a donzela trazia do seu aposento as vestes esplêndidas e as colocava dentro do bem polido carro. Ao mesmo tempo, sua mãe pôs num cabaz provisões saborosas e variadas, além de conduto, e encheu de vinho um odre de pele de cabra; e, quando a donzela subiu para o carro, entregou-lhe um frasco de oiro com óleo líquido, para que ela e as escravas se ungissem, depois do banho. Em seguida Nausícaa, tomando o chicote e as brilhantes rédeas, incitou as mulas a correr; e elas faziam estrépido com as patas e não cessavam de estender o corpo na carreira, levando

a roupa e a donzela, que não ia só, mas acompanhada de várias escravas.

Logo que chegaram à límpida corrente, onde estavam os lavadoiros todo o ano cheios da bela água, que subia em quantidade bastante para se lavar a roupa mais encardida, desatrelaram as mulas do carro e lançaram-nas para a borda do remoinhoso rio a pastar a tenra grama. E elas, tomando os vestidos do carro, levaram-nos para a água assombreada, e, com grande desembaraço, recalcaram-nos nos tanques, à porfia. Tendo-os lavado a preceito, estenderam-nos ordenadamente ao longo da praia do mar, sobre os seixos que as ondas lavaram. Em seguida, banhadas e ungidas com óleo de oliveira, elas tomaram a sua refeição na margem do rio, à espera de que os raios do sol lhes secassem a roupa. Quando, porém, já estavam satisfeitas, lançando de si os véus, puseram-se a jogar a bola a senhora e as escravas, entre as quais, Nausícaa de níveos braços dirigia o canto e a dança. Qual a frècheira Ártemis vai pelos montes, pelo muito alto Taígeto ou pelo Erimanto deleitando-se em a caça dos javalis e dos ligeiros veados, seguida daș ninfas agrestes, filhas de Zeus portador da égide, e, divertindo-se com elas, sente prazer o coração de Latona, porque a cabeça e a fronte da filha sobressai entre todas e é bem difícil de distinguir, apesar de todas serem formosas, — assim a casta donzela se salientava entre as escravas.

Quando ela já pensava em regressar a casa, de-

20, *dança*. Provàvelmente consistia num passo rítmico, que acompanhava o lançar e o apanhar da bola.

pois de jungir as mulas e dobrar as esplêndidas roupas, Atena, a deusa de olhos brilhantes, trocou outra vez os cordelinhos, para que Ulisses acordasse e visse a donzela de formoso rosto, que o havia de conduzir à cidade dos Feácios. A filha do rei atirou com a bola para uma escrava; mas, como não acertasse e a bola fosse cair num profundo sorvedouro do rio, todas prorromperam em altos gritos. Com o ruído, Ulisses despertou e, assentando-se, considerava em seu espírito e no seu coração:

— Ai de mim! Que homens habitarão esta terra, a que cheguei? Serão violentos, selvagens e injustos, ou hospitaleiros e de espírito temente aos deuses? Aos meus ouvidos chegam gritos femininos, como de donzelas... de ninfas que habitam os altos cimos das montanhas, as nascentes dos rios e os ervosos prados? Com certeza, eu estou perto de homens dotados de linguagem. Mas quero sabê-lo por experiência e vê-los com meus próprios olhos.

Tendo assim falado, o egrégio Ulisses saiu de baixo dos arbustos e, com a mão forte cortou da densa floresta um ramo com as suas folhas, para rodear o corpo e esconder suas vergonhas. Como o leão nutrido nas montanhas caminha, desafiando chuvas e ventos, confiado na sua força e de olhos dardejantes; e persegue bois, ovelhas ou corças silvestres, porque a fome o impele a acometer os rebanhos e a assaltar os currais, — assim Ulisses era obrigado a ir para entre as donzelas de belas tranças, apesar de estar nu, pois a necessidade o constrangia. Mostrou-se-lhes, pois, horrivelmente desfigurado, por causa da água do mar, e elas, assustando-se, dispersaram-se pela margem do rio, cada uma para seu lado. Só a filha de Alcínoo não fugiu, porque

Atena deu ânimo ao seu espírito e tirou-lhe o medo dos membros. Ela deteve-se diante de Ulisses; este, porém, estava em dúvida, se suplicaria à donzela de formosas faces, abraçando os seus joelhos, ou se com afectuosas palavras lhe pediria de longe que lhe mostrasse a cidade e lhe desse roupa. Depois destas reflexões, pareceu-lhe melhor suplicá-la de longe com meigas palavras, não sucedesse que a donzela se indignasse em seu coração contra ele, por tocar seus joelhos. Sem mais demora, dirigiu-lhe este discurso, afectuoso e astuto:

— Eu te imploro, ó rainha! Tu és deusa ou mortal? Se és alguma das deusas, que habitam o vasto céu, eu acho-te na beleza, na estatura e no aspecto, muito semelhante a Ártemis, a filha do grande Zeus. Se és mortal, do número dos que vivem sobre a terra, três vezes felizes sejam teu pai, tua veneranda mãe e teus irmãos, porque o coração deles deve sentir muita alegria por causa de ti, sempre que vêem uma tão esbelta flor entrar no coro da dança. Mas ditoso mais que ninguém o coração daquele que, sendo o primeiro por seus presentes, te levar para casa.

Meus olhos, na verdade, nunca viram um mortal assim, homem ou mulher; por isso, olho-te com admiração. Beleza semelhante só vi em Delos, outrora, onde eu tinha ido acompanhado de muito povo, nessa viagem, em que me deviam suceder trabalhos funestos; foi um rebento novo de palmeira, que crescia, junto ao altar de Apolo. Do mesmo modo que o meu espírito ficou longo tempo maravilhado, ao ver o prodígio, pois nunca brotara da terra planta igual, assim, donzela, eu te admiro e me extasio diante de ti; e é grande o meu receio

de abraçar os teus joelhos, se bem que me encontro num lance bem trabalhoso. Ontem, no vigésimo dia da minha viagem, salvei-me do mar vinhoso. Durante todo esse tempo, as ondas e as rápidas procelas não cessaram de me açoitar, desde a ilha de Ogígia. E agora uma divindade arrojou-me para aqui, para sofrer talvez mais trabalhos, porque não espero que eles acabem; os deuses far-me-ão passar primeiro ainda por muitos outros. Mas tu, rainha, tem compaixão de mim! Tu, que és a primeira de quem eu, depois de suportar tantos infortúnios, venho ao encontro, mostra-me a cidade, visto eu desconhecer os homens, que habitam esta terra; e dá-me um farrapo para me cobrir, se tens algum que, ao vir para aqui, tivesses trazido para embrulhar a roupa. Concedam-te os deuses tantos bens, quantos desejas em teu coração, — marido, casa e feliz concórdia, porque nada há melhor, nem mais excelente do que marido e esposa governarem a casa em unidade de espíritos. Eles percebem as invejas dos inimigos e a satisfação dos amigos; e — o que vale mais — sentem dentro do próprio peito quão grande é sua felicidade.

Respondeu-lhe Nausícaa de níveos braços:

— Estrangeiro, visto não me pareceres mau nem insensato, considera que Zeus Olímpico distribui a cada um os seus bens, conforme quer, aos bons e aos maus, e que, por isso, deves levar com paciência a sorte que ele te deu. Mas, já que vieste à nossa cidade e a esta terra, não terás falta de roupa nem de nenhuma coisa, das que necessita um pobre desgraçado, que vem ao nosso encontro. Eu quero indicar-te a cidade e dizer-te o nome destas gentes. Os Feácios são quem habita na cidade e nesta terra;

e eu sou filha do magnânimo Alcínoo, que impera e *domina* sobre estes povos.

Depois de assim falar, ordenou às escravas de belas tranças:

— Parai, servas! Para onde fugis vós, ao verdes um homem? Julgais porventura que é algum inimigo? Não é este um varão que assuste; nem haverá alguém que venha hostilizar a terra dos Feácios, porque os deuses imortais são seus amigos. Nós vivemos isolados, nos confins da terra, no meio do undoso mar, e nenhum mortal nos visita. Este, que chegou aqui, é um infeliz que anda errante. Nós devemos cuidar dele, porquanto de Zeus são todos os estrangeiros e indigentes e o bem que se lhes faz, por pequeno que seja, é precioso. Dai-lhe, pois, escravas, de comer e de beber; e, em seguida, lavai-o no rio, num lugar abrigado do vento.

Assim falou; e elas detiveram-se. Animando-se então umas às outras, convidaram Ulisses a assentar-se ao abrigo do vento, conforme Nausícaa, a filha do magnânimo Alcínoo, lhes ordenara. Depois, colocaram junto dele um manto e uma túnica,

---

13-14. *de Zeus são todos os estrangeiros e indigentes.* O sentimento aqui expresso é equivalente ao revelado na fórmula latina: *Res sacra miser.*

15. *precioso* nas mãos dos peregrinos e indigentes, porque estes lhe sentem o peso, o valor, o preço; *precioso* aos olhos de Zeus, porque, não obstante não ser este um deus de indiscutível probidade, está também ele, como todos os indígenas do Olimpo, sujeito às leis da Necessidade. Segundo a concepção grega há duas injunções da Necessidade, é o Tem-de-ser, na ordem física, e o Deve-ser, na ordem moral. O imperativo de respeitar e socorrer os desgraçados pertence ao Deve-ser, superior a caprichos de homens e deuses.

deram-lhe um frasco de oiro com óleo líquido e convidaram-no a lavar-se na corrente do rio. Mas o egrégios Ulisses disse às escravas:

— Conservai-vos um pouco afastadas, para eu, estando só, lavar os meus ombros da água do mar e me ungir com óleo, pois há já muito tempo que não faço isto. Na vossa presença não me lavarei, porque tenho pejo de desnudar-me, no meio de jovens de belas tranças.

Assim falou; e elas afastaram-se e foram dar conta à filha do rei. Entretanto o egrégio Ulisses lavava-se no rio do sal marinho que lhe cobria o dorso e os ombros largos, e limpava a cabeça da espuma do mar estéril. Depois que se lavou e ungiu com óleo de oliveira e vestiu a roupa que a casta donzela lhe dera, Atena, filha de Zeus, fê-lo parecer de melhor aspecto e mais encorpado e que da cabeça lhe descesse a espessa cabeleira aos caracóis, semelhante à flor do jacinto. Do mesmo modo que um habilidoso artista a quem Hefestos e Palas Atena ensinassem o segredo da arte vária, derrama o oiro por sobre a prata e executa belos trabalhos, assim ela derramou a graça em volta da cabeça e dos ombros de Ulisses. Este, afastando-se, foi assentar-se na praia do mar, resplandecente de beleza e graça. Nausícaa, que o olhava com admiração, disse para as criadas de belas tranças:

— Escutai, escravas de níveos braços, o que vos quero dizer! Não é contra a vontade de todos os deuses, moradores do Olimpo, que este varão vem ter com os deiformes Feácios. Ele antes parecia-me desprezível, agora, porém, assemelha-se aos deuses que habitam no vasto céu. Quem dera que lhe agradasse estabelecer sua morada entre nós e que

fosse chamado meu esposo! Mas, ó escravas, dai de comer e de beber ao estrangeiro.

Assim falou; e elas escutaram a sua ordem: obedientes, ofereceram-lhe comida e bebida. E o paciente e preclaro Ulisses, por não ter há muito provado alimento, bebia e comia com avidez. Nausícaa de níveos braços, porém, tomou a resolução. Depois de ter dobrado a roupa, pô-la no carro esplêndido, jungiu as mulas de fortes cascos e, subindo para ele, exortou a Ulisses por estas palavras:

— Levanta-te, estrangeiro! Vamos para a cidade: quero acompanhar-te ao palácio de meu prudente pai, onde afirmo que hás-de ver os mais nobres de todos os Feácios. Mas tu, que me pareces muito sensato, deves proceder deste modo: enquanto caminharmos por campos e terrenos cultivados, apressa o passo com as escravas, seguindo as mulas e o carro, que eu adiante mostrarei o caminho. Logo que chegarmos à cidade, que é cingida por uma alta muralha com suas torres, hás-de vê-la no meio dum belo porto duplo, de boca estreita, no qual as naus, movidas a remos de ambos os lados, têm abrigos, ao longo da via, para onde as puxam. Nela encontra-se a ágora em volta do magnífico templo de Posséidon, feita de blocos que para lá arrastaram e embutiram no solo. Aí são cuidados os aparelhos das escuras naves, as cordagens e as velas, e aplainam-se os remos, porque os Feácios não tratam de arcos e aljavas, mas de velas, remos e de naus iguais, com que, alegres, atravessam o pardacento mar.

Eu quero evitar os picantes ditos deste povo; não suceda que alguém atrás de nós murmure, pois são muito insolentes os homens cá da terra. Pode

ser que algum mais malicioso, que nos encontre, diga assim: Quem é este estrangeiro de aspecto belo e grande de estatura que segue a Nausícaa? Onde o encontrou ela? Ele há-de ser certamente seu esposo. Deve ser um varão peregrinante que ela conduz de sua nave, um varão de longes terras, porque nós não temos vizinhos; ou então é algum deus, que, a seus ardentes rogos, baixou do céu e terá como esposo, enquanto viver. Fez bem, indo a outra terra buscar marido, já que despreza os Feácios, entre os quais muitos e nobres a pretendem». É isto o que hão-de dizer e as censuras que terei de ouvir. E eu próprio censuraria também aquela que obrasse deste modo, que contra a vontade dos que lhe são caros, de seu pai e de sua mãe, vivos ainda, se ajuntasse com homens, antes de se casar pùblicamente.

Estrangeiro, escuta, sem mais demora, o que te vou dizer, para que consigas de meu pai, o mais cedo possível companheiros e o teu regresso à pátria. Hás-de encontrar junto ao caminho o magnífico bosque de negros álamos, consagrado a Atena, onde corre uma fonte, com um prado em volta. Ali está a tapada de meu pai e uma floresta vinha, a tal distância da cidade, que um grito se pode aí ouvir. Conserva-te nesse lugar assentado, até que nós entremos na cidade e cheguemos ao palácio de meu pai. Quando, porém, puderes supor que tenhamos chegado lá, então encaminha-te para a cidade dos Feácios e pergunta pelo palácio do magnânimo Alcínoo, meu pai. Ele é fácil de conhecer e até uma ingénua criança te poderia ensinar o caminho, pois que as habitações dos Feácios não têm nenhuma semelhança com a do herói Alcínoo. Mas, logo que

chegares ao palácio, e entrares no pátio, passa ràpidamente através da sala, que irás ter onde se encontra minha mãe. Ela está assentada à lareira, a fiar ao clarão do fogo lã tingida com púrpura marinha, cujo aspecto é maravilhoso; tem por encosto uma coluna; e as escravas, atrás de si, também estão assentadas.

A essa mesma coluna apoia-se o trono de meu pai, no qual bebe vinho, assentado como um deus. Passando por diante dele, vai abraçar os joelhos de minha mãe, para que te alegres de ver em breve o dia do teu regresso, ainda que estejas muito longe da pátria. Se ela em seu coração te for propícia, podes ter esperança de ver os amigos e de voltar à bem construída casa e à tua terra pátria.

Dito isto, feriu com o brilhante chicote as mulas que deixaram velozes a margem do rio e trotavam a largos passos em sua carreira. Mas Nausícaa continha-as e chicoteava-as moderadamente, para que as escravas e Ulisses a pudessem acompanhar a pé. Quando o sol se punha, chegaram ao célebre bosque, consagrado a Atena, onde o egrégio Ulisses ficou assentado. Este ergueu logo a sua prece à filha do grande Zeus:

— Escuta-me, ó indomável, ó filha de Zeus, portador da égide! Ouve-me agora, já que nunca antes me ouviste, quando era maltratado e me feria o ilustre Sacudidor da terra. Concede que os Feácios me dêem bom acolhimento e se compadeçam de mim.

Assim orou; e Palas Atena ouviu-o. Mas ela ainda se lhe não tinha manifestado claramente, por temer o irmão de seu pai, que estava muito indignado contra Ulisses, semelhante a um deus, antes de ele ter chegado à sua terra.

RAPSÓDIA VII

Entrada de Ulisses no palácio de Alcinoo

O paciente e egrégio Ulisses orava ali deste modo, enquanto as robustas mulas iam levando a donzela para a cidade. Quando, porém, esta chegou ao célebre palácio de seu pai, fê-las parar ao portal, e os irmãos, semelhantes aos deuses imortais, rodeando a Nausícaa, desatrelaram-nas do carro e levaram os vestidos para dentro. Mas ela dirigiu-se para a sua câmara, onde lhe estava a acender o lume a velha aia Eurimedusa, de Apira. Esta trouxeram-na outrora dessa terra nas naus movidas a remos de ambos os lados, escolhida dentre o espólio para Alcínoo, porque reinava sobre todos os Feácios e o povo obedecia-lhe como a um deus. Ela tinha no palácio criado a Nausícaa de níveos braços, acendia-lhe o lume e preparava-lhe a ceia, no seu aposento.

Por esta ocasião, Ulisses levantou-se e dirigiu-se para a cidade. Mas Atena, que lhe queria bem, difundiu um espesso nevoeiro à sua volta, temendo que algum dos magnânimos Feácios, encontrando-o, escarnecesse dele e lhe perguntasse quem era. No momento, porém, em que ia a entrar na encantadora cidade, eis que Atena, a deusa de olhos brilhantes, veio ao seu encontro, na forma de uma jovem donzela com o seu cântaro. E, detendo-se adiante do egrégio Ulisses, este interrogou-a:

— Ó menina, não me poderias guiar ao palácio dum varão, de nome Alcínoo, que reina sobre esta gente? Eu sou um estrangeiro que tem passado por muitos trabalhos e venho de longe, duma terra afastada daqui; por isso, não conheço nenhum dos

moradores desta cidade, nem dos que habitam neste país.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe:

— Eu indicar-te-ei então, bom estrangeiro, o palácio por que me perguntas, pois está situado ao pé da casa de meu irrepreensível pai. Mas anda em silêncio, que eu te ensinarei o caminho; e não olhes para os outros homens, nem lhes dirijas a palavra, porque eles não suportam, de maneira nenhuma, entre si os estrangeiros, nem dão acolhimento amável àquele que vem doutro país. Confiando na rapidez das ligeiras naus, atravessam o abismo profundo do mar — tal é o dom que o Sacudidor da terra lhes concedeu — e as suas naves são ágeis, como se tivessem asas, ou como o pensamento.

Tendo assim falado, Palas Atena pôs-se a caminhar apressadamente; e Ulisses, atrás, seguia as pegadas da deusa. Mas os Feácios, marinheiros célebres, não perceberam quem ia pela cidade, pelo meio deles, porque a poderosa deusa, Atena de belas tranças, que em seu coração lhe queria bem, não deixava, tendo difundido à sua volta uma prodigiosa névoa. Admirado, contemplava Ulisses os portos e as naus iguais, as ágoras dos heróis e as muralhas longas e altas, providas de estacaria cujo aspecto era maravilhoso. Quando chegaram ao célebre palácio do rei, Atena, a deusa de olhos brilhantes, tomando a palavra, disse:

— Ó bom estrangeiro, este é o palácio, que me pedes que te mostre; nele encontrarás os reis, alunos de Zeus, celebrando um festim; tu, porém, entra para dentro e não se perturbe o teu ânimo, que o varão ousado é mais feliz em todas as suas empresas, ainda que venha de uma terra estranha.

Primeiramente encontrarás na sala a dona da casa, cujo nome é Arete e descende dos mesmos antepassados que o rei Alcínoo. Nausítoo foi o primeiro filho de Posséidon, o Sacudidor da terra, e de Peribeia, a mais bela das mulheres e a filha mais nova do magnânimo Eurimedonte, o qual reinou outrora sobre os Gigantes orgulhosos. Mas ele fez perecer o seu povo ímpio e morreu, enfim, também. De Peribeia, pois, e de Posséidon nasceu um filho, o magnânimo Nausítoo, que reinou sobre os Feácios e foi pai de Rexenor e de Alcínoo. O primeiro destes, que não teve filhos, foi morto por Apolo do arco argênteo, quando estava ainda recém-casado, deixando no palácio uma única filha, de nome Arete. Esta tomou-a Alcíno para esposa e honrou-a tanto, como nenhuma outra mulher é honrada sobre a terra, entre todas as que hoje em dia governam a casa, sujeitas a seu marido. Foi sempre estimada de todo o coração e é-o ainda por seus filhos, pelo próprio Alcínoo e pelo povo, que a olha como uma deusa e saúda-a de viva voz, quando vai pela cidade; porquanto é dotada de bom-senso, dirime os litígios àquelas a quem é afeiçoada, e até aos homens. Se ela, em seu coração, te for propícia, podes ter esperança de ver os amigos e de regressar à casa de alto teoto e à tua terra pátria.

Tendo assim falado, Atena dos olhos brilhantes afastou-se por sobre o mar estéril; deixando a Esquéria encantadora, chegou a Maratona e a Atenas de largas ruas e entrou na casa sòlidamente construída de Erecteu. Entretanto Ulisses caminhava para o célebre palácio de Alcínoo; mas, antes de chegar à brônzea soleira, parou, agitado em seu coração de muitos pensamentos.

Pelo palácio de alto tecto do magnânimo Alcínoo brilhava um esplendor como o do Sol ou da Lua. Paredes de bronze elevavam-se dum lado e doutro, corriam da fachada até ao fundo e rematava-as em volta uma cornija de cor azul. Impediam a entrada no palácio, sòlidamente edificado, portas também de bronze, cujas ombreiras de prata se apoiavam sobre o éneo limiar; de prata era igualmente a torça, mas o anel de oiro. De cada lado havia uns cães de oiro e de prata, imortais e isentos perpètuamente da velhice, que Hefestos tinha executado com arte, para guardarem o palácio do magnânimo Alcínoo.

No interior, ao correr da parede, desde a fachada até ao fundo, estavam, à direita e à esquerda, cadeirões encostados, cobertos com finos tapetes, artìsticamente tecidos por mãos de mulheres. Ali assentavam-se os chefes dos Feácios, a beber e a comer, pois seus banquetes duravam todo o ano. Meninos de oiro erguiam-se sobre pedestais bem feitos, que, de noite, alumiavam aos convivas no palácio, com fachos acesos nas mãos. Cinquenta escravas residem nos paços de Alcínoo: umas moem nos moinhos o loiro grão, outras urdem teias ou assentadas movem o fuso com tanta presteza como folhas de esbelto álamo. E da tela finamente tecida goteja o

---

5, *cornija*. Não se sabe qual a matéria desta cornija, pois que o texto não o diz. Todas as opiniões a este respeito não passam de meras conjecturas

25, *goteja*... óleo. Quer dizer: o tecido é tão compacto que o óleo, em vez de se embeber nele, corrria sobre a sua superfície e cairia no chão; ou, conforme outra interpretação, é tão brilhante, como se dele escorresse óleo.

líquido óleo. Quanto os Feácios excedem todos os outros homens em conduzir pelo mar uma ligeira nau, tanto as suas mulheres se distinguem em executar uma tela com arte, porque Atena concedeu-lhes mais que a ninguém engenho excelente e o dom de finíssimos lavores.

Fora do pátio, ao pé da porta, existe um grande horto, de quatro geiras de extensão, cingido de ambos os lados por uma sebe. Nele crescem árvores grandes e viçosas: pereiras, romãzeiras, macieiras de belo fruto, figueiras encantadoras e verdejantes oliveiras. Nestas árvores a fruta nunca se estraga nem falta, tanto no Inverno como no Verão; dura todo o ano, porque Zéfiro, soprando de contínuo, faz crescer uma e amadurar outra. Assim, a pera amadurece depois da pera, a maçã depois da maçã, a uva depois da uva e o figo depois do figo. Também ali plantaram a Alcínoo uma fértil vinha, cujos cachos são secados uns num lugar plano e exposto ao sol, ao passo que os outros são vindimados e pisados. Na parte dianteira da vinha há cepas, das quais umas deixam cair a flor, quando nas outras começam as uvas a amadurecer. Ao longo da parte extrema do horto, crescem, em canteiros bem ordenados, todas as espécies de legumes, que verdejam todo o ano. Há ali duas fontes: uma rega todo o horto; e a outra, que é onde a gente da cidade vai buscar água, abastece o excelso palácio, passando por debaixo da soleira do pátio. Tais eram, na morada e Alcínoo, os dons magníficos dos deuses.

O paciente e egrégio Ulisses, tendo-se detido, contemplava todo este espectáculo. Mas, depois que seu espírito o admirara, transpôs ràpidamente o limiar

do palácio. Dentro, encontrou os chefes e os conselheiros dos Feácios a fazer libações em honra do vigilante Argeifontes, que era o último, a quem libavam, quando queriam recolher-se ao leito. O paciente e egrégio Ulisses, porém, foi através do palácio, oculto na espessa névoa, em que Atena o envolvera, até que chegou junto de Arete e do rei Alcínoo. Então Ulisses cingiu com os braços os joelhos de Arete e em volta dele dissipou-se a maravilhosa névoa. Ao verem um homem estranho no palácio, os circundantes emudeceram e olhavam-no admirados, enquanto Ulisses suplicava assim:

— Ó Arete, filha de Rexenor, semelhante a um deus. Eu, depois de sofrer muitos trabalhos, venho ao encontro de teu esposo, de teus joelhos e de todos estes convivas, aos quais concedam os deuses vida feliz e que deixem no palácio riquezas aos filhos, bem como as honras de que o povo os cumulou. Mas apressai a minha viagem, para que chegue depressa à pátria, pois já há longo tempo que sofro aflições longe dos que me são caros.

Depois de assim falar, assentou-se à lareira, na cinza, junto ao lume e todos se conservaram tranquilos, e em silêncio. Passado algum tempo, tomou a palavra o velho herói Equeneu, versado em muitas coisas antigas e que era o mais idoso entre os Feácios e se distinguia por seus discursos. Este, pois, movido de benevolência, tomando a palavra, disse:

— Alcínoo, não é decente, nem convém que um hóspede fique à lareira, assentado no chão, sobre a cinza. Como estes hesitam, esperando que tu fales, manda-o erguer-se e assentar-se numa cadeira cravejada de prata, e dá ordens aos arautos para misturarem o vinho, e fazermos libações em honra

de Zeus, que se compraz no raio, o qual faz companhia aos suplicantes e os protege. Que a dispenseira dê de cear ao hóspede das provisões que tem lá dentro.

Como o poderoso Alcínoo ouvisse estas palavras, tomou pela mão o prudente e solerte Ulisses e erguendo-o da lareira ofereceu-lhe uma cadeira, de que tinha mandado levantar a seu filho, o audaz Laodamante, que estava ao pé dele e era o seu filho predilecto. Uma escrava, trazendo então água para ele se lavar num belo jarro de oiro, deitou-lha nas mãos, sobre uma argêntea bacia, pôs-lhe diante uma mesa polida. E uma dispenseira veneranda serviu-lhe pão, além de muitas iguarias das provisões guardadas, de que distribuía com prazer. E o paciente e egrégio Ulisses ia comendo e bebendo. Então o poderoso Alcínoo disse para o arauto:

— Pontónoo, mistura vinho na cratera e distribui-o a quantos estão no palácio, para que façamos libações em honra de Zeus, que se compraz no raio, o qual faz companhia aos suplicantes e os protege.

Falou assim; e Pontónoo misturou o melífluo vinho e distribuiu-o a todos, vertendo nos copos as primícias, para libarem. Quando, porém, tinham feito as libações e bebido tanto quanto tinham na vontade, Alcínoo, tomando a palavra disse-lhes:

— Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios, quero-vos declarar o que me inspira o coração no peito. Agora que terminastes o banquete, ide deitar-vos para vossas casas; mas, de manhã, convocando um

---

1. *se compraz no raio*. Segundo outros *que lança o raio*.

maior número de anciãos, receberemos o hóspede em nossos paços e sacrificaremos aos deuses agradáveis vítimas; em seguida pensaremos no regresso do estrangeiro, para que, guiado por nós, se alegre de chegar brevemente, sem trabalhos nem incómodos, à sua pátria, ainda que esteja muito longe dela, e não padeça entretanto algum mal ou contrariedade, antes de pisar a sua terra. Depois, quando lá chegar, sofrerá o que o destino e as graves fiandeiras lhe fiaram em seu nascimento, quando a mãe o deu à luz. Se, porém, for algum dos imortais que baixou do céu, é porque os deuses cogitam num projecto novo a nosso respeito. Na verdade, eles têm-se-nos sempre manifestado claramente, quando lhes oferecemos ínclitas hecatombes, vindo banquetear-se para a nossa beira, assentados nos mesmos assentos que nós. E, se um viajante, caminhando sòzinho, encontra algum, eles não se ocultam, porquanto nós somos por linhagem seus parentes, assim como os Ciclopes e as tribos selvagens dos Gigantes.

Em resposta disse-lhe o solerte Ulisses:

— Alcínoo, ocupa o teu espírito com outros pensamentos, porque eu, tanto na estatura como no aspecto, não me assemelho aos imortais, moradores do vasto céu; nisto sou igual aos homens perecedouros. Àqueles varões vossos conhecidos, que suportaram mais angústias, a esses posso ser equiparado nos sofrimentos. Sim; e poderia contar ainda males maiores, se dissesse tudo quanto, por vontade dos

---

9-10, *as graves fiandeiras*. As Parcas dos latinos, que fiavam (finavam) a sorte de cada homem, ao nascer.

deuses, eu sofri. Mas, não obstante a minha aflição, deixa-me cear, pois que nada há mais insolente do que este maldito estômago, o qual nos constrange a pensar nele; e por maiores que sejam as tribulações e por mais consumido de penas que esteja o espírito, como o meu está, ele incita-nos sempre a comer e a beber; e a mim faz-me esquecer actualmente quanto sofri, insistindo comigo para que o sacie. Vós, apenas desponte a Aurora, apressai-vos a fazer pisar o chão da pátria a este infeliz, embora tenham sido muitos os trabalhos que sofreu. A minha vida pode depois acabar, quando tiver visto os meus bens, as escravas e a casa grande e de alto tecto.

Assim falou, com aplauso de todos; e eles aconselharam que fosse reconduzido à pátria porquanto era justo o que dizia. Em seguida, depois das libações e de terem bebido quanto tinham na vontade, foram deitar-se, cada um para sua casa. O egrégio Ulisses, porém, ficou na sala, assentado junto de Arete e do deiforme Alcínoo, enquanto as escravas recolhiam os aprestos do banquete. Dentre eles, Arete de níveos braços foi a primeira a falar. Ela reparando nos belos vestidos de Ulisses, reconheceu o manto e a túnica, em que trabalhara com suas escravas; por isso, dirigindo-se a ele, disse estas aladas palavras!

— Hóspede, antes de mais nada quero dirigir-te estas perguntas: Quem és tu? Qual é o teu país? Quem te deu esses vestidos? Não disseste que chegaste aqui, errando por sobre o mar?

Em resposta disse-lhe o solerte Ulisses:

— Ó rainha, seria difícil contar minuciosamente os meus infortúnios, visto os deuses celestes mos

terem concedido em abundância; mas responderei à tua pergunta e ao que pretendes saber de mim. Longe, no mar, está situada uma ilha, Ogígia, onde mora uma terrível deusa, a ardilosa Calipso de belas tranças, filha de Atlante. Com ela não convive nenhum dos deuses nem algum dos homens mortais; só a mim, infeliz, me levou uma divindade para seu lar, quando, no meio do mar vinhoso, Zeus me fendeu a ligeira nau, atingindo-a com o fúlgido raio. Então pereceram todos os meus esforçados companheiros; mas eu abracei-me à quilha da nave, movida a remos de ambos os lados, e assim andei, durante nove dias; ao décimo, numa escura noite, os deuses aproximaram-me da ilha de Ogígia, onde mora uma terrível deusa, Calipso de belas tranças, a qual, recolhendo-me, me tratou com carinho, me alimentou e prometia fazer-me imortal e perpètuamente isento da velhice, sem todavia, no peito, meu coração se deixar jamais convencer.

Ali estive detido sete anos, molhando de contínuo com minhas lágrimas os vestidos imortais que Calipso me dera. Mas, quando, no ourso dos tempos chegou o oitavo, então ela, quer por ordem de Zeus, quer por o seu ânimo ter mudado, ordenou-me e incitou-me a paritr. Tendo-me dado muitos mantimentos, pão e saboroso vinho, e depois de me cobrir com vestes imortais, despediu-me da ilha numa jangada de muitas ataduras e enviou após de mim uma brisa propícia e tépida.

Durante dezassete dias naveguei através das ondas e no décimo oitavo apareceram os montes sombrios da vossa terra. A mim, infeliz, alegrou-se-me o coração, mas eu devia ainda topar com muitos reveses, que Posséidon, o Sacudidor da terra, me

enviou: ele fez levantar os ventos contra mim, que me cortaram o caminho, e agitou o mar imenso, cujas ondas, no meio de meus profundos suspiros, me expeliram da jangada.

Esta foi em seguida dispersa pelos ventos; e então nadei através desse abismo do mar, até que a tempestade e as ondas me aproximaram da vossa terra. Mas, se eu tentasse sair naquele ponto, as ondas, impelindo-me para terra firme, arremessar-me-iam contra uns grandes rochedos e para um sítio funesto; por esse motivo, retrocedi nadando, até chegar a um rio, que me pareceu lugar óptimo, sem rochas e ao abrigo das ventanias. Aí, tendo saído da água, deitei-me no chão, para recobrar forças; e a noite imortal sobreveio. Depois afastei-me do rio, que as chuvas alimentam, para ir dormir entre uns arbustos. Amontoei folhas, e um deus infundiu-me um interminável sono. E, de coração aflito, lá dormi, entre a folhagem toda a noite e de madrugada, até ao meio-dia.

O sol declinava, quando me deixou o doce sono. Então percebi a brincar na praia as criadas da tua filha, que entre elas era semelhante às deusas. Implorei-a; e mostrou ser de boa índole, obrando como não seria de esperar duma pessoa jovem, que vem ao nosso encontro; porque a gente moça é sempre inconsiderada. Deu-me pão em abundância e rutilante vinho, mandou que me lavassem no rio e forneceu-me estes vestidos. Isto que, não obstante a minha aflição, acabo de contar-te, é a verdade pura.

Alcínoo replicou-lhe, dizendo:

— Hóspede, minha filha não pensou acertadamente no que fez, pois não te conduziu para nosso

palácio com as escravas, tendo-lhe tu pedido antes.

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

— Herói, por causa disso não censures a tua filha irrepreensível; ela ordenou-me que a seguisse com as escravas, mas eu não quis, não sucedesse que, ao ver-me, te indignasses em teu ânimo contra mim, porquanto são inclinadas à ira as raças dos homens que vivem sobre a terra.

Alcínoo replicou-lhe, dizendo:

— Hóspede, eu não tenho no peito um coração tal que levianamente se encolerize. É preferível a moderação em tudo. Oh! pelo pai Zeus, por Atena e Apolo, quem dera que tu, sendo assim como és e tendo os mesmos sentimentos que eu, ficasses entre nós como esposo da minha filha e meu genro! Se permanecesses de bom grado, dar-te-ia casa e riquezas; mas, não querendo, nenhum Feácio te deterá, que isto desagradaria a Zeus, nosso pai. Quanto à tua partida, eu determino, para que tenhas a certeza disso, que ela seja amanhã; e, enquanto tu dormes, vencido do sono, os meus homens levar-te-ão a remos sobre o mar calmo, até que chegues à pátria e a tua casa ou a outra parte que tu queiras, ainda que seja muito mais distante que Eubeia, a qual está situada bem longe, segundo dizem aqueles dos nossos que a viram, quando levaram o fulvo Radamanto a visitar Fício, filho de Geia. Eles foram lá; e, num só dia, fizeram a viagem, sem se cansarem, e volveram de novo a casa. Tu conhecerás por experiência, em teu espírito, como são excelentes as minhas naus e hábeis os moços em levantar a água com os remos.

Assim falou; e o paciente e egrégio Ulisses alegrou-se. Então, tomando a palavra, fez esta prece:

— Pai Zeus, oxalá Alcínoo leve a cabo tudo quanto disse: que a sua glória seja perpétua sobre a terra fecunda em trigo e que eu regresse à pátria!

Tal era o colóquio que tinham entre si. Mas Arete, de níveos braços, ordenou às escravas que lhe colocassem um leito no pórtico, o guarnecessem de belas mantas purpúreas e que por cima estendessem tapetes e pusessem mantos de lã, para o hóspede se recobrir. Elas saíram da sala com um facho na mão; e, tendo com diligência preparado um sólido leito, apresentaram-se a Ulisses e convidaram-no por estas palavras:

— Hóspede, vai-te deitar, que o leito está pronto.

Assim disseram; e a ele pareceu-lhe coisa agradável entregar-se ao sono. Ali, pois, sob o pórtico retumbante, dormiu o paciente e egrégio Ulisses, num leito de artística talha; e Alcínoo foi deitar-se no interior do alto palácio com sua nobre esposa no leito e nas almofadas que esta preparara.

RAPSÓDIA VIII

Apresentação de Ulisses aos Feácios

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, levantaram-se do leito o poderoso Alcínoo e o expugnador de cidades, Ulisses, da estirpe de Zeus. E dirigiram-se, o poderoso Alcínoo à frente, para a ágora dos Feácios, a qual fora edificada junto das naus. Chegados aí, assentaram-se numas pedras lisas, um ao pé do outro. Entretanto Palas Atena, sob a forma dum arauto do prudente Alcínoo, ia pela cidade a cuidar do regresso do magnânimo Ulisses; e, aproximando-se de cada cidadão, dirigiu-lhe estas palavras:

— Eia, chefes e conselheiros dos Feácios! Ide à ágora, ouvi o hóspede que chegou há pouco ao palácio do prudente Alcínoo, depois de andar errante pelo mar, e que no aspecto se assemelha aos deuses imortais.

Com estas palavras incitava o ânimo e o desejo de cada um. Assim a ágora e os assentos depressa se encheram de varões que iam concorrendo. E muitos olhavam com admiração para o prudente filho de Laertes, porque Atena derramara uma graça extrardinária em volta da sua cabeça e dos seus ombros e fê-lo parecer maior e mais encorpado, para que todos os Feácios o acolhessem com agrado, o temessem e respeitassem e ele pudesse sair vitorioso dos numerosos jogos, em que o haviam de provar. Depois de terem comparecido e estando todos congregados, Alcínoo, tomando a palavra, disse-lhes:

— Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios, vou

manifestar-vos o que no peito me inspira o coração. Este estrangeiro, a mim desconhecido, chegou ao meu palácio, vindo, quer das partes do Oriente, quer do Ocidente, depois de ter andado errante; e insiste em que o reenviem à pátria, não cessando de mo implorar. Apressemo-nos, por isso, a despedi-lo, como anteriormente temos feito, pois nunca ninguém veio a meu palácio, que permanecesse aqui longo tempo a suspirar por se ir embora. Lancemos ao mar brilhante uma escura nau para a sua primeira viagem, e sejam escolhidos entre o povo cinquenta e dois moços que até hoje se tenham mostrado os melhores. Depois de terdes atado bem os remos aos bancos, desembarcai; e vinde a nosso palácio preparar ràpidamente um festim, que oferecerei a todos, sem excepção.

Eis o que ordeno aos moços. Vós, porém, ó reis, portadores do ceptro, vinde, e que ninguém se recuse, a meus paços magníficos, para que na sala recebamos com todas as honras o nosso hóspede. Chamai também o divino aedo Demódoco, a quem a divindade concedeu, mais que a ninguém, o dom de deleitar com o seu canto, em tudo o que o seu coração lhe inspira.

Dito isto, deixou a ágora, e os reis, portadores do ceptro, seguiam-no. Mas o arauto foi convidar o divino aedo; e os cinquenta e dois moços que foram escolhidos, esses encaminharam-se, como Alcínoo ordenara, para a praia do mar estéril. Como lá chegassem, levaram a escura nave para um sítio fundo e puseram-lhe o mastro e as velas; em seguida, seguraram os remos por meio de correias, tudo convenientemente, e desfraldaram as brancas velas; por fim ancoraram a nau, onde a água era mais

funda e puseram-se a caminho para o grande palácio do prudente Alcínoo. Aqui os pórticos, os pátios e as salas estavam cheios de homens, que tinham concorrido em grande número, novos e velhos, para os quais Alcínoo imolara doze ovelhas, oito porcos de alvos dentes e dois bois de andar pesado. Eles ocupavam-se em esfolá-los e em preparar o banquete jucundo.

O arauto compareceu com o caro aedo, sobremaneira amado pela musa, que lhe dera o bom e o mau: privara-o da vista e concedera-lhe o dom de cantar com suavidade. Pontónoo colocou-lhe, no meio dos convivas, uma cadeira cravejada de prata, que encostou a uma coluna; e o arauto suspendeu dum cabide, por cima da sua cabeça, a lira sonora, indicando-lhe como devia tomá-la com suas próprias mãos; e pôs adiante dele uma bela mesa com um açafate e um copo de vinho para beber, quando quisesse. Os convidados estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente.

Quando, porém, tinham saciado a vontade de comer e de beber, a musa incitou o aedo a celebrar as proezas dos guerreiros num canto, cuja fama chegava então até o vasto céu, — a querela entre Ulisses e Aquiles, filho de Peleu: como eles, um dia, num opulento festim em honra dos deuses, contenderam com palavras terríveis, ao passo que o ânimo de Agamémnon, capitão do exército, se comprazia na disputa dos mais valentes dos Aqueus. Pois este era o oráculo que Febo Apolo, na sagrada Pito, lhe deu, quando, para o consultar, transpôr o limiar de pedra: que, nesse momento, começariam as calamidades para Troianos e Dánaos, por determinação do grande Zeus.

Tal era o canto do ilustre aedo. Mas Ulisses, tomando uma extremidade do largo manto de púrpura nas vigorosas mãos, puxou-a para cima da cabeça e escondeu sua bela face, porque se envergonhava de que, diante dos Feácios, as lágrimas lhe caíssem dos olhos. Quando, porém, o divino aedo acabou o canto, então depois de enxugar as lágrimas, tirou o manto da cabeça e, tomando um copo duplo, fez libações em honra dos deuses; mas, como o aedo recomeçasse a cantar, rogado pelos príncipes feácios, a quem deleitava a letra, Ulisses envolveu de novo a cabeça, abafando seus suspiros.

A todos passou despercebido que ele chorava; Alcínoo, que estava assentado à sua beira, foi o único que o notou e advertiu, ao ouvir seus profundos suspiros. Imediatamente disse aos Feácios, amigos dos remos:

— Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios!

Agora, que o nosso coração se satisfez com o banquete fraternal e com a lira, a companheira do opulento festim, saiamos a experimentarmo-nos em todos os jogos, para que o hóspede, quando voltar à pátria, possa contar aos amigos quanto nós excedemos aos outros homens no pugilato, na luta, no salto e na carreira.

Dito isto, pôs-se a caminhar à frente dos outros, que o seguiam. O arauto suspendeu do cabide a lira sonora e, tomando a Demódoco pela mão, levou-o para fora da sala, indo adiante dele pelo mesmo caminho, por onde os príncipes dos Feácios saíram para ver os jogos. Dirigiram-se, acompanhados duma grande e inumerável multidão, para a ágora, onde se levantaram muitos jovens valentes. Eram estes os que se puseram de

pé: Acróneo, Ocíalo, Elatreu, Nauteu, Primneu, Anquíalo, Eretmeu, Ponteu, Proreu, Tóron, Anabesíneo e Anfíalo, filho de Políneo, Tectonida. Além destes, ergueu-se Euríalo, semelhante a Ares, funesto aos mortais, filho de Náubolo, que, depois do irrepreensível Laodamante, era entre todos os Feácios o que mais se distinguia em beleza e estatura. Os três filhos do irrepreensível Alcínoo, Laodamante, Hálio e Clitóneo, semelhante a um deus, estavam também de pé. Estes foram os primeiros que contenderam na corrida. A prova fazia-se desde a barra, na direcção da pista; e todos voavam céleres na planície, por entre uma nuvem de pó, que eles erguiam. O irrepreensível Clitóneo excedeu-os muito na carreira. É tão longo o sulco que abrem duas mulas num baldio, quando ele superou os companheiros, que ficaram atrás de si. Outros contenderam na luta trabalhosa, na qual Euríalo triunfou de todos os mais valentes. No salto, Anfíalo foi o mais distinto de todos; mas no disco Elatreu mostrou-se o melhor e no pugilato Laodamante, o filho hábil de Alcínoo.

Quando todos tinham divertido o seu coração com os jogos, Laodamante, o filho de Alcínoo, disse-lhe:

— Eia, amigos, perguntemos ao hóspede se aprendeu algum jogo e se tem disso experiência. O seu aspecto, — as coxas, as pernas, ambos os braços, o musculoso pescoço e sua grande força não são dum homem ordinário; demais, está no vigor da idade. Os muitos sofrimentos é que o quebrantaram, pois julgo que nada é pior do que o mar para abater um homem, por mais forte que seja.

Respondeu-lhe Euríalo:

— Laodamante, falaste muito a propósito. Vai tu próprio convidá-lo e expor-lhe o teu pensamento.

Quando o hábil filho de Alcínoo ouviu estas palavras, avançou para o meio de todos e falou a Ulisses deste modo:

— Bom estrangeiro, experimenta também os jogos, se por acaso aprendeste algum. Tu conhece-los certamente, porque não há maior glória para o homem, enquanto vive, do que fazer alguma coisa com os pés e com suas mãos. Dá, pois, as tuas provas e põe tréguas aos cuidados do espírito. A tua viagem não tardará muito, que a nau já foi arrastada para o mar e os homens estão prontos.

O solerte Ulisses replicou-lhe:

— Laodamante, porque me convidais a isso por escárneo? O meu espírito preocupa-me mais com suas aflições do que com os jogos. São muitas as que antes tive de sofrer e que suportei; e, agora, assentado na vossa ágora sinto ânsias de regressar à pátria e imploro ao rei e a todo o povo que mo concedam.

Mas Euríalo respondeu-lhe, lançando-lhe este insulto à cara:

— Estrangeiro, na verdade parece-me que tu não conheces os muitos jogos, em que se exercitam os homens; assemelhas-te a um capitão de piratas, que vai e vem com a nau de muitos bancos, lembrado só da carga e atento às mercadorias — fruto de suas rapinas. Não; tu não tens a aparência dum atleta.

O solerte Ulisses, olhando-o de soslaio, retorquiu-lhe:

— Meu hospedeiro, tu não falaste com discrição; pareces-me um louco. Como se vê, os deuses não

concedem a todos os homens iguais dons: aspecto, engenho ou eloquência. A um falta-lhe a beleza do corpo, mas a divindade outorga-lhe a da palavra. Por isso, todos se comprazem em vê-lo, quando fala na assembleia com firmeza e com uma modéstia encantadora, que o distingue dos demais; e, se vai pela cidade, olham-no como a um deus. Outro é na aparência igual aos imortais, mas a graça não irradia de suas palavras, como sucede contigo, cujo aspecto é magnífico e a quem até um deus não formaria doutra maneira; falta-te, porém, o espírito.

Tu, dirigindo-me palavras inconvenientes, excitaste o ânimo no meu peito. Ora eu não sou, como dizes, inexperto nos jogos; antes julgo que era dos primeiros, quando confiava na juventude e nos meus braços. Mas agora encontro-me oprimido pela desgraça e pelos sofrimentos, porque suportei muitos trabalhos, em combate contra os homens e através das agitadas ondas. Não obstante, mesmo assim, apesar do muito que tenho sofrido, experimentarei os jogos; teu discurso foi mordaz e incitaste-me com ele.

Disse; e, sem depor o manto, tomou um disco maior, mais grosso e muito mais maciço do que aquele que os Feácios lançavam entre si. Fê-lo girar com o braço e de sua forte mão despediu a pedra que zunia, enquanto os Feácios, habituados aos compridos remos, célebres marinheiros, se abaixavam até à terra, por causa do ímpeto, com que fora lançado o disco. E este, que partira rápido da sua mão, ultrapassou todos os sinais, aonde chegaram

---

11, *doutra maneira*. Isto é não faria melhor.

os outros. Atena, na figura dum varão, marcou o lugar do tiro e, dirigindo a Ulisses a palavra, disse:

— Ó estrangeiro, até um cego, às apalpadelas, distinguiria o sinal, pois que ele não se confunde com os outros, mas está muito mais além. Tu podes animar-te, pelo menos com esta espécie de jogo; nenhum dos Feácios aqui chegará, nem atirará mais longe.

— Assim disse; e alegrou-se o paciente e egrégio Ulisses, lisonjeado por ver nos jogos um companheiro benévolo. Então falou aos Feácios, de coração mais aliviado:

— Agora, jovens, chegai àquele ponto! Eu creio que lançarei em breve outro disco tão longe, ou ainda mais além. Quanto aos outros jogos, daquele que em seu coração e no ânimo se sinta impelido a experimentá-los, venha daí, já que me fizestes irritar a tão alto ponto. No pugilato, na luta ou na carreira, aceito tudo com qualquer dos Feácios, à excepção do próprio Laodamante, porque este me recebeu em sua casa. Quem combateria com aquele que o acolhe amigàvelmente? É insensato e indigno o varão que, estando em terra estranha joga ao desafio com quem lhe dá hospedagem; pois com isso, em mores trabalhos se enreda. Mas diante dos outros não recuo, nem desprezo a nenhum; só os quero conhecer e experimentá-los face a face. Em nenhum dos jogos que se usam entre as gentes sou desajeitado: sei manejar bem o polido arco e seria o primeiro a ferir com a frecha um homem no meio da turba dos inimigos, ainda que muitos companheiros estivessem ao pé de mim a dardejá-los. Filoctetes era o único que me excedia no arco, quando no país dos Troianos nós, os Aqueus,

disparávamos setas. A todos os outros homens, porém, que actualmente sobre a terra vivem de pão, julgo-me muito superior. Quanto aos heróis antigos, com esses não quero contender: nem com Hércules, nem tão-pouco com Eurito de Ecália, que no arco rivalizavam com os imortais. Por isso foi que o grande Eurito morreu cedo e não pôde no seu palácio chegar à velhice; Apolo, indignado contra ele, que o desafiara a atirar com o arco, matou-o.

A respeito da lança, eu arremesso-a aonde ninguém é capaz de chegar com uma seta. Ùnicamente na carreira temo ser vencido pelos Feácios. Fui alquebrado deploràvelmente pelos muitos embates das ondas, porque não havia na nave mantimentos suficientes; por isso fiquei com os membros lassos.

Assim falou; e todos se conservaram tranquilos e em silêncio. Só Alcínoo lhe respondeu, dizendo:

— Estrangeiro, as tuas palavras não nos desagradam; tu só quiseste fazer-nos ver a tua valentia, indignado por este homem te menosprezar, no meio da ágora, quando nenhum mortal de palavras sensatas desprezaria teu valor. Mas atende agora ao meu discurso, para que, lembrando-te de nossas prerrogativas, ao banqueteares-te em tua casa, junto da esposa e dos filhos, contes a outro herói os feitos que Zeus nos tem sempre confiado, já desde os nossos avós. Não somos grande coisa no pugilato e na luta, mas corremos com agilidade e distinguimo-nos em governar uma nau; além disso, sempre gostámos de banquetes, da cítara, das danças acompanhadas de canto, de vestidos de mudar, e banhos quentes e de leitos. Eia, vós, bailadores mais exímios dos Feácios, dançai, para que o hóspede,

voltando a sua pátria, possa dizer aos amigos quanto excedemos os outros homens na navegação, na carreira, na dança e no canto! Que alguém vá imediatamente buscar a sonora lira a Demódoco, que ficou, algures, em nossos paços.

Assim falou o deiforme Alcínoo; e o arauto pôs-se de pé para ir buscar a arqueada lira ao palácio do rei. Levantaram-se também nove árbitros, eleitos pelo povo, que nos jogos cuidavam de tudo, e que aplanaram o lugar para a dança e desimpediram a bela praça. O arauto chegou com a lira sonora pra Demódoco. Este avançou depois para o meio; e adolescentes, que tinham apenas entrado na juventude e eram exímios na dança, colocaram-se à sua volta e feriram com os pés o solo divino. Ulisses contemplava, admirado em seu espírito, os rápidos movimentos dos pés dos bailadores.

O tangedor da lira, porém, começou a cantar melodiosamente os amores de Ares e de Afrodita da bela coroa: «Como, às escondidas, depois de aquele ter feito a esta muitos presentes, se ajuntaram pela primeira vez no palácio de Hefestos, desonrando assim o leito do soberano. Mas Hélios vira o amoroso ajuntamento e foi-lhe denunciar o caso. Hefestos, logo que ouviu a pungente nova, dirigiu-se para a sua forja, maquinando em seu espírito propósitos sinistros. Colocou uma enorme bigorna sobre seu suporte e forjou uns laços fortes e inquebráveis, para que os dois aí ficassem presos. Depois de ter fabricado esta armadilha, em sua cólera contra Ares, entrou no aposento, onde tinha o leito; e estendeu os laços por toda a parte em volta do leito, pendurando, qual fina teia de aranha, grande parte deles da viga do tecto, os quais nin-

guém poderia ver, nem os bem-aventurados deuses, porque foram trabalhados com fina astúcia. Em seguida, disposta a armadilha em volta da cama, fingiu ir para Lemnos, a bem edificada cidade, que é de todas as terras a que mais lhe apraz. Ares, o deus de mão afeita às rédeas de oiro, não vigiava debalde, porque apenas viu que Hefestos, o artista ilustre, se afastou, dirigiu-se para o seu palácio célebre, atraído pelo amor de Citéria de linda coroa. Esta chegara, havia pouco, de junto de seu pai, o potentíssimo filho de Cronos, e estava assentada em casa. Ares, pois, entrou para dentro e, tomando-lhe com força a mão, falou assim:

— Amiga, vamos dormir para o leito! Hefestos não está em casa; lá vai sem dúvida a caminho de Lemnos, para entre os Sintianos de linguagem bárbara.

Assim disse; e de bom grado aceitou ela o convite. Mas, indo para o leito, as finas redes do astuto Hefestos envolveram-nos de tal sorte que não podiam mover nem levantar os membros. Conheceram então que não lhes era possível fugir. E o ínclito coxo, e coxo em dobrado, aproximou-se deles, tendo voltado para trás, antes de chegar à terra de Lemnos, porque Hélios estivera à espreita e contara-lhe tudo. Voltando pois, ao seu palácio, de coração aflito, deteve-se no vestíbulo, tomado duma cólera feroz; e gritou tão horrendamente, que todos os deuses o ouviram:

16, *os Sintianos*. Eram povos oriundos da Trácia, que primitivamente habitaram em Lemnos. Distinguiam-se pelo seu banditismo, donde lhes veio o nome.

— Pai Zeus e todos os outros bem-aventurados deuses sempiternos! Vinde cá presenciar uma cena ridícula e intolerável: como Afrodita, filha de Zeus, por eu ser coxo, me desonra de contínuo e prefere o pernicioso Ares, que é belo e tem os membros sãos, e eu sou defeituoso de nascença. Mas a culpa não é minha; é de meus pais, que oxalá nunca me tivessem gerado. Vede um espectáculo que me causa aflição: como eles, tendo ido para o meu leito, dormem juntos. Espero, porém, que não hão-de aquecer o ninho longo tempo, por muito que se amem. Em breve quererão levantar-se, mas a armadilha e os laços hão-de prendê-los ali, até que o pai me restitua todos os presentes que lhe dei por sua descarada filha; porquanto ela é bela, mas não tem vergonha.

Assim falou; e os deuses reuniram-se no palácio de éneo pavimento. Compareceu Posséidon, o Sacudidor da terra, e veio também o benéfico Hermes com o rei Apolo, cujos dardos acertam ao longe. As deusas, por vergonha ficaram cada uma em sua casa. Os deuses, distribuidores de dons, detiveram-se no vestíbulo; e, ao verem o artifíco do astuto Hefestos, uma interminável gargalhada elevou-se de entre eles. E alguns dos mortais coscovilhavam para o vizinho:

— Das más acções não advém proveito algum; e o vagaroso alcança o que é ágil, como sucedeu agora a Hefestos, que, sendo tardo e coxo, apanhou com seu artifício a Ares, o mais rápido dos deuses, moradores do Olimpo, que, por isso, tem de pagar-lhe a multa do seu crime.

Assim conversavam eles uns com os outros. Mas o rei Apolo, filho de Zeus, disse para Hermes:

— Ó Hermes, filho de Zeus, mensageiro distribuidor de dons! Quererias tu, preso com os fortes laços, dormir no leito ao pé da áurea Afrodita?

Assim disse; e uma gargalhada ecoou no meio dos deuses imortais. Mas Posséidon, que estava de contínuo a rogar a Hefestos, o ilustre artista, que libertasse Ares, esse não se riu. Dirigindo-se a ele, disse-lhe estas palavras aladas:

— Solta-o, que eu prometo-te que ele, como tu ordenas, pagar-te-á tudo o que é devido entre os deuses imortais.

Replicou-lhe o ilustre coxo:

— Posséidon, Sacudidor da terra, não me exortes a isso. É má fiança abonar os maus. E como te poderia eu prender no meio dos deuses imortais, se Ares partisse, livre dos laços e sem pagar a dívida?

Posséidon, o Sacudidor da terra, respondeu-lhe:

— Hefestos, se Ares fugir, recusando pagá-la, eu próprio ta pagarei.

O ilustre coxo tornou-lhe:

— Não é possível, nem conveniente negar-te o que pedes.

Dito isto, o poderoso Hefestos desatou os laços. E os dois, apenas foram livres das suas fortes prisões, levantaram-se imediatamente e partiram: Ares foi para a Trácia e a risonha Afrodita para Pafos, em Chipre, onde tem um bosque e um altar perfumado pelo incenso. Ali as graças, depois de a banharem e ungirem com um óleo imortal, como o que brilha nos deuses sempiternos, envolveram-na em lindos vestidos, que eram um encanto para os olhos».

Deste modo cantava o ilustre aedo. Ulisses e os Feácios dos longos remos, célebres marinheiros, ouviam-no, deliciados em seu espírito.

Mas Alcínoo mandou a Hálio e a Laodamante que dançassem sós, com os quais ninguém rivalizava. Eles tomaram nas mãos uma bonita e purpúrea bola, que o hábil Pólibo lhes fizera; e, enquanto um, curvando-se para trás, a lançava para as nuvens sombrias, o outro, erguendo-se dum salto, apanhava-a sem dificuldade, antes de tocar o chão com os pés. Tendo experimentado sua destreza em atirar a bola a prumo ao ar, passaram, em seguida, à dança e, sobre a terra fecunda, alternavam frequentemente um com o outro, enquanto os demais que estavam no campo batiam o compasso, sendo grande o barulho que resultava daí. Então o egrégio Ulisses falou para Alcínoo:

— Poderoso Alcínoo, ínclito soberano da mais excelente grei, tu gloriaste-te de que os teus bailadores sejam os mais exímios; e a prova ei-la aí. Eu contemplo isto admirado.

Assim disse; e alegrou-se o poderoso Alcínoo, que dirigiu imediatamente a palavra aos Feácios, que se comprazem nos remos:

— Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios! O nosso hóspede parece-me varão muito cordato. Eia, ofereçamos-lhe, como é justo, o dom da hospitalidade! Vós sois doze, os reis ilustres, os príncipes que governam nesta terra, e eu o décimo terceiro. Cada um traga um manto bem lavado, uma túnica e um talento de precioso ouro; e, juntos, levemos isto sem demora ao nosso hóspede, para ele ir para a ceia contente em seu espírito por ter estes presentes em suas mãos. E Euríalo, por meio de pala-

vras e um donativo, faça as pazes com ele, porque não falou como devia.

Assim disse com aplauso de todos; e cada um, dando ordens, enviava o seu arauto a buscar os presentes. Euríalo, porém, disse-lhe em resposta:

— Poderoso Alcínoo, ilustre rei de nobre gente, eu quero, pois, fazer as pazes com o hóspede, como tu ordenas. E vou dar-lhe esta espada toda de bronze, cujo punho é de prata e a bainha que a envolve de marfim recentemente cortado. Isto será de grande estima para ele.

Dito isto, colocou nas mãos de Ulisses a espada com cravejamento de prata e dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Salve, hóspede! Se pronunciei alguma palavra ofensiva, que os impetuosos ventos a levem já. E que os deuses te concedam ver a esposa e a pátria, porquanto há muito tempo que andas longe dos teus a sofrer trabalhos.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

— Eu também te saúdo, amigo, com efusão. Oxalá os deuses te cumulem de felicidades e que nunca no futuro sintas a falta desta espada que me deste, ao fazer com tuas palavras as pazes comigo.

Disse; e suspendeu dos ombros a espada com cravejamento de prata.

Quando se pôs o sol, já Ulisses tinha adiante de si os valiosos presentes. Os nobres arautos levaram-lhos para o palácio de Alcínoo; e os filhos do rei irrepreensível, tendo recebido os magníficos dons, colocaram-nos junto de sua veneranda mãe. À frente de todos ia o poderoso Alcínoo; e, chegando lá, assentaram-se em seus tronos. Então disse o rei potente a Arete:

— Mulher, traze para aqui uma boa caixa, a melhor de todas, e coloca-lhe dentro um manto bem lavado e uma túnica; em seguida, ponde ao lume para o nosso hóspede uma caldeira e aquecei água, para que ele, depois do banho e vendo postos em ordem todos os presentes que os irrepreensíveis Feácios lhe trouxeram, se deleite com o festim e com o canto do aedo. De minha parte, quero presenteá-lo com esta magnífica taça de ouro, para que ele se lembre de mim todos os dias, quando em sua casa fizer libações a Zeus e aos outros deuses.

Assim falou; e Arete disse às escravas que sem demora pusessem ao lume uma grande trípode. Elas colocaram ao fogo ardente uma que costumava servir nos banhos; deitaram-lhe dentro água e, tomando lenha, acenderam-lha debaixo. E o fogo, envolvendo o bojo da trípode, aquecia a água. Entretanto Arete trouxe duma estância uma excelente caixa para o hóspede e nela dispôs as boas dádivas, vestuário e ouro, que os Feácios lhe ofereceram, além dum manto e duma bonita túnica, por sua conta; depois dirigindo-se a ele, disse estas aladas palavras:

— Examina tu próprio a tampa e ata-a depressa com uma corda, não suceda que te roubem na viagem, quando na escura nau te entregares ao brando sono.

O paciente e egrégio Ulisses, tendo-a ouvido, adaptou logo a tampa à caixa e ligou-a, fazendo um nó complicado, como o aprendera um dia dos ágeis dedos da veneranda Circe. Acto contínuo, a dispenseira convidou-o para o banho. E ele olhou com prazer do seu espírito para a água quente, porque, desde que abandonara a habitação de Ca-

lipso de bela cabeleira, não estava acostumado a um tal conforto. Durante o tempo, porém, em que esteve com ela, foi sempre tratado como um deus. Depois de sair do banho e de ser ungido com óleo pingue pelas escravas, estas envolveram-no num belo manto e numa túnica; e ele dirigiu-se para o meio dos homens, que bebem vinho.

Nausícaa, cuja beleza lhe tinha sido dada pelos deuses, estava de pé junto dum suporte do tecto sòlidamente construído; e, fixando os olhos nos de Ulisses, sentiu-se encantada e disse-lhe estas aladas palavras:

— Eu te saúdo, hóspede, para que, um dia, quando estiveres na terra pátria, te lembres de mim, pois eu sou a primeira a quem deves agradecer a salvação de tua vida.

Respondeu-lhe o engenhoso Ulisses:

— Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo! Assim permita Zeus, o altitonante esposo de Hera, que volte a minha casa e veja o dia do regresso. Eu lá também te darei, como a uma deusa, todos os dias, os meus agradecimentos, porque a ti, donzela, devo a minha vida.

Disse; e assentou-se num cadeirão, ao lado do rei Alcínoo, ao tempo em que já se distribuíam as porções e se misturava o vinho. O arauto aproximou-se também mais o acarinhado Demódoco, o aedo que o povo estimava; e fê-lo assentar no meio dos convivas, junto duma grande coluna, que lhe servia de encosto. Então o prudente Ulisses, depois de cortar do lombo dum porco de alvos dentes, do qual deixava, aliás, a maior parte, um pedaço coberto de abundante gordura, falou assim para o arauto:

— Arauto, toma! Dá esta talhada a Demódoco, para que ele a coma. Apesar da minha aflição, quero brindá-lo com isto, porque os aedos são para os homens que vivem sobre a terra dignos de honra e reverência pelos cantos que a musa lhes ensinou, a qual ama a casta dos poetas.

Assim falou; e o arauto, levando o naco, pô-lo nas mãos do herói Demódoco, cujo coração se alegrou ao recebê-lo. E os convivas estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Mas, quando tinham satisfeito o desejo de beber e de comer, o sadio Ulisses disse então para Demódoco:

— Demódoco, eu louvo-te muito mais que a todos os outros homens. Quer tivesses sido ensinado pela musa, filha de Zeus, quer por Apolo, cantas muito bem os reveses dos Aqueus, todos os seus feitos e todas as suas penas e trabalhos, como se com teus olhos os viras ou os ouvisses contar a quem os viu. Mas, eia! pulsa outra corda da lira e canta o ardil do cavalo de madeira, feito por Epeu ao aceno de Atena, e que o divino Ulisses um dia meteu na acrópole, grávido de guerreiros, que saquearam Ílion. Se isto contares como convém, proclamarei desde logo a todos os homens que uma divindade te outorgou benévola o privilégio do canto divino.

Assim disse; e o aedo, movido por um deus, começou a entoar o seu canto, partindo do momento, em que parte dos Argivos, depois de incendiarem as tendas, se retiravam com as naus de boa

---

8, *herói*. É um título meramente honorífico.

coberta, quando outros já estavam na ágora de Tróia, assentados em volta do muito afamado Ulisses, dentro do cavalo, que os próprios Troianos arrastaram para a acrópole. Ulisses erguia-se ali e os Teucros, à sua volta, faziam muitas propostas desencontradas. Eram três as preferidas: ou trespassar com o cruel bronze o bojo de madeira; ou arrastá-lo para o cimo dos rochedos e arremessá-lo depois daí a baixo; ou enfim, poupar o grande simulacro como oferta propiciatória aos deuses. A terceira devia cumprir-se, porque era destino da cidade que fosse arruinada, quando tivesse dentro o grande cavalo de madeira, onde se escondiam todos os mais valentes dos Argivos, que levavam aos Troianos carnificina e morte. E o aedo cantava como os filhos dos Aqueus, depois de saírem do cavalo e deixarem o bojo do monstro, destruíram Tróia. Cantava também como cada um por sua parte ia devastando a cidade alta; e como Ulisses, qual outro Ares, se dirigiu com Menelau, semelhante a um deus, para o palácio de Deífobo. Finalmente contou como aquele suportara ali um terrível combate, de que saiu vitorioso, com ajuda da magnânima Atena.

Tal era o canto do inspirado aedo. Ulisses, porém, afligia-se, e as lágrimas, correndo-lhe das pálpebras, molhavam suas faces. Do mesmo modo que uma esposa chora, prostrada junto do marido, que caiu diante da cidade e dos seus habitantes, defendendo esta e os seus filhos do cruel dia, e, ao vê-lo moribundo e palpitante, solta agudos ais, abraçada a ele, enquanto outros, de trás, a ferem com lanças no dorso e nas espaldas e a conduzem para a cadeia, a sofrer trabalhos e aflições, apesar de suas

faces se consumirem com a dor mais miseranda, — assim derramava Ulisses de seus olhos comovedoras lágrimas. A todos passou despercebido que ele chorava; Alcínoo, que estava assentado à sua beira, foi o único que o notou e advertiu, ao ouvir seus profundos suspiros. Imediatamente disse aos Feácios, amadores de remos:

— Ouvi, chefes e conselheiros dos Feácios! Cesse já Demódoco de tocar a sonora lira, porque talvez não agrade a todos o seu canto. Desde que ceámos e se levantou o divino aedo, as aflitivas lágrimas não têm deixado o nosso hóspede; uma grande dor por certo lhe envolveu o espírito. Cesse, pois, para que nos regozijemos todos juntamente, os hospedeiros e o seu hóspede. Assim é muito melhor, porque, por atenção a ele, é que foi preparado tudo isto — seu regresso à pátria e os amáveis presentes que lhe oferecemos, em prova de amizade. Um suplicante e um hóspede equivalem a um irmão para o homem que não é de todo desprovido de sentimento.

Por isso, tu não me ocultes agora com simuladas intenções o que te vou perguntar; é melhor para ti responder-me. Dize-me o teu nome; como na pátria o teu pai e a tua mãe e os outros homens da cidade e dos arredores te chamam; porquanto todos os homens, sem excepção, bons e maus, desde que nascem, têm um nome, que lhes impõem os pais, quando eles vêm à luz. Nomeia também a tua terra, o teu povo e a tua cidade, para que as nossas naus propondo em seu pensar levar-te lá, assim o cumpram. Pois as naus dos Feácios não usam de pilotos nem de lemes, como as outras naus costumam ter; mas elas, por si mesmas, conhecem as intenções

e os pensamentos dos homens, bem como as cidades e os férteis campos de todos os povos; e atravessam com rapidez o abismo do mar, ainda que esteja encoberto pela névoa ou pelas nuvens, sem temor de serem danificadas ou de irem ao fundo. Quero narrar-te o seguinte, tal qual o ouvi outrora contar a meu pai Nausícoo. Dizia ele que Posséidon tinha inveja de nós, por transportarmos indemnes a todos os homens; e que, um dia, ao volver uma bem construída nau dos Feácios de levar alguém, havia de destruí-la no mar brumoso e de rodear a nossa cidade com uma elevada montanha. Assim contava o velho; e o deus pode fazer isto ou não, conforme em seu ânimo quiser.

Eia! Fala e conta-me sinceramente por onde andaste errante, em que países estiveste e que povos e cidades bem habitadas viste, bem como quais são os homens cruéis, selvagens e injustos e quais os hospitaleiros e tementes aos deuses. Dize-me igualmente porque choras e se aflige teu coração ao ouvires os reveses dos Argivos, dos Dánaos e de Ilion. Os deuses foram a causa disso e determinaram a morte desses homens, para que ela desse aos vindouros o assunto de seu canto? Perdeste por ventura diante de Ilion algum esforçado parente, algum genro ou sogro? Que estas são as pessoas mais caras, depois das ligadas a nós pelo sangue e pela linhagem. Ou foi talvez algum bom companheiro que te estimava? Porquanto não é inferior a um irmão o companheiro prudente.

RAPSÓDIA IX

Narrações de Ulisses. — Ciclopeia

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Ó rei Alcínoo, rei excelente da mais ínclita grei! É por certo delicioso ouvir um aedo como este, cuja voz é igual à dos deuses. Eu não creio que haja coisa mais agradável do que ver reinar a alegria em todo o povo e os convivas no palácio, assentados por ordem a mesas abastecidas de pão e de carne, escutando o aedo, enquanto o copeiro tira o vinho das crateras e o vai deitando nos copos. Meu espírito acha este espectáculo muito belo. Teu coração, porém, levou-te a interrogar-me a respeito de minhas lacrimosas penas, para que eu chore e me aflija ainda mais. Sendo tantas as aflições que os deuses celestes me infligiram, que te devo contar primeiro e que deixarei para o fim? Antes de mais nada, quero dizer-vos o meu nome, para que vós o saibais e eu continue a ser vosso hóspedes, em grata lembrança, depois, quando escapar ao dia cruel, não obstante viver longe.

Eu sou Ulisses, filho de Laertes, por minhas astúcias objecto dos pensamentos de todos os homens, e cuja fama chega até o céu. Habito em Ítaca, bem visível ao longe, onde se levanta o arborizado e esplêndido Nérito; e em volta há muitas ilhas, bem perto umas das outras: Dulíquio, Sama e a nemorosa Zacinto. Ítaca, que no mar sobressai

---

19, *dia cruel* O perigo máximo da viagem, já prognosticado.

pouco, é a última de todas para o lado do Ocidente, ao passo que as outras se afastam para leste e para o meio-dia. É áspera, mas criadora duma boa raça de homens; e eu, na verdade, não posso encontrar coisa mais agradável à vista do que esta terra. Calipso, a deusa preclara, deteve-me na sua ilha, em côncava gruta, desejando-me para esposo; da mesma sorte e artificiosa Circe de Eeia conservou-me no seu palácio e queria que eu fosse seu marido. Mas nunca conseguiram mover-me no peito o coração, porque nada há mais doce do que a pátria e do que os pais, ainda que um homem habite longe, em terra estranha, num opulento palácio, mas sem os seus progenitores. Deixa-me então contar-te o trabalhoso regresso que Zeus determinou, depois que parti de Tróia.

Tendo deixado Ílion, o vento levou-me para o país dos Cíconos, para Ismaro. Aqui saqueei a cidade e matei os homens; depois, tomando as suas mulheres e muitas riquezas, distribuímo-las, para que ninguém se fosse, sem ter do espólio uma parte igual. Então exortei os companheiros a que fugíssemos depressa; mas eles, os grandes loucos, não se deixaram convencer. Bebiam vinho em abundância e degolavam na praia muitas ovelhas e bois de andar pesado e patas volteantes. Entrementes, porém, os Cíconos foram pedir auxílio a outros Cíconos, seus vizinhos, habitantes do continente, os quais eram mais numerosos e esforçados e sabiam combater a cavalo e também a pé, quando era preciso.

Surgiram numa manhã de nevoeiro em tão grande

---

18. *Ismaro*. Cidade da Trácia.

número quantas são as folhas e as flores na Primavera; e então estava iminente o funesto destino decretado por Zeus contra nós, infelizes, de que sofrêssemos muitas aflições. Postos em ordem, eles deram-nos batalha junto das naus ligeiras, ferindo-nos mùtuamente com as lanças de bronze. Durante a manhã e enquanto o sagrado dia foi aumentando, pudemo-los repelir, apesar do seu maior número; mas quando o sol começou a baixar para o ocaso, então os Cíconos venceram os Aqueus e puseram-nos em fuga. Em cada nave morreram seis dos meus companheiros de belas grevas e nós, os restantes, escapámos à morte e ao destino.

Dali, continuámos viagem, de coração triste, por termos perdido os caros companheiros, e contentes, não obstante, por nos salvarmos da morte. Todavia não partiram as naus movidas a remos de ambos os lados, sem primeiro chamarmos três vezes a cada um dos desventurados, que morreram na planície às mãos dos Cíconos. Zeus, amontoador das nuvens, suscitou depois contra as naus uma violenta tempestade do Bóreas; e, envolvendo em nuvens terra e mar juntamente, fez descer a noite do céu. Corriam de proa baixa as naus e a impetuosidade do vento rasgara-lhes as velas em três e em quatro partes: por isso, as amainámos temendo a nossa perdição, e as naus, à força de remos, conduzimo-las precipitadamente para a terra firme. Dois dias e duas noites permanecemos ali, de ânimo consumido, ao mesmo tempo pelo cansaço e pela tristeza. Mas, quando a Aurora de belas tranças trouxe o dia terceiro, erguidos os mastros e içadas as brancas velas, assentámo-nos nas naves deixando ao vento e aos pilotos que as dirigissem. E teria certamente chegado incó-

lume à terra pátria, se a corrente das ondas e o Bóreas não me impelissem, ao dobrar o cabo Maleu, e não me afastassem da rota de Citera.

De ali fui levado, durante nove dias, pelos funestos ventos sobre o mar piscoso; mas, no décimo, aportámos ao país dos Lotófagos, que se alimentam de flores. Saímos a terra, fizemos aguada e logo a companha se pôs a tomar a refeição, junto das naus ligeiras. Quando, porém tínhamos acabado de comer e de beber, eu escolhendo dois homens e dando-lhes um terceiro como arauto, enviei-os a colher informações acerca dos habitantes que naquela terra viviam de pão. Eles partiram imediatamente e ajuntaram-se aos Lotófagos, que não só não pensaram em causar mal aos nossos companheiros, mas até lhes deram do seu *loto* a comer. E aquele que o saboreava não queria trazer notícias nem voltar, mas preferia ficar ali, entre os Lotófagos, comendo *loto*, esquecido do regresso. Contudo, à força e apesar das suas lágrimas, trouxe-os para as côncavas naus e arrastei-os para debaixo dos bancos dos remadores, prendendo-os aí. Quanto aos outros queridos companheiros, ordenei-lhes que se apressassem a entrar para as naus ligeiras, não sucedesse que algum deles, comendo *loto*, se esquecesse de voltar. Embarcando eles, sem demora

---

3. *Citera*. Ilha situada nas costas da Lacónia, célebre por seu templo dedicado a Afrodita.

6. *Lotófagos*. Povo fabuloso, que, segundo Homero, se alimentava de lótus? lódão? que seria o fruto de uma planta do norte de África, do tamanho da azeitona, vermelho e muito doce Lotofagi, o mangiatori di *Loto*, che quest'erba anno per cibo. — Salvini, *Odissea*.

os remadores tomaram lugar nos bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o pardacento mar.

Dali continuámos viagem, de coração triste, e chegámos à terra dos Ciclopes, homens soberbos e sem lei, que, confiando nos deuses imortais, não plantam nem lavram, mas tudo lhes nasce espontâneamente, sem ser preciso semear nem lavrar, — trigo, cevada e vinha, que produz uns cachos muito grandes — e a chuva de Zeus faz-lhes crescer todos os frutos. Não têm ágoras, onde deliberem, nem leis, mas vivem em grutas côncavas, no cimo dos altos montes; e cada um impera sobre os filhos e as mulheres, sem cuidar um do outro.

Há uma pequena ilha arborizada fora do porto, situada nem longe nem perto da terra dos Ciclopes, onde vivem cabras montesas em incontável número, porque os passos do homem não as afugentam, nem tão-pouco o lugar é frequentado pelos caçadores, que sofrem trabalhos para percorrerem, por entre florestas, os cimos dos montes. Nessa ilha não vivem rebanhos, nem o arado aí entrou; mas sendo deserta, ninguém a semeia ou lavra jamais e só pastam nela as berrantes cabras. Porquanto os Ciclopes não têm naus de vermelho costado, nem carpinteiros que lhes construam tais, movidas a remos, em que possam ir às cidades doutros povos, como fazem os homens que atravessam o mar, traficando entre si. Isto tornar-lhes-ia bem

---

5. *Ciclopes*. Povo de estatura colossal e dotado dum único olho circular, donde lhes vem o nome. Entre eles o mais forte era Polifemo, com quem Ulisses teve de se haver.

cultivada, a ilha, cujo terreno não é mau, e seria capaz de produzir frutos em todas as estações do ano, pois tem junto às margens do pardacento mar prados húmidos e macios, próprios para vinha. Na parte inferior, é plana e lavrada; e, no tempo oportuno, poderia aí ceifar-se uma colheita muito abundante, porque o solo é fértil.

Possui a ilha um bom porto, onde as naus dispensam cordas e âncoras, nem é preciso lançar amarras; mas, aportando aí, podem permanecer dentro, até que o ânimo incite os marinheiros a partir e os ventos soprem prósperos. Na extremidade do porto corre uma fonte de água límpida, nascida numa gruta, em volta da qual crescem negros álamos.

Aqui, pois, aportámos nós, guiados por algum deus através duma noite tão escura, que não podíamos distinguir nada, porque densa névoa envolvia as naus e a lua não brilhava no céu, oculta atrás das nuvens. Ninguém, nesse momento, pôde com seus olhos ver a ilha nem as grandes ondas que rolavam para a costa, antes de terem aportado as naus movidas a remos. Então, depois de amainarmos todas as velas, saltámos para a praia do mar e deitámo-nos a dormir, à espera da Aurora brilhante.

Quando apareceu a filha da madrugada, a Aurora de róseos dedos, já nós andávamos a admirar a ilha. Mas as ninfas, filhas de Zeus, portador da égide, fizeram levantar as cabras montesas, para que os meus companheiros pudessem ter a sua refeição. Tomámos logo das naus os curvos arcos e os venábulos de longa haste e, em grupos de três, começámos a atirar contra elas, sob os auspícios dum deus, que nos ofereceu logo abundante caça.

As naus que seguiam comigo eram doze e a cada uma tocaram nove cabras. Só para mim separaram os meus companheiros dez. Assim, pois, durante todo o dia até o pôr-do-sol, estivemos assentados, a banquetear-nos com a grande abundância de carne e com o saboroso vinho, de que ainda tínhamos provisão nas naus, porque cada um, ao tomarmos a cidade sagrada dos Cíconos, enchera as ânforas. E, olhando nós para a terra dos Ciclopes, que estava perto, vimos fumo e ouvimos as suas vozes e os balidos das ovelhas e das cabras.

Logo que se pôs o sol e a noite sobreveio, deitámo-nos na praia do mar. Quando, porém, apareceu a filha da madrugada, a Aurora de róseos dedos, então eu, reunindo a assembleia dos companheiros, disse-lhes: «Meus caros companheiros, ficai aqui, enquanto eu com a minha nau e alguns mais vamos tentar saber que homens são estes: se violentos, selvagens e injustos, ou se hospitaleiros e tementes aos deuses».

Depois de assim falar, entrei para a nau e ordenei aos companheiros que entrassem também e soltassem as amarras. Embarcando eles sem demora, os remadores tomaram lugar nos bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o pardacento mar. Apenas tínhamos chegado a terra, que estava próxima, vimos nos extremos dela, perto do mar, uma elevada gruta, à sombra de loureiros. Ali descansava muito gado miúdo, ovelhas e cabras, em volta das quais havia uma alta cerca construída de pedras enterradas no chão, de grandes pinheiros e de carvalhos de elevada copa. Na gruta habitava um gigante, que vivia solitário, a apascentar seu rebanho; não tinha relações com a outra gente, mo-

rava só e não respeitava nenhuma lei. Era um portento colossal, em nada semelhante aos homens que comem pão; fazia antes lembrar um pico ensilveirado de altos montes, que aparece isolado dos outros.

Ordenei então aos meus queridos companheiros que ficassem ali junto da nau e que a guardassem; mas eu escolhi doze dos melhores e pusemo-nos a caminho, levando connosco um odre de pele de cabra com saboroso vinho tinto, o qual me havia dado Máron, filho de Evantes e sacerdote de Apolo, o deus tutelar de Ismaro, por nós o termos respeitado e protegido a ele, bem como ao filho e à mulher, que viviam num denso bosque consagrado a Febo Apolo. Esse fizera-me presente de preciosos dons; deu-me sete talentos de bem trabalhado oiro, uma cratera toda de prata e doze ânforas cheias de vinho saboroso e sem mistura — divina bebida! — que em casa os criados e as criadas não conheciam, mas sòmente Máron, a cara consorte e uma dispenseira.

Quando se bebia este melífluo vinho tinto, misturava-se um copo dele com vinte de água; e o aroma que saía da cratera era duma suavidade tão admirável, que seria pena não o saborear. Ora deste vinho levava um grande odre cheio, além de mantimentos num surrão, porque logo se afigurou ao meu ânimo generoso que iríamos ao encontro dum homem dotado de grande força, selvagem, injusto e sem lei.

Depressa chegámos à gruta; mas a ele não o encontrámos aí, porque andava a apascentar as suas gordas reses. Entrámos para dentro e pusemo-nos a admirar tudo. Aqui os secadoiros vergavam com os

queijos; ali no estábulo comprimiam-se os anhos e os cabritos, encerrados separadamente: numa parte os mais velhos, noutra os medianos e noutra os recém-nados; e de todas as vasilhas, bem trabalhadas, tarros e gamelas, de que ele se servia para ordenhar, extravasava o soro. Então os companheiros rogaram-me, primeiramente, que tomássemos alguns queijos e nos fôssemos; e depois que agarrássemos depressa dos currais alguns cabritos e anhos para a nau e nos fizéssemos à vela pelo mar salgado. Eu, porém, não me deixei persuadir — o que teria sido muito melhor — no intuito de ver o que por ali havia e na esperança de que gozaria os dons da hospitalidade. Mas a aparição do Ciclope tinha de ser funesta aos meus companheiros.

Ali fizemos lume, oferecemos sacrifícios, e, pegando em queijo, comemo-lo; depois assentámo-nos dentro da gruta, à espera do gigante, que veio, enfim, de apascentar o rebanho. Trazia um grande molho de lenha seca, para preparar a ceia, o qual deitou ao chão, dentro do seu antro, com tal estrondo, que nós, de medo, nos precipitámos para o interior da cafurna. As gordas reses, todas quantas devia ordenhar, conduziu-as para dentro da espacosa gruta, ficando à porta, no pátio de altas paredes, os machos, tanto carneiros, como bodes. Em seguida, colocou à porta uma grande e pesada pedra, que ergueu no ar, a qual vinte e dois carros sólidos e de quatro rodas não poderiam mover do chão: — tal era a massa do bloco que ele pôs à porta! Depois assentou-se e ordenhou as ovelhas e as berrantes cabras, tudo como deve ser, deixando a cada uma a respectiva cria. Depois, tendo feito coalhar metade do alvo leite, recolheu-o em peque-

nos cestos de verga; a outra metade, porém, guardou-a em vasilhas, donde a tomaria para beber, e lhe serviria de ceia.

Feitos estes trabalhos com presteza, acendeu o lume e, reparando em nós, perguntou-nos: «Ó estrangeiros, quem sois? Donde viestes, navegando pelos líquidos caminhos? Vindes tratar dalgum negócio, ou cruzais o mar à toa, como piratas que andam errantes, com perigo de suas vidas, só para fazerem mal a gentes estranhas?».

Assim disse; e o medo que nos metia sua voz grossa e sua figura monstruosa abateu-nos o coração. Mas, apesar disso, respondi-lhe: «Nós somos aqueus, vindos de Tróia, a quem ventos de toda a sorte fizeram perder o rumo sobre o vasto abismo do mar, em nosso regresso à pátria; seguimos outra rota e outros caminhos, porque Zeus talvez o quis assim dispor. Orgulhamo-nos de ser guerreiros do exército de Agamémnon, filho de Atreu, cuja fama é hoje imensa debaixo do céu, por ter destruído uma grande cidade e tirado a vida a muitos homens. E vimos ao encontro dos teus joelhos, na esperança de que nos dês um presente de hospitalidade ou outro dom qualquer, como é costume dos hospedeiros. Respeita, pois, os deuses, ó óptimo varão! Nós somos teus suplicantes, dos quais Zeus hospitaleiro é protector, bem como dos hóspedes, a quem faz companhia e protege».

Assim falei; e ele respondeu-me logo, de ânimo cruel: «Ó estrangeiro, és um louco ou vens do cabo do mundo, tu que me exortas a temer os deuses e a evitar sua ira. Os Ciclopes não temem nem Zeus, portador da égide, nem os outros deuses bem-aventurados, a todos os quais somos muito

superiores; e eu, por medo da inimizade de Zeus, não te pouparia a vida a ti nem aos teus companheiros, se o meu ânimo não se inclinasse a isso. Mas dize-me, quero sabê-lo, o lugar, em que deixaste, ao vir, a bem construída nau: se foi nos extremos desta terra, ou num sítio pouco afastado».

Isto disse ele, para me provar; mas a mim, que conheço muita coisa, não me enganou; e com palavras artificiosas tornei-lhe: «Posséidon, o Sacudidor da terra, levou a minha nau para um promontório, nos confins do vosso país, e destroçou-a, arremessando-a contra os rochedos; o vento que soprava do mar tinha-a arrastado para aí e só eu e estes companheiros nos salvámos duma terrível morte.»

Assim falei; e ele, de ânimo cruel, não me respondeu, mas, levantando-se com ímpeto, estendeu as mãos para os meus companheiros e agarrou dois, que atirou contra o solo, como se fossem dois cachorros; e os miolos derramaram-se sobre o chão e molharam a terra. Depois retalhou-os membro a membro e, preparada com eles a sua ceia, pôs-se a comê-los, semelhante ao leão, filho das selvas, não deixando nada, nem vísceras, nem carnes, nem os medulosos ossos. E nós, ao vermos tanta crueldade, elevávamos, com olhos lacrimosos, as mãos para Zeus, pois o desânimo tinha-se apoderado de nossos corações. Quando, porém, o Ciclope tinha enchido seu monstruoso ventre de carne humana e bebido leite sem mistura por cima, deitou-se no interior do antro, estendendo os membros pelo meio das reses. Veio-me então o pensamento ao magnânimo coração de aproximar-me dele e tirando a cortante espada de junto da coxa, cravar-lha no peito.

onde o diafragma envolve o fígado, tendo apalpado primeiro a mão; mas deteve-me outra reflexão. Porquanto ali pereceríamos duma horrível morte, por não podermos afastar com as mãos o enorme bloco, que o gigante colocou na alta porta. Assim esperámos, gemendo, a brilhante Aurora.

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, então ele acendeu o lume e ordenou o buliçoso rebanho, tudo muito bem, deixando a cada mãe a respectiva cria. Feitos estes trabalhos com presteza, apanhou de novo dois dos meus companheiros e preparou com eles a refeição. Em seguida, conduziu as gordas reses para fora do antro, afastando com facilidade a grande pedra da entrada, que colocou outra vez no mesmo sítio, como se pusesse uma tampa num carcaz. E lá levava o Ciclope, com grande estrépito, o pingue rebanho para o monte, enquanto eu ficava meditando coisas sinistras, em busca dum meio de me vingar dele, caso Atena cumprisse o meu desejo.

Ao meu ânimo acudiu um alvitre que me pareceu bom. Junto do estábulo do Ciclope, jazia um tronco de oliveira verde que ele tinha cortado para levar, quando estivesse seca. Nós, ao vê-lo, comparávamo-lo, tão grande era este, ao mastro duma escura e vasta nau de carga, de vinte remadores, que atravessa o imenso abismo do mar. Aproximando-me dele, cortei-lhe um bocado do tamanho duma braça, que entreguei aos meus companheiros, com a recomendação de o alisarem. Apenas tinham feito isto, aproximando-me, agucei-lhe uma das extremidades e logo a endureci no fogo ardente; depois ocultei-o debaixo do estrume que estava espalhado em grande abundância pela gruta. Então

ordenei que fossem sorteados aqueles que teriam comigo de atrever-se a levantar o pau e a fazê-lo girar dentro do olho do Ciclope, quando o doce sonho lhe sobreviesse. Caiu a sorte a quatro, os que eu próprio haveria escolhido, e associei-me a eles, perfazendo o número de cinco.

À tarde veio o Ciclope de apascentar o rebanho de bonito velo. Recolheu logo todas as reses, sem faltar uma na ampla gruta, sem deixar nenhuma no pátio de altas paredes, já por pressentir algum perigo, já porque um deus assim o ordenou. Em seguida colocou à porta grande pedra, que ergueu no ar; depois assentou-se e ordenhou as ovelhas e as berrantes cabras, tudo como deve ser, deixando a cada uma a respectiva cria. Feitos estes trabalhos com presteza, agarrou de novo dois dos meus companheiros e preparou com eles a ceia. Então eu, aproximando-me do Ciclope com uma gamela de vinho tinto nas mãos, falei-lhe assim: «Toma, Ciclope! Depois de comeres carne humana, bebe vinho, para que saibas que bebida era a que se guardava na nossa nau. Trouxe-o para te fazer uma libação, na esperança de que terias pena de mim e consentirias que eu fosse para a pátria; mas tua fúria, cruel, não se pode suportar mais. Como virá no futuro algum outro homem ter contigo, não nos tendo tu tratado de modo conveniente?».

Assim disse; e, aceitando o vinho, bebeu-o. E alegrou-se tanto com a saborosa bebida, que me pediu que lhe desse segunda vez: «Dá-me mais, por favor, e declara-me já o teu nome, para que te ofereça um dom de hospitalidade que esteja agradável. É certo que a fértil terra dos Ciclopes produz vinho de grandes cachos de uvas, que a chuva

de Zeus faz crescer, mas o teu é um pouco de néctar e de ambrósia».

Assim falou; e voltei a dar-lhe mais rutilante vinho. Apresentei-lho três vezes, e, imprudentemente, por três vezes o bebeu. Quando, porém, o vinho tinha subido à cabeça do Ciclope, disse-lhe então com brandura: «Ciclope, tu perguntas o meu ilustre nome. Eu vou dizer-to; mas dá-me o prometido dom de hospitalidade. Ninguém é o meu nome. Minha mãe, meu pai e todos os companheiros costumam chamar-me Ninguém».

Assim disse; e ele replicou-me logo com ânimo cruel: «Ninguém será o último a ser comido, depois dos seus companheiros; aos outros comê-los-ei antes dele: eis o presente de hospitalidade que te hei-de dar».

Falou; e, inclinando-se para trás, caiu de costas; e ficou estendido com o pescoço disforme encurvado, sem poder resistir ao sono, que tudo vence. Da sua goela o vinho saía em vómitos, de mistura com pedaços de carne humana, de tão carregado que estava. Então meti o pau sob o abundante rescaldo, e enquanto aquecia, incuti ânimo a todos os companheiros, não sucedesse que algum recuasse de medo. Mas logo que o pau de oliveira, apesar de verde, estava quase a queimar-se no fogo, e se tornara muito incandescente, eu, aproximando-me, tirei-o do lume e os meus companheiros rodearam-me. Uma divindade infundira-nos grande coragem. Eles, tendo tomado o pau de oliveira aguçado numa ponta, fixaram esta no olho do Ciclope, enquanto eu, por cima, apoiado no pau, o fazia girar. Como quando o carpinteiro fura com o trado a viga duma nau, outros, por meio duma correia em cima

presa por ambos os lados, o fazem mover e de contínuo andar à roda, assim nós, tomando o pau, em brasa na ponta, o fazíamos girar no olho do Ciclope, de tal sorte que o sangue quente escorria em volta, enquanto a broca trabalhava. E o lume chamuscou-lhe as pálpebras e sobrancelhas, fez-lhe a pupila arder rechinando nas raízes. Do mesmo modo que um grande machado e uma machadinha rechinam alto quando os metem na água fria para lhes dar a têmpera, que é a força do ferro, assim também o olho do Ciclope cantava um forte chilreio em volta do pau de oliveira ..

E o gigante soltou um tremendo urro, tão forte que a rocha ecoou em volta e nós recuámos assustados, e, extraindo depois do olho o pau sujo de sangue, louco de dor, arremessou-o de si com as mãos e chamou a altas vozes os Ciclopes que habitavam em covas, à roda dele, pelos cumes expostos aos ventos. Ao ouvirem seus gritos, acorreram uns dum lado, outros doutro e, parando junto da gruta, perguntaram-lhe: «Que aflição é essa, Polifemo, que te faz gritar tanto, na noite imortal, e nos desperta do sono? Leva-te, porventura, algum homem os teus rebanhos, mau grado teu? Matam-te por astúcia ou por violência?».

Do seu antro respondeu-lhes o robusto Polifemo: «Ó amigos, mata-me Ninguém por astúcia; não por violência».

Em resposta disseram-lhe estas aladas palavras: «Pois se estás só e ninguém te faz violência, é

---

27. *mata-me Ninguém*.. Vozeio pouco inteligível do gigante. Os Ciclopes percebem a resposta, como se soasse: *ninguém me mata com astúcia nem à força*.

de todo o modo inevitável a moléstia que te envia o grande Zeus. Pede socorro a Posséidon, teu pai».

Dito isto, afastaram-se; e eu ri-me no coração, vendo que o meu nome e o meu excelente ardil os enganara. O Ciclope, porém, gemendo e consumido de dores, removeu, a apalpar com as mãos, a pedra da porta; e assentou-se à entrada, com os braços estendidos, na esperança de apanhar algum de nós que caminhasse entre as ovelhas, — tão néscio me julgava o brutamontes. Entretanto, reflectia na decisão que seria melhor tomar e buscava um meio de salvar da morte os companheiros e a mim próprio. Urdi toda a espécie de enganos e de artifícios, visto tratar-se da vida e estar iminente um grande mal. Uma resolução, por fim, pareceu ao meu espírito a melhor.

Havia ali uns gordos e lanzudos carneiros, belos, grandes e de lã preta. Sem dizer a ninguém, liguei-os três a três, com as bem entrelaçadas varas, sobre as quais dormia o Ciclope monstruoso e de pensamentos iníquos. O carneiro do meio levava um homem e os outros, um de cada lado, protegiam-no. Portanto, três carneiros levavam um homem. Quanto a mim, como visse um outro, a melhor de todas as reses, tomei-o pelo dorso e pus-me debaixo dele, cosido com o seu ventre lanzudo, e, a sobreposses de paciência, mantive-me nesta postura, agarrado com as mãos à sua lã muito espessa. Assim esperávamos, suspirando que viesse a brilhante Aurora.

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, então os machos do rebanho apressaram-se para o pasto; mas as fêmeas, não tendo sido mungidas, baliam em volta do estábulo, porque as tetas estavam retesadas de leite. O pastor,

esse, aflito com dores horrendas, apalpava o dorso a todas as reses, que ficavam paradas, de pé; e o louco não percebeu que os meus companheiros iam atados ao lanzudo peito delas. O meu carneiro foi o último do rebanho que se dirigiu para a porta, carregado com a sua lã e comigo, congeminador de artifícios. E o forte Polifemo apalpava-o, dizendo: «Carneirinho, porque sais da gruta atrás do rebanho? Tu antes não saías depois das ovelhas, mas eras o primeiro que, caminhando a grandes passos, ias pastar as tenras flores da erva, o primeiro que chegava à corrente dos rios e, à tarde, querias sempre vir adiante para o curral; agora, porém, és o último de todos. Certamente sentes a falta do olho do pastor, a quem, depois de dominar o meu espírito com o vinho, cegou, com os seus miseráveis companheiros, um malvado, esse Ninguém, que, segundo espero, não há-de escapar à morte. Oxalá tu pensasses como eu e foras dotado de palavra, para me dizer onde se oculta ele a meu furor! Então, arremessando seu cérebro contra o solo, espalhar-lho-ia pela gruta e o meu coração seria aliviado dos males que me causou o abjecto Ninguém».

Dito isto, deixou o carneiro sair para fora. E, tendo-nos afastado um pouco da gruta e do pátio, desprendi-me dele e logo soltei os companheiros. Depois conduzimos a toda a pressa aquelas reses, mui gordas e de pernas delgadas, por trilhas para elas desconhecidas; enfim chegámos à nau. Os nossos companheiros alegraram-se de nos ver a nós, que tínhamos fugido à morte, mas choravam e gemiam por aqueles que morreram. Eu, porém, fazendo com as sobrancelhas um sinal a cada um, proibi-lhes o

choro e mandei que levassem ràpidamente para a nau muitas das ovelhas de bonito velo e nos fôssemos pela água salgada. Embarcando eles sem demora, os remadores tomaram lugar nos bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento. Mas, quando estávamos a tal distância que um grito se podia ainda fazer ouvir, então clamei ao Ciclope estas mordazes palavras: «Ciclope, tu não devias ter comido no côncavo antro, usando de força bruta, os companheiros dum homem fraco. As tuas criminosas acções, cruel, haviam de cair inexoràvelmente sobre ti, que não temeste comer os teus hóspedes em tua própria casa; por isso Zeus e os outros deuses te puniram».

Assim falei; e ele, de coração ainda mais aceso em ira, arrancou o cimo dum grande monte e arremessou-o contra nós, o qual veio cair um pouco adiante da nave de escura proa e quase atingiu a extremidade do leme. Em virtude da queda do rochedo, o mar recuou, mas logo a onda, fluindo de novo, arrastou a nau para a terra firme e constrangia-a a ir para a costa. Mas eu, lançando mão duma vara muito comprida, impeli-a para longe e, com um sinal de cabeça, ordenei aos companheiros que remassem, para sairmos do perigo; e eles curvaram-se para diante e remaram. Quando, porém, já tínhamos avançado no mar duas vezes mais, voltei a falar ao Ciclope, não obstante os companheiros, uns dum lado, outros doutro, tentarem impedir-mo com brandas palavras, dizendo: «Temerário, porque queres excitar um homem tão feroz, que, com o projéctil que arremessou agora ao mar, fez ir a nau de novo para terra, onde nós julgávamos encontrar a morte? Se ele ouvisse então

alguém gritar ou falar, com o anfractuoso rochedo que arrojasse, ter-nos-ia triturado as cabeças e ao mesmo tempo as vigas da nave, — tão longe ele atira».

Assim disseram; mas não convenceram o meu magnânimo coração; e com espírito malévolo clamei-lhe de novo: «Ciclope, se algum dos homens mortais te perguntar a causa da tua vergonhosa cegueira, dize-lhe que quem te cegou foi Ulisses, o Assolador de cidades, filho de Laertes, que habita em Ítaca».

Assim disse eu, e ele respondeu-me com um gemido: «Ai de mim! Na verdade, cumpre-se a predição dum velho oráculo. Existiu aqui um adivinho, um homem bom e grande, Télemo, filho de Êurimo, o qual se distinguia na arte de vaticinar e envelheceu entre os Ciclopes, vaticinando. Este, pois, predisse-me tudo quanto me havia de suceder no futuro: que perderia a vista às mãos de Ulisses. Eu sempre esperava que viesse ter comigo um homem belo, alto e dotado de grande força; e eis que o varão que me cegou, depois de me subjugar com o vinho, é pequeno e débil. Mas, eia! volta aqui, para que te ofereça os dons de hospitalidade e rogue ao ínclito Sacudidor da terra que te reconduza à pátria, pois eu sou seu filho e ele orgulha-se de ser meu pai. E, se lhe aprouver, há-de curar-me, mas não outro dos deuses bem-aventurados nem dos homens mortais».

Assim falou; e eu repliquei-lhe: «Oxalá eu pudesse privar-te do alento e da vida e enviar-te para o Hades, como tu não hás-de ser curado, nem pelo Sacudidor da terra!».

Assim disse eu; e ele, em seguida, erguendo as

mãos para o céu estrelado, orou ao soberano Posséidon: «Escuta-me, ó Posséidon de azul cabeleira, que circundas a terra! Se é certo que eu sou teu filho e tu te orgulhas de ser meu pai, faze que Ulisses, o Assolador de cidades, filho de Laertes, que habita em Ítaca, não regresse à pátria. Mas, se o seu destino for que torne a ver os amigos e volte ao bem construído palácio e à sua terra pátria, que isto seja tarde e depois duma viagem má e de ter perdido todos os companheiros; que chegue sobre a nau de outrem e que encontre aflições em sua casa!».

Assim orou ele; e o deus de azul cabeleira ouviu-o. Depois, ergueu um bloco ainda muito maior, fê-lo girar com o braço, empregando sua desmesurada força, e arremessou-o contra nós: o qual veio cair um pouco adiante da nave de escura proa e quase atingiu a extremidade do leme. Em virtude da queda do rochedo, o mar recuou, mas a onda, arrastando depois a nau para diante, constrangia-a a ir para a costa.

Apenas chegámos à ilha, onde ficaram reunidas as outras naus de boa coberta, com os companheiros assentados em volta, que de contínuo nos esperavam chorosos, arrastámos a nave sobre a areia e saltámos depois para a praia do mar. Tirando então da côncava nau as reses do Ciclope, distribuímo-las de tal sorte que ninguém fosse sem uma parte igual. Distribuídas elas, os companheiros de belas grevas deram-me, em sinal de distinção, um carneiro só para mim, cujas coxas queimei sobre a praia, em sacrifício ao filho de Cronos, a Zeus, que se envolve em negras nuvens e reina sobre todos os deuses. Mas ele não atendeu ao sacrifício,

antes meditava no modo de fazer perecer todas as naus de boa coberta com os meus queridos companheiros.

Assim, pois, durante todo o dia, até ao pôr do sol, estivemos assentados a banquetear-nos com a grande abundância de carne e com o saboroso vinho; mas logo que se pôs o sol e a noite sobreveio, deitámo-nos na praia do mar. Quando, porém, apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, então, exortando os companheiros, dei-lhes ordem de embarcarem e de soltarem as amarras. Embarcando eles sem demora, os remadores tomaram lugar nos bancos e, assentados por ordem, feriram com os remos o pardacento mar.

Dali continuámos viagem, de coração triste, por termos perdido os caros companheiros, contentes, não obstante, por nos salvarmos da morte.

RAPSÓDIA X

Acerca de Éolo, dos Lestrigões e da Circe

Chegamos depois à ilha Eólia. Aqui morava Éolo, filho de Hípotes, que era caro aos deuses imortais, numa ilha flutuante, cingida em toda a volta por inabalável muro de bronze e sobranceada por uma lisa rocha. Eram doze os filhos que lhe haviam nascido em seu palácio: seis raparigas e seis rapazes, que estavam na flor da idade, aos quais tinham sido aquelas dadas por esposas. Vivem junto do seu pai e da bondosa mãe, celebrando um contínuo banquete, em que lhes são servidas iguarias sem conta. E de dia, a enfumarada casa ecoa em volta, no pátio; de noite, porém, dormem em tapetes e em leitos de artística talha, ao pé das pudicas esposas.

Chegámos, pois, à sua cidade e a seus paços magníficos. Durante um mês, Éolo tratou-me como amigo e pediu-me informações de tudo, de Ílion, das naus dos Argivos e da volta dos Aqueus; e eu respondi-lhe, como era justo. Quando lhe pedi que me deixasse partir e o exortei a reenviar-me, não mo negou; e mandou preparar-me a partida. Esfolado então um boi de nove anos, deu-me, encerrados dentro da sua pele, os cursos dos ululantes ventos, pois o filho de Cronos fizera-o gover-

---

1, *Eólia*. Os antigos identificavam esta ilha com uma do grupo, a que pertencem Lípari e Estromboli, ao norte da Sicília.

12, *ecoa no pátio*. Era o som de flauta, segundo a conjectura de Voss, a música que se ouvia.

nador deles, para aquietar ou excitar qual quisesse. E, numa das côncavas naves, atou o odre com um brilhante fio de prata, para que os ventos não soprassem, por pouco que fosse. Atrás de mim, porém, enviou o hálito do Zéfiro, para que as naus e nós próprios seguíssemos avante, o que não tinha de acontecer, porque, por loucura nossa, perecemos.

Nós navegámos durante nove dias e nove noites e, no décimo, já se descortinava a terra pátria e víamos, por estarmos perto, os que acendiam o lume. Então, de cansado, deixei-me vencer do brando sono, pois tinha sempre dirigido o leme da nau, não o querendo confiar a outrem, para que chegássemos mais depressa à terra pátria. Os meus companheiros conversavam uns com os outros e julgavam que os presentes que me dera o magnânimo Éolo, filho de Hípotes, eram oiro e prata que eu levava para casa. Assim diziam certos, olhando para o que estava mais próximo: «Hum! como este varão é querido e estimado de todos os homens, a cuja cidade e país chega! Muitas, e preciosas riquezas leva do espólio de Tróia, enquanto nós, que fizemos viagem juntamente com ele, chegamos a casa de mãos vazias! E agora Éolo, tratando-o como amigo, deu-lhe estes presentes. Eia! vejamos o que é isto; quanto oiro e quanta prata está dentro do odre!».

Assim diziam eles; e, prevalecendo o mau conselho, desataram o odre e todos os ventos saíram para fora. Imediatamente, chorando, foram pela

---

7. *perecemos*. Não há aqui alma do outro mundo .. *Perecemos*, diz-se em sentido colectivo: o grupo foi destruído: morreram quase todos os que ali andavam.

tempestade arrebatados da terra pátria para o alto mar. Mas eu, que despertara, reflectia em meu irrepreensível espírito, se devia morrer nas ondas, saltando da nau, ou suportar tudo em silêncio e ficar entre os vivos. Resolvi sofrer e ir vivendo... Recobrindo-me, continuei deitado em minha nau. Entretanto o sopro funesto do vento levava-nos todos de novo para a ilha Eólia, enquanto os companheiros se iam lamentando.

Chegados ali, saímos para terra, fizemos aguada e logo os meus companheiros tomaram a refeição, junto das naus ligeiras. Quando, porém, tínhamos acabado de comer e de beber, dirigi-me com outro e com um arauto para o famoso palácio de Éolo, que encontrámos a banquetear-se, ao lado da esposa e dos seus filhos. Ao chegarmos aí, assentámo-nos junto das ombreiras da porta, no limiar; e eles, admirados em seu coração, fizeram-nos estas perguntas: «Como é que voltaste, Ulisses? Que perniciosa divindade te empeceu? Nós reenviámos-te com todo o cuidado, a fim de que chegasses a tua casa ou a outra parte que tu quisesses...».

Assim disseram eles; e eu, de coração aflito, repliquei-lhes: «sO meus maus companheiros, e um sono cruel foram a causa desta desgraça. Mas vós, amigos, já que podeis, remediai-a».

Assim lhes falei eu com estas brandas palavras. Mas eles conservaram-se em silêncio. Por fim, respondeu-me o pai: «Parte já desta ilha, ó escória de todos os viventes! Não me é permitido tomar a meu cuidado, nem reenviar para a pátria um homem que os deuses bem-aventurados odeiam. Vai-te, que, se voltaste aqui, é porque és odiado pelos deuses!».

Falando assim, despediu-me do palácio, apesar dos meus profundos suspiros.

Dali continuámos viagem, de coração triste. E o ânimo dos homens afligia-se, por causa do esforço inútil do nosso trabalhoso remar, pois não víamos meio de volvermos à pátria. Navegámos durante seis dias e seis noites e no sétimo chegámos à alta cidade de Lamos, em Telépilos, na Lestrigónia, onde um pastor, ao recolher o seu rebanho, chama outro, que lhe responde e sai logo. Aqui um homem, que não dormisse, podia ganhar dois salários: um como pastor de bois e o outro por apascentar ovelhas de prateada lã — tão vizinhos são os caminhos da noite e os do dia.

Logo que chegámos ao excelente porto, que é rodeado por uma íngreme rocha, ininterrupta de todas as partes, e onde as proeminentes arribas avançam uma para a outra, formando um estreito, todos os meus companheiros meteram a remo as suas naus para dentro e as amarraram no recôncavo, perto umas das outras, porquanto aí nunca se levantam ondas, nem grandes nem pequenas, e reina sempre uma serenidade cristalina. Só eu é que deixei a escura nave fora do porto, numa das suas extremidades, lançando as amarras a um rochedo; depois subi a uma escarpada atalaia, donde não se descortinavam trabalhos feitos por bois nem por homens, mas só o fumo que subia da terra. Então, escolhendo dois homens e dando-lhes um terceiro

---

8, *Lestrigónia*. Fora um rei dos Lestrigões o fundador de Telépilos. Os Lestrigões habitavam na Sicília ou no Lácio.

como arauto, enviei-os a tirar informações acerca dos habitantes que naquela terra viviam de pão.

Eles desembarcaram e foram andando por um caminho plano, por onde os carros descem dos altos montes com lenha para a cidade; e, a pouca distância desta, encontraram uma donzela, a filha ilustre do lestrigão Antífates, que ia buscar água à fonte de bela corrente, a Artácia, donde os citadinos se abasteciam. Detendo-se perto dela, dirigiram-lhe a palavra e perguntaram-lhe quem era o rei daquela terra e sobre que povo reinava. A donzela indicou-lhes imediatamente o palácio de alto tecto de seu pai. Eles, apenas entraram na famosa habitação, viram a esposa do rei, que era tal qual um pedaço de monte, pelo que ficaram amedrontados. Esta chamou logo da ágora o egrégio Antífates, seu esposo, que maquinou contra os meus companheiros morte cruel. Agarrando um, sem mais detença, preparou com ele o seu jantar, enquanto os outros dois vieram para as naus, em precipitada fuga. Antífates, porém, gritou pela cidade, o que ouvindo, os fortes Lestrigões acorreram em grande número, uns dum lado outros doutro, e todos eles mais se assemelhavam a gigantes do que a homens.

Depois, de cima dos rochedos, começaram a lançar sobre nós grandes pedras, levantando-se lobo das naus o medonho barulho dos que morriam e das naves que estalavam; e os Lestrigões, cortando os homens como se fossem peixes, levavam-nos para um doloroso banquete. Mas, enquanto eles faziam perecer os que estavam dentro do profundo porto, eu tirei a talhante espada de junto da coxa e cortei as amarras da nau da escura proa. E imediatamente, exortando meus companheiros, ordenei-

-lhes que remassem, a ver se escapávamos daquele perigo e eles todos, com medo da morte, levantavam com os remos a água salgada. Alegremente fugi com minha nau das proeminentes rochas para o mar; as outras, porém, foram destruídas todas juntas naquele porto.

Dali, continuámos viagem, de coração triste, por termos perdido os caros companheiros, contentes, não obstante, por nos salvarmos da morte. Chegámos depois à ilha de Eeia, onde morava a Circe de belas tranças, a potente deusa dotada de voz humana, irmã carnal de pernicioso Eeta, pois ambos nasceram de Hélios, que ilumina os mortais, e de Persa, filha do Oceano. Em silêncio, levámos então, conduzidos por algum deus, o navio para a margem, para dentro do porto de sossegado ancoradoiro, onde, desembarcando, permanecemos dois dias e duas noites, de ânimo consumido, ao mesmo tempo pelo cansaço e pela tristeza. Mas, quando a Aurora de belas tranças trouxe o dia terceiro, eu, tomando a minha lança e a cortante espada, encaminhei-me com presteza da nau a uma atalaia, com o fim de ver trabalhos feitos por homens ou de ouvir a voz de gente. Estando, pois, num ponto alto e escarpado, vi o fumo que se elevava da terra de largos caminhos, nos paços de Circe, entre um espesso carvalhal e uma floresta. Logo que avistei o avermelhado fumo, reflecti em meu ânimo e em meu coração se devia ir e informar-me. Deliberando eu assim, pareceu-me mais acertado

---

10, *Eeia*. Ilha do mar Tirreno. O promontório de Lácio era para os Romanos o lugar da habitação de Circe.

volver à nau ligeira e à praia do mar e, depois de distribuir aos companheiros a refeição, enviá-los a colher informações.

Quando, porém, já ia perto da nau movida a remos de ambos os lados, como eu fosse só, um deus, compadecendo-se de mim, fez sair-me ao caminho, um cervo grande e de altas pontas, que, constrangido pelo ardor do sol, baixava ao rio para beber, depois de pastar na floresta. Apenas surgiu, feri-o no meio do espinhaço, atravessando-o com a lança de bronze, de lado a lado; e ele, caindo no pó, soltou um gemido e exalou o último alento. Aproximei-me então e extraí da ferida a énea lança, que pus no chão. Em seguida arranquei umas vergônteas e umas vergas e, entrelaçando-as bem, arranjei um vincilho do tamanho duma braça. Com ele atei as pernas do corpulento animal e transportei-o às costas para a escura nau, apoiando-me à lança que, está bem de ver, ao ombro não podia eu levar, pois sobre ambas as espaldas me pesava a enorme carga. Tendo chegado lá, deixei-o cair adiante da nave e, aproximando-me dos companheiros, exortei-os com estas brandas palavras: «Ó amigos, apesar de nossa aflição, não queiramos baixar à casa do Hades, antes que nos sobrevenha o fatal dia. Enquanto na ligeira nau houver comida e bebida, tratemos de comer e não nos consumamos à fome».

Assim lhes falei; e eles obedeceram logo às minhas palavras. Desembuçando-se, foram admirar o veado à praia do mar estéril, pois era um bicho

---

29. *Desembuçando-se*. Tinham, em sinal de dor, coberto a cabeça.

muito grande. Mas, quando seus olhos se tinham fartado de o contemplar, lavaram as mãos e fizeram os preparativos do esplêndido banquete.

Assim, pois, durante todo o dia, até ao pôr do sol, estivemos assentados a banquetear-nos com a grande abundância de carne e com o saboroso vinho; mas, logo que se pôs o sol e a noite sobreveio, deitámo-nos na praia do mar. Quando, porém, apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, então eu, reunindo a assembleia dos companheiros, disse-lhes: «Ouvi as minhas palavras, não obstante serdes batidos pelo infortúnio! Ó amigos, pois que não sabemos de que lado é o Ocidente, nem a Aurora, nem onde o sol, que ilumina os mortais, desce para debaixo da terra, ou se eleva de novo, pensemos sem demora se nos será possível encontrar alguma solução, se bem que eu não o creia. Tendo subido a uma escarpada atalaia, vi que a ilha é plana e que está cingida, como por uma coroa, pelo mar imenso; observaram também os meus olhos fumo no meio dela, a erguer-se entre um espesso carvalhal e uma floresta».

Assim lhes falei; e a eles partiu-se-lhes o coração, ao lembrarem-se dos feitos do lestrigão Antífates e da violência do Ciclope orgulhoso, que comia homens. E derramavam muitas lágrimas, acompanhadas de altos lamentos; mas era-lhes inútil desfazerem-se em pranto.

Distribuí então todos os companheiros de belas grevas em dois grupos iguais e dei a cada um o seu chefe: eu comandava um grupo, o deiforme Eurílo-co comandava o outro. Deitámos imediatamente sortes num elmo de bronze; e, como a sorte caísse ao magnânimo Eurfloco, partiu ele com vinte e dois

companheiros, que iam a chorar e nos deixavam também lacrimosos. Num vale, em lugar descoberto em volta, encontraram o palácio de Circe construído de polidas pedras, em redor do qual havia lobos monteses e leões, que ela encantara, por meio de funestas drogas. E estes não investiram contra os meus homens, mas levantaram-se e faziam-lhes festas com suas longas caudas. Do mesmo modo que os cães, dando ao rabo, rodeiam o seu dono, quando vem dum banquete, na esperança de que lhes traga um petisco, assim os lobos de fortes garras e os leões iam à volta dos meus companheiros, acariciando-os; mas estes assustaram-se ao ver alimárias tão horríveis. Nossos homens pararam no pátio da deusa de belas tranças e dentro ouviram Circe que, ao som da sua linda voz, tecia, meneando-se no grande tear, uma imortal teia, fina, graciosa e esplêndida, como as que as deusas tecem. Polites, capitão de guerreiros, que me era o mais caro e o mais fiel de todos, começou a falar-lhes nestes termos: «Ó amigas, alguém, deusa ou mulher, canta lá dentro um belo canto e vai tecendo, meneando-se num grande tear, pelo que o pavimento ressoa todo em volta. Chamemo-la já!».

Assim disse; e eles levantaram a voz e chamaram-na. Circe, vindo logo abrir-lhes as portas brilhantes, convidou-os a entrar; e os imprudentes obedeceram-lhe todos, excepto Euríloco, que ficou, suspeitando de algum ardil. Tendo, pois, entrado, ela fê-los assentar em cadeiras e cadeirões e preparou-lhes uma mistura de queijo, farinha de cevada e fulvo mel com vinho de Prámnio, adicionando-lhes funestas drogas, para os deslembrar de todo da terra pátria. Depois de lhes propinar esta mis-

tela e de eles a embutirem, tocou-os logo com uma varinha e encerrou-os em pocilgas. Ficaram todos com cabeça, voz, pêlo e feitio de porco, conservando todavia os seus espíritos sem mudança, tais como antes eram.

Assim, pois, foram encerrados, apesar da sua gritaria; e Circe pôs-lhes adiante, para comerem, azinhas, bolotas e o fruto do pilriteiro, que é o que de ordinário comem os porcos, que se deitam no chão. Quanto a Eurílоco, este voltou sem demora à nau ligeira e escura a dar notícias dos companheiros e a anunciar-nos seu destino acerbo. Não podia, porém, dizer palavra, por mais que quisesse, pois a grande dor oprimia-lhe o peito; os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas e não lhe restava ânimo senão para gemer. E nós todos olhávamos para ele, admirados, e fazíamos-lhes perguntas, até que por fim contou-me a ruína dos outros companheiros:

«Nós fomos, brilhante Ulisses, pela floresta de carvalhos, assim como tu ordenaste, e, num vale, num lugar descoberto em volta, encontrámos o palácio de Circe, construído de polidas pedras. Dentro, alguém, deusa ou mulher, cantava alto e tecia, meneando-se num grande tear; e eles levantaram a voz e chamaram-na. Circe, vindo logo abrir-lhes as portas resplandecentes, convidou-os a entrar; e os imprudentes obedeceram-lhe todos, excepto eu, que fiquei, suspeitando de algum ardil. Eles desapareceram simultâneamente e nenhum se mostrou mais, ainda que estive longo tempo assentado, à espreita».

Assim disse; e eu pondo a minha grande espada de bronze, com cravejamento de prata, em volta dos ombros, bem com o arco, mandei-lhe que me guiasse pelo mesmo caminho que tinham seguido.

Ele, porém, abraçava suplicante os meus joelhos com ambas as mãos e dirigia-me, por entre lamentos, estas aladas palavras: «Ó aluno de Zeus, não me leves lá constrangido. Deixa-me ficar aqui, pois sei que não voltarás, nem hás-de trazer nenhum dos teus companheiros. Fujamos antes, sem demora, todos os presentes, porque ainda poderemos escapar ao dia cruel».

Assim falou; e eu em resposta disse-lhe: «Eurí-loco, fica aqui, neste lugar, a comer e a beber, junto da nau bojuda e negra, que eu irei só, pois tenho necessidade urgente de lá ir».

Ditas estas palavras, afastei-me da nave e do mar. Quando, porém, indo pelo sacro vale, estava a chegar ao grande palácio de Circe, versada em muitos bruxedos, para onde dirigia os passos, veio ao meu encontro Hermes, o da varinha de oiro, na figura dum jovem a quem começa a apontar o buço e tem todo o encanto desta idade. Tomando-me pela mão, falou-me assim: «Ó infeliz, para onde vais só, por estes montes, sem conheceres a região? Os teus companheiros estão ali, no palácio de Circe, encerrados, semelhante a porcos, em boas pocilgas. Vais lá para os libertar? Eu não creio que voltes daí, antes ficarás onde os outros estão. Mas quero livrar-te desse mal e dar-te remédio contra isso. Atende! Entra no palácio de Circe com esta mezinha excelente, que ela há-de afastar da tua cabeça o cruel dia. E agora quero revelar-te todos os perniciosos enredos da bruxa. Preparar-te-á certa mixórdia e pôr-te-á veneno no pão; mas não te poderá encantar, porque a mezinha excelente, que te darei, há-de atalhar o malefício. Vou dizer-te como há-de ser. Logo que Circe te ferir com sua

varinha comprida, tira tu a cortante espada de junto da coxa e investe contra ela, como se a quisesses matar. A deusa temendo-te, convidar-te-á a partilhar do seu leito, o que não deves negar-lhe, para que liberte os teus companheiros e te receba benèvolamente. Exorta-a, porém, a prestar o solene juramento dos deuses bem-aventurados, de que não usará de suas artimanhas para tua ruína, não suceda que, estando tu desarmado, te prive do teu valor e da tua força».

Depois destas palavras, o Argeifontes deu-me uma droga que extraiu da terra e cuja natureza me explicou. Tinha negra a raiz e a flor semelhante ao leite. Chamam-lhe os deuses *mólio* e os homens mortais dificilmente a arrancam; os deuses, porém, tudo podem.

Hermes afastou-se, em seguida, para o vasto Olimpo, através de nemorosa ilha, e eu fui para o palácio de Circe, agitado em meu coração por muitos pensamentos. Às portas da deusa de belas tranças, parei e pus-me então a gritar. Ela, ouvindo a minha voz, veio logo abrir-me as portas resplandecentes e convidou-me a segui-la; e eu obedeci-lhe, de coração aflito. Tendo, pois, entrado, Circe fez-me assentar num belo cadeirão com cravejamento de prata e trabalhado com arte, e que tinha um escabelo para os pés. Em seguida, num copo de oiro, preparou-me uma beberagem e, meditando funestos propósitos em seu coração, deitou-lhe dentro uma droga. Depois de me dar esta bebida e eu a tomar, sem ficar encantado, tocou-me com uma varinha, dizendo: «Vai agora para a pocilga deitar-te com os companheiros».

Assim falou; mas eu, tirando então a cortante

espada de junto da coxa, investi contra Circe, como se a quisesse matar. Ela, porém, aos gritos, correu para mim e lançou-se-me aos joelhos e, abraçando-mos, dirigiu-me, por entre lamentos, estas aladas palavras: «Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Teus pais onde moram? Eu admiro-me de não estares encantado, tendo bebido esta mezinha; pois nenhum outro homem, depois de beber uma tal droga e de lhe ter passado o cerco dos dentes, pôde resistir-lhe. Em teu peito, existe um espírito superior a encantamentos. Sem dúvida, és o esperto Ulisses, de quem o Argeifontes da áurea vara me tem dito muitas vezes que há-de vir de Tróia, em retorno à pátria, numa nau ligeira e escura. Eia, mete a espada na bainha e sobe a partilhar do meu leito, para que assim ganhemos confiança um no outro.»

Assim falou ela; mas eu repliquei-lhe: «Ó Circe, como me rogas tu que te seja benévolo? Tu transformaste, em teus paços, os meus companheiros em porcos e a mim deténs-me aqui e exortas-me insidiosamente a ir à tua câmara e a subir ao teu leito, para que, estando eu desarmado, me prives do meu valor e da minha força. Eu não quero satisfazer-te a vontade, sem que, ó deusa, me faças solene juramento de que não intentarás algum outro mal para minha ruína.»

Tendo eu dito isto, ela jurou logo, como lhe ordenei. Depois, apenas jurara e quando tinha de todo completado o juramento, fui para o magnífico leito de Circe.

No palácio lidavam a esse tempo quatro escravas, que são as criadas da casa e nasceram das fontes, dos bosques e dos sagrados rios, que correm

para o mar. Uma colocava por cima dos assentos magníficos tapetes de púrpura e estendia-lhes por baixo um pano liso; outra desdobrava adiante das argênteas mesas e punha-lhes em cima açafates de oiro; a terceira misturava o melífluo e saboroso vinho numa cratera de prata e deitava-o em copos de oiro; e a quarta trazia água e acendia uma fogueira debaixo duma grande trípode, para a aquecer. Apenas a água tinha fervido no fúlgido bronze, ela mandou-me assentar numa banheira e lavou-me com água da grande trípode, depois de fazer uma deliciosa mistura, derramando-a por cima da minha cabeça e dos ombros, até me tirar dos membros o cansaço que consome o coração.

Quando eu saí do banho, ungido com óleo pingue e com um manto esplêndido sobre a túnica, conduziu-me para um belo trono com cravejamento de prata e trabalhado com arte, e que tinha um escabelo para os pés, e fez-me assentar aí. Uma criada, trazendo então água para me lavar, num belo jarro de oiro, deitou-ma nas mãos, sobre uma argêntea bacia e desdobrou uma mesa polida adiante de mim; e uma dispenseira venerável serviu-me pão, além de muitas outras iguarias das provisões guardadas, de que distribuía com prazer. Circe mandou-me que comesse; mas ao meu ânimo não lhe aprazia isso e estava assentado a pensar noutras coisas, prevendo desgraças em meu coração. Como ela notasse que eu continuava assentado, sem estender as mãos para as iguarias, e que uma grande dor me afligia, aproximando-se de mim, dirigiu-me estas aladas palavras: «Porque permaneces assentado, Ulisses, assim como um mudo, consumindo o teu coração e sem tocares na comida e na bebida?

Suspeitas, porventura, algum outro artifício? Tu não deves recear nada, porque já te prestei solene juramento.»

Assim falou; e eu disse-lhe em resposta: «Ó Circe, que homem, sendo justo, se atreveria a provar comida ou bebida, antes de ter libertado os seus companheiros e os ver com os próprios olhos? Se é de ânimo benévolo que me exortas a beber e a comer, liberta os queridos companheiros, para que eu os veja com os meus olhos.»

Depois destas palavras, Circe saiu da sala com a varinha na mão e, abrindo as portas da pocilga, conduziu para fora os meus companheiros, na figura de porcos de nove anos. Estes estavam em frente de mim e a deusa, indo pelo meio deles, untava-os com outra droga. Então de seus membros caíram as cerdas, efeitos de outra droga que a veneranda Circe lhes dera, e transformaram-se de novo em homens, mas mais jovens do que antes, muito mais bonitos e maiores. Eles reconheceram-me e cada um apertou-me fortemente a mão. Todos derramavam lágrimas de alegria e suas vozes ecoavam alto pelo palácio, de sorte que a própria deusa, que estava junto de mim, se enterneceu e disse-me: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, mestre em expedientes! Vai agora à nau ligeira e à praia do mar e, antes de mais nada, arrastai-a para as grutas. Tu, depois, volta e traze contigo os amados companheiros.»

Assim falou e, deixando-se convencer o meu ânimo generoso, dirigi-me logo para a nau ligeira e para a praia do mar. Aí encontrei os queridos companheiros, junto da ligeira nave, que lastimosamente se queixavam, derramando abundantes lágrimas.

Mas, do mesmo modo que as novilhas, no campo, quando as vacas da manada voltam ao aprisco depois de fartas de pasto, saltam todas ao seu encontro e em volta delas e, não suportando mais o cercado, vão com mugidos contínuos, correndo ao redor das mães, assim os meus companheiros, apenas me viram com seus olhos, precipitaram-se sobre mim, chorando de alegria, e o sentimento deles era como se tivessem chegado à pátria e à sua cidade, na Ítaca rude, onde nasceram e foram criados. E, por entre suspiros, disseram-me estas palavras: «Ó aluno de Zeus, a tua vinda alegra-nos tanto, como se tivéssemos chegado a Ítaca, nossa terra pátria. Mas conta-nos a morte dos outros companheiros.»

Assim falaram eles; e eu, com suaves termos, retorqui-lhes: «Antes de mais nada arrastemos a nau para terra e transportemos as riquezas e os aparelhos todos para as grutas. Depois, apressai-vos todos a seguir-me, para que vejais, no sacro palácio de Circe, como os companheiros bebem e comem, pois têm tudo em abundância.»

Assim disse eu; e obedeceram logo à minha ordem. Euríloco foi o único que procurou deter-me os companheiros; e, dirigindo-se a eles, disse estas aladas palavras: «Ai, infelizes! Para onde vamos nós? Porque desejais o vosso próprio mal, indo para o palácio de Circe? Ela transformar-nos-á a todos em porcos, lobos ou leões e teremos de guardar a sua grande morada, usando connosco de violência, assim como fez o Ciclope, quando os nossos companheiros chegaram ao seu antro, acompanhados do ousado Ulisses, por cuja temeridade pereceram.»

Assim falou; e em meu espírito pensei em desem-

bainhar a espada de longo fio de junto da gorda coxa e cortar-lhe a cabeça com ela, fazendo-a rolar ao chão, se bem que era meu parente muito chegado. Os companheiros, porém, uns dum lado, outros doutro, detiveram-me com brandas palavras, dizendo: «Ulisses da estirpe de Zeus, este, se tu mandas, deixá-lo-emos ficar aqui junto da nau, a guardá-la; mas a nós guia-nos para o sacro palácio de Circe.»

Tendo eles dito isto, afastaram-se da nau e do mar. Mas Eurílоco não ficou junto da bojuda nave; foi-nos seguindo, atemorizado pela minha ameaça terrível.

Entretanto Circe tinha no seu palácio banhado cuidadosamente os outros companheiros; e, depois de ungidos com óleo pingue, deitou-lhes aos ombros mantos de lã, por sobre as túnicas. À nossa chegada, encontrámo-los todos banqueteando-se alegremente na sala. E quando se reconheceram mùtuamente, ao verem-se uns em frente dos outros, começaram a chorar e a lastimar-se e os seus suspiros ecoavam em volta pela casa. Mas a deusa preclara, que estava junto de mim, disse-me: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Suspendei já o copioso pranto! Eu também sei quantas desgraças sofrestes no piscoso mar e quanto vos danificaram homens inimigos, em suas terras. Eia! tomai alimento e bebei vinho até que vosso peito recobre de novo o antigo ânimo que tínheis, quando deixastes a pátria terra da rude Ítaca. Presentemente estais fracos e desalentados, lembrados de contínuo de vossa dolorosa vida errante; e não vos penetra mais a alegria no coração, depois do muitíssimo que sofrestes.»

Isto disse ela; e o nosso generoso ânimo deixou-se persuadir.

Ali assentávamo-nos todos os dias, durante um ano completo, comendo em banquetes carne em abundância e bebendo saboroso vinho. Mas, quando se tinha já passado um ano e as estações voltaram a suceder-se, à medida que os meses terminavam, quando, enfim, vieram os grandes dias, então os meus queridos companheiros, tendo-me chamado, disseram-me: «Infeliz, lembra-te agora da terra pátria, se é teu destino que tu te salves e que chegues ao teu palácio excelso e à terra de teus pais.»

Deste modo falaram eles; e o meu generoso ânimo deixou-se persuadir.

Assim, pois, durante todo o dia, até ao pôr do sol, estivemos assentados a banquetear-nos com grande abundância de carne e com saboroso vinho; mas, logo que se pôs o sol e a noite sobreveio, deitámo-nos pelas sombrias salas. Eu, porém, tendo subido ao leito magnífico de Circe, apresentei-lhe os meus rogos, abraçando os joelhos da deusa, que ouviu a minha voz. Dirigindo-me então a ela, disse-lhe estas aladas palavras: «Ó Circe, cumpre a promessa que me fizeste de me reenviar para a pátria! O meu ânimo já me impele a partir e o dos companheiros também, que afligem meu coração, lamentando-se à volta de mim, quando tu estás ausente.»

Assim lhe falei eu; e a deusa preclara retorquiu-me, logo: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Não fiqueis por mais tempo em minha casa, contra vossa vontade. Mas primeiro é preciso que empreendais uma outra viagem, que visiteis a casa de Hades e da terrível Per-

séfona, a consultar a alma do tebano Tirésias, o cego adivinho, cujo espírito se conserva sem alteração. Ele é o único a quem Perséfona concedeu, depois da morte, o dom de predizer, enquanto os outros esvoaçam como sombras.»

Assim disse; e o meu coração confrangeu-se. Assentado sobre a cama, pus-me a chorar, sem ânimo de viver mais e de ver a luz do sol. Mas, quando estava farto de lágrimas e de rolar-me pelo leito, então respondi-lhe com estas palavras: «Ó Circe, quem será o nosso guia nessa viagem, pois ninguém jamais chegou em escura nau à casa de Hades?».

Assim lhe falei eu; e a deusa preclara retorquiu-me logo: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos. Não te preocupe o desejo de que a nave tenha um guia. Depois de ergueres o mastro e desfraldares as brancas velas, assenta-te, que o sopro do Bóreas conduzi-la-á. Quando, porém, tiveres atravessado o Oceano, no ponto onde a costa é plana e existem os bosques consagrados a Perséfona, altos álamos negros e salgueiros, de que não vinga o fruto, aí faze aportar a nave, no Oceano de profundos turbilhões, e encaminha-te para a tenebrosa morada de Hades. Ali correm para o Aqueronte o Piriflégeton e o Cocito, que é um braço da água da Estige; e concluem estes dois rumorosos rios no lugar onde existe uma rocha.

Aproxima-te, pois, herói, dessa região, como te exorto, e abre um fosso, cujos lados tenham um côvado de largura. Faze em volta dele três libações

---

20. *Oceano*. Segundo Homero, o Oceano era um rio que circundava a terra e o mar.

a todos os mortos: a primeira com mistura de mel, depois com saboroso vinho, e a terceira com água; e espalha, finalmente, por cima branca farinha de cevada. Implora em seguida muitas vezes as lânguidas cabeças dos mortos, prometendo-lhes, logo que chegues à estéril Ítaca, sacrificar no teu palácio a melhor vaca e encher a pira de coisas excelentes em sua honra; e que, em separado, imolarás só a Tirésias um carneiro todo preto, que se distinga nos vossos rebanhos. Depois de teres dirigido tuas preces ao ínclito povo dos mortos, sacrifica-lhes um carneiro e uma ovelha negra, voltando a vítima para o Érebo, mas volvendo-te tu para as águas do rio: ali concorrerão muitas almas dos defuntos.

Em seguida, exorta os teus companheiros e manda-lhes que esfolem as reses, que estão no chão, fazendo votos aos deuses, ao poderoso Hades e à terrível Perséfona. Mas tu, tendo desembainhado a cortante espada de junto da coxa, assenta-te e não permitas que as cabeças lânguidas dos mortos se aproximem do sangue, antes de teres sido instruído por Tirésias. O adivinho, chefe de povos, virá imediatamente e declarar-te-á o roteiro e a extensão do teu caminho, bem como o modo de regressares, navegando por sobre o mar piscoso.»

Tais foram suas palavras; e a Aurora de áureo trono surgiu em breve. A ninfa lançou então à volta de mim um manto e uma túnica; e ela pôs um fino e gracioso vestido, longo e alvo como a prata, que apertou na cintura com um belo laço

---

14. *do rio.* Isto é, do Oceano.

de oiro, envolvendo depois a cabeça num véu. Eu fui em seguida pela casa animar os companheiros e, aproximando-me de cada um deles, dizia-lhes estas brandas palavras. «Não vos entregueis mais ao doce sono, mas partamos, que assim mo aconselha a veneranda Circe.»

Deste modo lhes falava eu; e o seu ânimo generoso deixou-se persuadir. Mas nem desta vez consegui pôr a salvo os companheiros. Um certo Elpenor, o mais jovem de todos, que não era muito valente na guerra nem tinha o juízo todo, deitara-se em lugar à parte, com desejo de refrescar o pesado do vinho, nos sagrados paços de Circe. Ao ouvir, porém, o falatório e o barulho dos que partiam, levantou-se à pressa e, como se esquecesse das voltas que iam dar à alta escada, rompeu a direito e caiu do tecto. Em consequência, partiu as vértebras do pescoço e a sua alma baixou ao Hades.

Tendo-se reunido os companheiros, eu falei-lhes assim: «Vós julgais certamente que ides para vossa casa, para a terra pátria. Circe, porém, ordenou-nos uma outra viagem: mandou-me ir à morada do Hades e da terrível Perséfona, a consultar a alma do tebano Tirésias.»

Assim disse; e o coração deles confrangeu-se. Assentados ali, choravam e arrancavam os cabelos, sem que isto lhes desse remédio algum.

Quando nos encaminhávamos para a nau escura e para a praia do mar, aflitos e derramando copioso pranto, Circe foi adiante e atou aí um carneiro e uma ovelha preta, passando por nós fàcilmente sem ser notada. Pois quem poderia ver com seus olhos uma divindade, para qualquer parte que fosse, se ela o não quisesse?

RAPSÓDIA XI

Evocação dos mortos

Apenas chegámos à nau e ao mar brilhante, antes de mais nada, arrastámos a escura nave para a água e pusemos-lhe o mastro e as velas; embarcámos depois as reses e, por fim, entrámos nós, aflitos e derramando copioso pranto. Atrás da nau de escura proa, Circe, a poderosa deusa de belas tranças e dotada de voz humana, enviou-nos a monção, boa companheira de viagem, que enfunava as velas. E, postos em ordem todos os aparelhos, assentámo-nos pela nave, que o vento e o piloto dirigiam. Durante o dia, navegou ela a velas desfraldadas; e, quando se pôs o sol e todos os caminhos iam escurecendo, chegava aos confins do Oceano de profunda corrente.

Ali está situada a terra e a cidade dos Cimérios, que a bruma e as nuvens encobrem, sem que jamais o sol brilhante olhe para eles com seus raios, já quando sobe ao céu estrelado, já quando baixa de novo à terra, pois uma perniciosa noite estende-se sobre os infelizes mortais. Tendo nós chegado a uma tal região, levámos a nau para terra e tirámos para fora as reses; depois, caminhámos ao longo da corrente do Oceano, até ao ponto que fora indicado por Circe.

Aí, Perimedes e Euríloco seguraram as vítimas para o sacrifício; e eu, tirando a cortante espada

---

15. *Cimérios*. Este fabuloso povo, que habitava, segundo Homero, perto da entrada do Hades, estava mergulhado em contínua noite

de junto da coxa, abri um fosso cujos lados tinham um côvado de largura. Fiz em volta deles três libações a todos os mortos; a primeira com mistura de mel, depois com saboroso vinho e a terceira com água; e espalhei, finalmente, por cima branca farinha de cevada. Implorei em seguida muitas vezes as lânguidas cabeças dos mortos, prometendo-lhes, logo que chegasse à estéril Ítaca, sacrificar no meu palácio a melhor vaca e encher a pira de coisas excelentes em sua honra; e que, em separado, imolaria só a Tirésias um carneiro completamente preto, que se distinguisse nos nossos rebanhos. Depois de ter dirigido meus votos e minhas preces ao povo dos mortos, tomei as reses e degolei-as em cima do fosso. O negro sangue correu, e logo as almas dos defuntos, subindo do Érebo, se ajuntaram. Vieram donzelas, mancebos, anciãos, que tinham suportado muitos males, delicadas meninas, de ânimo atormentado por penas recentes, e muitos varões que foram mortos na guerra, feridos com lanças de bronze, e cujas armaduras estavam manchadas de sangue; e toda esta multidão andava em volta do fosso, uns por um lado, outros por outro, fazendo grande alarido, de sorte que o pálido terror apoderou-se de mim.

Em seguida, exortando os meus companheiros, mandei-lhes que esfolassem as reses que jaziam no chão, degoladas pelo cruel bronze, e que as queimassem, fazendo votos aos deuses, ao poderoso Hades e à terrível Perséfona. Mas eu, tendo desembainhado a cortante espada de junto da coxa, assentei-me e não permiti que as cabeças lânguidas dos mortos se aproximassem do sangue, antes de ter sido instruído por Tirésias.

A alma que primeiramente veio foi a do companheiro Elpenor, que não tinha ainda sido sepultado na terra de largos caminhos. Nós deixáramos o seu corpo no palácio de Circe por chorar e insepulto, porque outras ocupações urgiam. Ao vê-lo, compadeceu-se o meu coração e, com lágrimas nos olhos, dirigi-lhe estas aladas palavras: «Elpenor, como vieste parar a estas densas trevas? Tu a pé chegaste primeiro do que eu com a escura nave.»

Assim falei; e ele, por entre gemidos, respondeu-me com estas palavras: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos: a má vontade dum deus e o excesso do vinho causaram a minha desgraça. Tendo-me deitado no palácio de Circe, como não pensasse em voltar atrás, para descer pela alta escada, caminhei a direito e caí do tecto. Em consequência disso, parti as vértebras do pescoço e a minha alma baixou ao Hades. Agora peço-te, pelos ausentes, que te ficaram em casa, por tua esposa, pelo pai, que te alimentou em pequeno, e por Telémaco, o único filho que deixaste em teu palácio — pois sei que, partindo daqui, da morada de Hades, deterás a bem construída nau na ilha de Eeia; — rogo-te por eles, senhor, que te lembres aí de mim! Não te afastes, deixando o meu corpo por chorar e insepulto, para que eu não seja causa de que os deuses se indignem contra ti; mas queima-me com as armas que me restam e eleva-me na praia do mar pardacento um túmulo que seja memória deste desgraçado, a fim de que os vindouros se lembrem dele. Faze-me isto e põe sobre o túmulo o remo, com que eu em vida remava com os meus companheiros.»

Assim falou ele; e eu repliquei-lhe: «Ó infeliz, eu cumprirei tudo isso; eu farei o que me pedes.»

Nós estávamos assentados, a trocar estes tristes discursos, conservando eu a espada estendida sobre o sangue, enquanto a alma do companheiro falava do lado oposto.

Veio depois a alma de minha defunta mãe, de Anticleia, filha do magnânimo Autólico, a qual eu deixara viva quando parti para a sacra Ílion. Ao vê-la, compadeceu-se o meu coração até às lágrimas; contudo, se bem que muito contristado, não lhe permiti aproximar-se do sangue, antes de ser instruído por Tirésias.

A alma do Tebano veio a seguir, com um ceptro de oiro, e, reconhecendo-me, disse: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Porque deixaste, infeliz, a luz do sol e vieste aqui ver os mortos, a esta desagradável região? Afasta-te do fosso e retira a cortante espada, para que eu beba o sangue e te diga a verdade toda.»

Assim falou; e eu retirei a espada de cravejamento de prata e meti-a na baínha. O adivinho irrepreensível, depois que bebeu o sangue negro, dirigiu-me estas palavras: «Ó preclaro Ulisses, tu esforças-te pelo doce regresso; um deus, porém, torná-lo-á difícil, porque não creio que passes despercebido ao Sacudidor da terra, cujo coração está em cólera contra ti, pelo facto de lhe teres cegado o filho. Mas, apesar de sofrerdes reveses, ainda chegarieis à pátria, se quisesses conter o teu ânimo e o dos companheiros, quando, fugindo do mar escuro,

---

29. *filho*, Polifemo.

aproximardes pela primeira vez a bem construída nau da ilha Triácia e nela encontrardes, pastando, as vacas e as gordas ovelhas de Hélios, que tudo vê e tudo escuta. Se as deixardes ilesas e tratardes do regresso, posto que sofrais trabalhos, ainda chegareis a Ítaca; mas se lhes fizerdes mal, então anuncio a tua ruína, a da nave e a dos teus companheiros. E, se bem que tu te salves, todavia chegarás tarde à terra pátria e depois duma viagem má e de teres perdido todos os companheiros; irás sobre a nau de outrem e encontrarás aflições em tua casa: homens atrevidos que te consomem a fazenda e pretendem a esposa, semelhante a uma deusa, à qual oferecem presentes. Contudo, quando chegares, vingar-te-ás das violências deles.

Mas, logo que em teu palácio tenhas com o afiado bronze dado morte aos pretendentes, já por astúcia, já cara a cara, põe-te a caminho com um remo de fácil manejo, até que te vejas entre uns homens que nunca viram o mal, não comem os alimentos temperados com sal, nem conhecem as naus de vermelhas proas ou os remos de fácil manejo, que são como as asas das naves. Vou dar-te sinal muito certo que não te passará despercebido. Quando vier ao teu encontro outro viajante e ele te disser que levas uma pá de limpar grão sobre o belo ombro, então crava na terra o remo de fácil manejo e oferece sacrifícios esplêndidos ao soberano Poséidon — um carneiro, um toiro e um javali; em seguida volta para casa e sacrifica sagradas hecatombes aos deuses imortais, moradores do amplo céu, a cada um por sua ordem. Uma suavíssima morte surpreender-te-á, depois, longe do mar; ela apoderar-se-á de ti, quando te sentires cansado

duma velhice opulenta e à tua volta os cidadãos forem felizes. Isto que eu te digo é verdade.»

Assim falou ele; e eu em resposta disse-lhe: «Tirésias, essas coisas decretaram-nas sem dúvida os próprios deuses. Mas fala e responde-me com franqueza. Eu vejo a alma de minha defunta mãe, que está assentada em silêncio junto do sangue, sem se atrever a olhar de frente para seu filho, nem a dirigir-lhe a palavra. Dize, senhor, como poderia ela conhecer quem eu sou?

Assim falei; e o adivinho replicou-me imediatamente: «Vou revelar-te uma simples palavra, que to fará compreender. Aquele dos mortos, a quem permitires aproximar-se do sangue, dir-te-á a verdade; mas ao que o recusares, esse retirar-se-á.»

Dito isto, a alma do dominador Tirésias voltou para dentro do Hades, depois de manifestar-me os vaticínios. Eu, porém, permaneci imóvel, no mesmo sítio, até minha mãe vir beber o negro sangue. Reconheceu-me logo e, por entre suspiros, dirigiu-me estas aladas palavras: «Meu filho, como vieste em vida a esta densa escuridão? Os vivos dificilmente podem ver estes lugares, porque os separam grandes rios, medonhas torrentes, e sobretudo o Oceano, que ninguém pode atravessar a pé, mas só aquele que possuir uma bem construída nau. Chegaste agora, porventura, de Tróia, depois de andares errante por muito tempo com a nau e os teus companheiros? Não foste ainda a Ítaca, nem viste a tua mulher, na palácio?»

Assim falou; e eu em resposta disse-lhe: «Minha mãe, tive necessidade de descer ao Hades, para consultar a alma do tebano Tirésias. Na verdade, ainda não me aproximei da Acaia, nem pus os pés na

nossa terra, pois tenho andado sempre errante e a padecer aflições, desde o primeiro momento em que segui ao ilustre Agamémnon para Ílion de belos cavalos, a fim de combater contra os Troianos. Mas fala e responde-me com franqueza: que espécie de prostradora morte te subjugou? Foi uma doença longa ou matou-te a frecheira Ártemis, tendo-se aproximado de ti com seus suaves dardos? Fala-me do pai e do filho que deixei em casa; dize se eles ainda conservam a minha soberania, ou se outro homem se apoderou dela, na crença de que eu não volte mais. Revela-me a vontade e o pensamento de minha legítima esposa; se ela continua junto de seu filho, conservando tudo sem mudança, ou se o melhor dos Aqueus já a tomou por mulher?»

Assim falei; e minha veneranda mãe respondeu-me logo: «Ela continua em teu palácio, de paciente coração; e consome, triste, as noites e os dias, a chorar de contínuo. Ainda ninguém se apoderou de tua bela soberania e Telémaco cultiva em paz as propriedades e oferece os francos e generosos banquetes de que deve ocupar-se o varão que administra justiça, pois que todos o convidam. Teu pai está no campo, sem baixar à cidade. Ele não se deita em enxergões nem em leitos, com mantos e colchas esplêndidas. De Inverno, dorme com os escravos em casa, na cinza, junto ao fogo, e cobre o corpo com vis andrajos; mas, quando chega o Estio e o luxuriante Outono, tem cama em toda a parte, no terreno fértil da vinha, sobre as folhas que jazem no chão. Por lá anda amargurado e o desejo de que voltes aumenta a dor de seu espírito, além dos incómodos dos anos, que sobre ele pesam. Deste

modo, morri eu também e cumpri o meu destino. Não me matou no palácio a exercitada frecheira, tendo-se aproximado de mim com seus suaves dardos; nem me sobreveio alguma enfermidade que me levasse dos membros o vigor, por um terrível definhamento; mas tiraram-me a doce vida saudades de ti, cuidados a teu respeito, preclaro Ulisses, e a minha ternura para contigo.»

Assim falou ela; e eu quis, comovido em meu espírito, abraçar a alma de minha defunta mãe. Três vezes me lancei para ela, pois o coração impelia-me a abraçá-la, e outras três se evolou dentre os meus braços como uma sombra ou como um sonho. Em meu coração a dor tornou-se mais acerba e eu dirigi-lhe estas palavras inflamadas: «Minha mãe, porque me foges, quando desejo abraçar-te? Mesmo no Hades, abraçando-nos, desafogaríamos a nossa cruel dor! Acaso enviou-me a ilustre Perséfona uma sombra vã, só para refinar meus tormentos?»

Assim falei; e minha veneranda mãe respondeu-me logo: «Ai de mim, meu filho! Tu és o mais infeliz de todos os homens! Não te engana Perséfona, a filha de Zeus; antes este é o destino dos mortais, logo que morrem: os tendões já não seguram as carnes e os ossos, que se tornam presa da força viva do ardente fogo, apenas o vigor abandona a ossatura branca; e a alma, depois de se evolar, esvoaça em volta como um sonho. Esforça-te por voltar à luz o mais depressa possível; e retém todas estas coisas, para que as contes depois a tua mulher.»

Tal era o nosso colóquio. Então vieram outras mulheres, enviadas pela ilustre Perséfona, que foram esposas ou filhas de varões insignes. Aglomeraram-se todas em volta do negro sangue e eu pen-

sava na maneira de interrogar cada uma de per si. Ao meu espírito pareceu esta a melhor resolução: desembainhei a espada de longo fio de junto da forte coxa e não as deixei beber todas ao mesmo tempo o sangue negro. Então elas aproximaram-se umas após outras; e todas, quantas eu interrogava, diziam-me a sua linhagem.

A primeira que vi foi Tiro, filha de nobre pai, a qual disse que descendia do irrepreensível Salmoneu e que fora esposa de Creteu, filho de Éolo. Ela amara um rio, o divino Enipeu, que é o mais belo de quantos correm sobre a terra, e frequentava as proximidades de sua corrente cristalina. Mas o deus que sacode a terra e a circunda, revestindo a sua forma, deitou-se junto dela, na desembocadura do vorticoso rio. Vindo, porém, a onda purpúrea, qual montanha, cingiu-os, encurvando-se sobre eles, e ocultou o deus e a mulher mortal. Em seguida, acabado o amoroso feito, Posséidon tomou a mão de Tiro e dirigiu-lhe estas palavras: «Mulher, alegra-te do meu amor. Passado um ano, darás ao mundo filhos ilustres, porque nunca são estéreis os leitos dos imortais. Cuida-os o cria-os. E agora vai para casa e guarda-te de dizer o meu nome: para ti, eu sou Posséidon, o Sacudidor da terra.»

Ditas estas palavras, mergulhou no mar ondulante. E Tiro deu à luz, no devido tempo, dois filhos, Pélias e Neleu, que foram ambos robustos servidores do grande Zeus e habitaram, Pélias, rico em rebanhos, na extensa Iolcos, e Neleu na arenosa Pilos. Mas além destes, a rainha das mulheres teve de Creteu outros filhos: Éson, Ferete e Amitáon, lutador de carro.

Depois vi Antíopa, filha de Asopo, a qual se

gloriava de ter dormido nos braços de Zeus, e foi mãe de Anfíon e de Zeto. Estes foram os primeiros que fundaram a espaçosa Tebas das sete portas; e fortificaram-na, porque, apesar de serem ambos valentes, não a queriam habitar desguarnecida de baluartes.

Depois vi Alcmene, esposa de Anfitrião, que deu à luz, do abraço com o grande Zeus, o ousado Heracles, de coração leonino, e Mégara, filha do soberbo Créon e mulher do filho de Anfitrião, de força invencível.

Depois vi a mãe de Édipo, a bela Epicasta, que, sem saber, cometeu um grande crime: casou-se com o seu filho, pois que este, depois de matar o próprio pai, a tomara por mulher. Mas os deuses em breve revelaram o facto aos homens. Contudo ele, não obstante os trabalhos que sofreu, por funestas determinações dos deuses, continuou a reinar sobre os descendentes de Cadmo, na muito amada Tebas. A mãe, porém, desceu à casa de Hades, de sólidas portas, depois de atar, vítima da sua dor, um laço, a uma elevada trave; e deixou em herança a seu filho os terríveis castigos com que as infernais Erínias vingam os crimes cometidos contra uma mãe.

Vi também a belíssima Clóris, a que um dia Neleu tomou por mulher, por causa da sua formosura, tendo-lhe dado um dote imenso. Ela era a filha mais nova de Anfíon, filho de Iasos, poderoso rei do Orcómeno Miniano; reinou em Pilos e deu à luz os filhos ilustres: Nestor, Crómio e o altivo Periclímeno. Além disso, foi mãe da ilustre Pero, encanto dos mortais, que era pretendida por todos os vizinhos; mas Neleu só a dava àquele que realizasse a difícil empresa de conduzir de Fílaca as vacas de

Ificlo, de volteantes pés e largas cabeças. Ùnicamente um adivinho irrepreensível prometeu trazê-las; mas impediram-no a má vontade dum deus e as cadeias pesadas, com que os boieiros do campo o prenderam. Depois, porém, que se passaram meses e dias e que, volvido um ano, as estações tornaram a suceder-se, então Ificlo soltou-o, tendo-lhe ele primeiro revelado todos os oráculos. E assim se cumpriu a vontade de Zeus.

Vi também Leda, esposa de Tíndaro, que dele teve dois filhos de ânimo ousado: Castor, domador de cavalos e Pólux, de grandes e rijos punhos. A estes conserva-os vivos a fecunda terra, em cujo seio são honrados por Zeus, vivendo e morrendo alternadamente, um dia um, outro dia outro, e recebendo honras iguais aos deuses.

Vi depois Ifimédia, esposa de Aloeu, a qual dizia que tivera de Posséidon dois filhos que foram de curta vida: o divino Oto e o celebérrimo Efialto, os maiores homens que nutrira a fértil terra e os mais belos depois do ilustre Órion, pois aos nove anos já tinham nove côvados de largura e nove braças de alto. Eles ameaçaram aos imortais, dizendo que excitariam no Olimpo o tumulto da impetuosa guerra. Quiseram pôr o Ossa sobre o Olimpo e sobre o Ossa o arborizado Pélio, para que o céu lhes fosse acessível; e tê-lo-iam feito, se chegassem à flor da juventude. Mas o filho de Zeus, o que Leto de bela cabeleira dera à luz, fê-los perecer a ambos, antes que a barba despontasse sob as suas fontes e uma penugem abundante tivesse coberto as suas faces.

Vi a Fedra, a Prócris e a bela Ariadna, filha do funesto Minos, a qual Teseu quis levar de Creta

para a fértil terra da sagrada Atenas; mas não o conseguiu, porque Ártemis, por denuncia de Diónisos, a reteve em Dia, que o mar circunda.

Vi Mera, Clímena e a odiosa Erifila, que aceitou o estimado oiro em troca do seu marido. Eu não poderia, enfim, dizer nem mencionar todas as esposas e filhas dos heróis que vi, porque, antes disso, chegaria ao termo a noite imortal. Mas são horas de ir dormir, ou seja na nave, indo-me ajuntar aos companheiros, ou aqui mesmo. E os deuses e vós tereis cuidado do meu regresso.

Assim falou Ulisses; e na sombria sala, todos se conservaram quietos e em silêncio, presos da magia de seu discurso. Arete de níveos braços, tomando a palavra, disse:

— Feácios, que vos parece deste homem, de seu aspecto, de sua estatura e de seu atilado espírito? Ele é meu hóspede, mas cada um de vós participa desta honra; por isso, não vos apresseis a reenviá-lo para sua pátria, nem diminuais vossos presentes a um varão tão necessitado, pois, por vontade dos deuses, tendes nos palácios muitos bens.

Depois falou o velho herói Equeneu, que era o mais antigo dos Feácios:

— Ó amigos, a prudentíssima rainha não disse nada que não fosse a propósito, ou que nós não esperássemos dela. Obedecei-lhe! Todavia, de Alcínoo, aqui presente, depende tudo: promessa e cumprimento.

---

3. *Dia*. Dia parece ser uma pequena ilha a norte de Creta.

Então o rei, tomando a palavra, disse-lhe:

— Essa palavra cumprir-se-á tal qual, enquanto eu for vivo e reinar sobre os Feácios, que gostam de remos. O nosso hóspede, apesar da sua ânsia de voltar à pátria, resigne-se, não obstante, a ficar entre nós até amanhã, para que eu lhe prepare todos os presentes. E na sua partida empenhar-se-ão todos os varões, màximamente eu, que governo nesta terra.

Replicou-lhe o prudente Ulisses:

— Ó rei Alcínoo, rei do mais excelente dos povos! Se me ordenásseis que permanecesse aqui um ano, preparando vós, durante este tempo, o meu regresso e dando-me esplêndidos dons, eu conviria em ficar; pois ser-me-ia muito proveitoso chegar á minha pátria com as mãos cheias, atraindo assim o respeito e a estima de todos os homens, que assistissem à minha entrada em Ítaca.

Alcínoo disse-lhe em resposta:

— Ó Ulisses, nós, ao reparar em ti, não te julgamos um impostor ou um embusteiro, como há tantos que vivem, espalhados pela negra terra, de forjar mentiras sobre coisas que ninguém jamais poderá certificar. As tuas palavras são belas e nobres teus pensamentos; e contaste com a eloquência dum aedo a história dos deploráveis trabalhos de todos os Argivos e que também foram os teus. Mas, eia! eia! fala e dize-nos claramente se viste alguns de teus divinos companheiros, se foram contigo a Ílion e aí terminaram seu destino. A noite é muito grande, não tem fim; e no palácio ainda não são horas de dormir. Conta-me esses feitos admiráveis. Eu de bom grado aqui ficaria até a madrugada, se quisesses contar-me os teus trabalhos.

Replicou-lhe o circunspecto Ulisses:

— Ó rei Alcínoo, rei do mais excelente dos povos! Há tempo para longos discursos e tempo para dormir. Se na verdade desejas ainda escutar-me, não recusarei referir-te outras coisas mais lamentáveis do que as precedentes, a saber, os trabalhos dos meus companheiros, que, depois de escaparem da lacrimosa guerra contra os Troianos, pereceram quando já estavam de volta, por instigações duma perversa mulher.

Depois de a casta Perséfona ter feito dispersar em várias direcções as almas das mulheres, aproximou-se a alma conturbada de Agamémnon, filho de Atreu, em volta da qual se reuniram as de todos quantos com ele tinham perecido em casa de Egisto, em cumprimento de seu destino. Reconheceu-me logo, apenas bebera o negro sangue; e então irrompeu num impetuoso choro, derramando um dilúvio de lágrimas, e a estender para mim os braços com desejo de me alcançar; mas já não tinha aquela força inabalável e o vigor, de que os seus flexíveis membros antes eram dotados. Ao vê-la, meu coração compadeceu-se até às lágrimas e, dirigindo-me a Agamémnon, disse-lhe estas palavras aladas: «Gloriosíssimo filho de Atreu, Agamémnon, capitão de guerreiros! que espécie de prostradora morte te subjugou? Matou-te porventura Posséidon em tuas naus, tendo excitado contra ti o fatal sopro dos ventos terríveis? Fizeram-te sucumbir, na terra firme, homens inimigos, porque lhes querias arrebatar os bois e os belos rebanhos de ovelhas, ou

---

10, *perversa mulher*. Clitemnestra.

em combate, para te apoderares de sua cidade e de suas mulheres?»

Assim falei; e ele respondeu-me imediatamente:

«Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Não me matou Posséidon em minhas naves, tendo excitado contra mim o fatal sopro dos ventos terríveis, nem me fizeram sucumbir, na terra firme, homens inimigos. Quem preparou a minha morte e o meu destino foi Egisto, que, com o auxílio de minha perniciosa mulher, depois de me chamar a sua casa e de me convidar a comer consigo me matou, como se matasse um boi à manjedoira. Deste modo sucumbi a uma deplorável morte, e os meus companheiros foram ali assassinados de modo brutal, como se foram porcos de alvos dentes, que em casa de homem rico e mui poderoso são chacinados para uma boda, para um bródio a tanto por freguês, ou para um ledo festim. Tu, em verdade, já assististe ao mortciínio de muitos homens, que sucumbem em combate singular ou em renhida batalha; contudo, ao contemplar aquele espectáculo, e ao ver como em volta das crateras e das mesas cheias de iguarias, nós jazíamos pela sala e como pelo chão corriam ondas de sangue, teu coração havia de compadecer-se em extremo.

O mais triste de tudo quanto ouvi foi a voz de Cassandra, a filha de Príamo, que a traidora Clitemnestra matara junto de mim. Prostrado, eu ainda agitei as mãos para a minha espada; mas estava moribundo, e aquela mulher de olhos de cachorra afastou-se, deixando-me baixar ao Hades, sem me querer fechar os olhos com suas mãos, nem cerrar-me os lábios. Por isso, nada há mais terrível e mais ímpio do que a mulher que em seu ânimo

concebe obras como as desta, que premeditou a acção vil de assassinar o seu legítimo marido. Eu julgava que, ao chegar a casa, seria recebido alegremente pelos meus filhos e pelos escravos. A minha esposa, porém, acalentando pérfidos desígnios, lançou a infâmia sobre si própria e sobre as mulheres vindouras, até mesmo sobre a que porventura for benfazeja.»

Assim falou; e eu repliquei-lhe: «Ai! Por certo, o longividente Zeus está muito aborrecido com a raça de Atreu, por efeito da malícia das mulheres: assim, por causa de Helena, muitos pereceram, e a ti preparou-te Clitemnestra a traição, durante a tua ausência.»

Assim disse; e ele respondeu-me logo: «Portanto, não sejas nunca benévolo para com tua mulher, nem lhe reveles tudo quanto souberes; mas dize-lhe só uma parte e oculta-lhe a outra. Todavia a ti, Ulisses, não te virá a morte da parte da tua esposa, porque a filha de Icário, a prudente Penélope, é sensata e alimenta bons propósitos em seu espírito. Nós deixámo-la ainda jovem, quando partimos para a guerra. Amamentava então o seu tenro menino, que é feliz e assenta-se talvez já na assembleia dos varões. E o pai há-de, no regresso, ver seu filho que, como é justo, abraçará o progenitor. Minha esposa, porém, não deixou que meus olhos se saciassem de contemplar o meu, pois antes disso, tirou-me a vida.

Grava em teu espírito o que te vou agora dizer. Ao chegar à tua terra pátria, faze aportar a nau em segredo, não às claras, porque ninguém se pode fiar em mulheres. Mas fala e dize-me com franqueza se te constou que o meu filho vive em Orcómeno,

na arenosa Pilos, ou na espaçosa Esparta, junto de Menelau; porquanto o ilustre Orestes ainda não desapareceu da terra.»

Assim falou; e eu repliquei-lhe: «Filho de Atreu, porque me perguntas isso? Eu nem sequer sei se ele vive ou se está morto; e ninguém deve falar baldadamente.»

Estando nós, tristes, trocando estes desagradáveis discursos, acompanhados de copiosas lágrimas, aproximou-se a alma de Aquiles, filho de Peleu, com a de Pátroclo, a do irrepreensível Antíloco e a de Ajace, que era o mais excelente dos Dánaos depois do irrepreensível filho de Peleu, por sua beleza e estatura. A alma do veloz neto de Éaco reconheceu-me e, lamentando-se, disse-me estas aladas palavras: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Infeliz, porque meditaste em teu espírito uma empresa ainda maior do que as passadas! Como tiveste a ousadia de baixar ao Hades, onde os mortos habitam, privados do uso dos sentidos e como sombras de homens que morreram?»

Assim falou; e eu repliquei-lhe: «Ó Aquiles, filho de Peleu, o mais valente dos Argivos! Eu vim por causa de Tirésias, em busca dum conselho para chegar à rochosa Ítaca. Na verdade, ainda não me aproximei da Acaia, nem pus os pés na minha terra, pois tenho andado sempre a padecer infortúnios. Mas tu, Aquiles, és o mais feliz dos homens do passado e do futuro, pois que, enquanto vivias, os Argivos honravam-te como aos deuses, e agora, estando aqui, tens pleno poder sobre os mortos; por isso, não deves afligir-te de ter morrido.»

Assim falei; e ele disse-me logo em resposta: «Pre-

claro Ulisses, não tentes consolar-me a respeito da morte! Eu preferiria cultivar campos e trabalhar ao serviço doutro, dum homem pobre e de poucos recursos, a dominar sobre todos os mortos. Mas fala-me do meu ilustre filho e dize-me se ele foi à guerra, para ser o primeiro no combate, ou se não. Conta-me também se te constou que o irrepreensível Peleu conserva ainda a sua realeza entre os numerosos Mirmidões, ou se é menosprezado na Hélade e em Ftia, por causa da velhice lhe ter enfraquecido as mãos e os pés. Oxalá eu estivesse sob os raios do sol para o auxiliar, sendo o mesmo que um dia, na vasta Tróia, em combate a favor dos Argivos, trucidava um exército valente! Se eu, sendo tal, voltasse, ainda que fosse por pouco, a casa de meu pai, faria temível meu valor e minhas invencíveis mãos a todos quantos o violentam e privam da sua realeza.»

Assim falou; e eu repliquei-lhe: «Não me constou nada do irrepreensível Peleu; mas acerca de teu filho Neoptólemo, vou declarar-te toda a verdade, assim como tu ma pedes. Eu próprio fui quem o levou em a nau bojuda e de bom porte de Esciro para entre os Aqueus de belas grevas. Quando nós deliberávamos em conselho, em volta da cidade de Tróia, ele era sempre o primeiro a falar; e seus acertados discursos eram inferiores apenas aos do divino Nestor e aos meus. E, quando na planície dos Troianos combatíamos com o bronze, nunca

---

23. *Esciro*. Ilha no mar Egeu, a leste de Eubeia. Ulisses levara de lá Neoptólemo, porque o oráculo tinha declarado que Tróia não poderia ser tomada sem o seu concurso

ficava entre a multidão, ou na turba dos guerreiros, mas adiantava-se muito, para as primeiras linhas, não cedendo a ninguém em valor; e na terrível batalha matava a numerosos combatentes. Eu não poderia dizer nem mencionar todos os guerreiros, a que tirou a vida, em defesa dos Argivos; direi apenas que matou a um herói como Eurípilo, filho de Télefo e, juntamente com este, morreram muitos guerreiros ceteios por causa dos presentes feitos a uma mulher. Excepto o ilustre Mémnon, ainda não vi homem mais belo do que ele.

Quando eu e os mais valentes dos Argivos entrámos no cavalo que Epeu fabricou (a mim fora-me confiado tudo, tanto abrir como fechar a sólida e bem engendrada máquina), os outros chefes e conselheiros dos Dánaos limpavam as lágrimas e tremiam em todos os seus membros; mas nunca meus olhos viram que a esplêndida cor de Neoptólemo se tornasse pálida ou que enxugasse as lágrimas do rosto. Pelo contrário, ele pedia-me com insistência que o deixasse saír do cavalo e, empunhando sua espada e a énea lança, meditava males contra os Troianos. E, depois que destruímos a alta cidade de Príamo, com uma bela recompensa, que lhe tinha cabido em parte, embarcou, ileso, em sua nau, sem o ter alcançado o agudo bronze, nem ser ferido

---

10, *a uma mulher*. Astíoca, mãe de Eurípilo e irmã de Príamo, enviou seu filho para Tróia em atenção ao presente que lhe fizera Príamo, seu irmão, de um ramo de oiro imitando um pé de videira com suas parras, braços e abraços. Eurípilo marchou para a guerra com os destemidos ceteios, que habitavam nas margens do rio Cótion, na Mísia.

em combate corpo a corpo, como muitas vezes na guerra sucede, em que Ares se enfurece contra todos indistintamente.»

Assim falei; e a alma do veloz neto de Éaco afastou-se, a grandes passos, pela campina de asfódelos, contente por eu lhe ter dito que seu filho era muito insigne. As outras almas dos mortos, porém, permaneceram e cada uma contou as suas aflições. Só a alma de Ajace, filho de Telemão, se conservava a distância, ressentida por causa da minha vitória, quando, junto das naus, reclamei para mim as armas de Aquiles, no juízo proposto por sua veneranda mãe, em que os filhos dos Troianos e Palas Atena deram a sentença. Quem dera que em tal contenda eu não o tivesse vencido! Por causa dessas armas cobre a terra uma cabeça como a de Ajace, que pelo aspecto e pelos seus feitos era superior a todos os Dánaos, depois do irrepreensível filho de Peleu.

Dirigindo-me a ele com brandas palavras, disse-lhe: «Ó Ajace, filho do irrepreensível Telamão! Não te devias esquecer, depois de morto, da tua cólera contra mim, causada pelas armas funestas? Os deuses converteram-nas em maldição para os Argivos, fazendo-lhes perecer um tal baluarte, como tu eras. E nós, afligimo-nos constantemente pela tua morte, tanto como pela cabeça de Aquiles, filho de Peleu. Mas Zeus foi quem teve a culpa, que, em seu ódio terrível contra o exército dos Dánaos, armados de lanças, te impôs esse destino. Vamos, ó rei, aproxima-te, para escutares as minhas palavras e o meu discurso; e reprime a tua cólera e o teu coração altivo!»

Assim falei; mas ele, sem me responder, foi para

o Érebo, para junto das outras almas dos defuntos. Neste momento, não obstante a sua cólera, poder-me-ia falar ou eu a ele; mas em meu peito queria o coração ver as almas dos demais mortos.

Ali vi a Minos, o ilustre filho de Zeus, assentado com o ceptro de oiro na mão, a administrar justiça aos falecidos, que em volta dele, uns assentados, outros de pé, expunham suas causas ao soberano, na morada do Hades de largas portas.

Vi depois o colossal Órion a perseguir, pela campina de asfódelos, todas as feras ao mesmo tempo, as quais ele matara nas solitárias montanhas, armado duma clava de bronze e inquebrável.

Vi Títio, o filho da gloriosíssima Terra, estendido no chão, onde ocupava nove geiras; e dois abutres, um de cada lado, roíam-lhe o fígado, lacerando-lhe com o bico as entranhas, sem que ele se defendesse, pois que fizera violência a Leto, a ilustre esposa de Zeus, quando se dirigia ao Pito, pelas ridentes margens do Panopeu.

Vi igualmente Tântalo, que sofria horríveis penas, estando de pé num lago, com água até ao queixo. O ancião, apertado pela sede, esforçava-se por bebê-la, mas não podia consegui-lo, porque, sempre que se abaixava, na ânsia de dessedentar-se, ela desaparecia, absorvida pelo sol, e em volta de seus pés mostrava-se a terra negra, que uma divindade fazia secar. Por cima de sua cabeça, árvores de ramos altos, vergavam de fruto: pereiras, romanzeiras, macieiras com lindas maçãs, doces figueiras e oliveiras verdejantes; mas, quando o velho levantava os braços para lhes colher a fruta, o vento arrebatava-as para as nuvens sombrias.

Vi também Sísifo, que padecia terríveis tormentos, transportando uma enorme pedra com ambas as mãos. Apoiava contra ela pés e braços e ia-a impelindo para o cume dum monte; mas logo que estava a alcançar o cimo, o seu peso fazia-a retroceder e a acintosa pedra rolava de novo para a planície. Então esforçava-se por transportá-la outra vez e o suor escorria de seus membros e erguia-se o pó acima de sua cabeça.

Vi depois o potente Heracles, quer dizer, a sombra dele, pois a sua pessoa goza de banquetes na companhia dos deuses imortais e está na posse de Hebe, de lindos pés, a filha do grande Zeus e de Hera, a das sandálias de oiro. À sua volta ouvia-se o alarido dos mortos, como de aves, que de toda a parte fugiam espantados; e ele, semelhante à noite negra, com o arco desnudo na mão e uma seta sobre a corda, lançava um olhar terrível em redor, sempre na atitude de quem dispara. O horrível talabarte, que tinha em volta do peito, era uma faixa de oiro, onde havia lavores admiráveis: ursos, javalis, leões de fulgentes olhos, lutas, combates, carnificinas e mortandades. O próprio artista que empregou o seu engenho na execução deste talabarte não seria capaz de fazer outro como ele.

Reconheceu-me Heracles, apenas pôs seus olhos em mim e, lamentando-se, disse-me estas aladas palavras: «Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Ai, infeliz! Sem dúvida, tu sofres um destino funesto, como o que eu sofri aos raios do sol. Zeus, filho de Cronos, era meu pai, mas, apesar disso, suportei aflições infinitas, por ter sido subjugado por um homem muito inferior a mim, o qual me impôs trabalhos dificultosos.

Um dia enviou-me aqui a buscar o cão, porque não supunha que houvesse trabalho mais difícil para mim do que este; todavia eu, guiado por Hermes e por Atena de olhos brilhantes, levei-o e conduzi-o para fora do Hades.»

Dito isto, partiu de novo para dentro da morada do Hades; e eu permaneci ali firme, na esperança de que ainda viesse algum dos heróis, que pereceram outrora. E certamente poderia ter visto ainda os antigos varões que desejava ver, Teseu e Piritou, gloriosos filhos dos deuses; mas, reunindo-se antes disso uma inumerável multidão de mortos com uma gritaria medonha, apoderou-se de mim o pálido medo, não sucedesse que a ilustre Perséfona me enviasse do Hades a cabeça do monstro horrível, de Górgona. Ordenei então imediatamente aos companheiros que regressassem à nau e que, depois de embarcarem, soltassem as amarras. Eles entraram logo para dentro e tomaram lugar nos bancos dos remadores. E a onda da corrente levava a nave pelo rio Oceano, primeiro com ajuda dos remos, e depois com a duma favorável brisa.

---

1. *o cão*. *Cérbero*, o cão de muitas cabeças, que guarda o Hades.

RAPSÓDIA XII

Sereias, Cila, Caribdes, vacas de Hélios

Logo que a nave, tendo deixado a corrente do rio Oceano, chegou às ondas do mar de vastos rumos e à ilha de Eeia, onde a Aurora que nasce ao amanhecer tem sua habitação e os terreiros das danças, e Hélios enceta o seu curso, então nós, aportando sobre a areia, saímos para fora na ressaca e deitámo-nos a dormir, à espera da brilhante Aurora. Mas, quando apareceu a madrugada Aurora de róseos dedos, eu enviei os meus companheiros ao palácio de Circe, em busca do cadáver de Elpenor. Em seguida, depois de cortarmos pedaços de madeira, queimámo-lo, onde a costa mais se elevava, ao mesmo tempo que derramávamos, entristecidos, copiosas lágrimas. Apenas o cadáver tinha sido queimado com as armas do defunto, erigimos-lhe um túmulo com uma coluna sobreposta e no cimo da coluna pusemos um remo de fácil manejo.

Enquanto nos ocupávamos destas coisas, Circe, que não desconhecia a nossa chegada do Hades, apressou-se a vir ter connosco, trazendo-nos, em companhia de suas criadas, pão, grande abundância de carne e rutilante vinho tinto. A deusa preclara, estando no meio de nós, disse: «Infelizes, que em vida baixastes à casa de Hades, morrendo assim duas vezes, quando os outros homens morrem só uma! Mas, vá! tomai alimento e bebei vinho, durante todo este dia. Quando, porém, despontar o dia, fareis viagem; e eu mostrar-vos-ei o caminho e darei todas as indicações, para que não venhais

a sofrer trabalhos, no mar ou na terra, por uma dolorosa conjura.»

Isto disse ela; e o nosso generoso ânimo deixou-se persuadir. Assim, pois, durante todo o dia, até ao pôr do sol, estivemos assentados a banquetear-nos com a grande abundância de carne e com saboroso vinho; mas, logo que se pôs o sol, e a noite sobreveio, os companheiros deitaram-se junto das amarras da nau. A deusa, porém, tomando-me pela mão, fez-me assentar longe deles e, reclinada à minha beira, informou-se de tudo; e eu respondi-lhe, como convinha. Então a veneranda Circe disse-me estas palavras: «Foi, portanto, assim que se realizaram essas coisas todas. Agora escuta o que te vou dizer e que um deus depois te há-de recordar.

Encontrarás primeiro as Sereias, que encantam a todos os homens que se aproximam delas. Aquele que, sem saber, se avizinhar delas e lhes ouvir a voz, esse não voltará a casa, nem a mulher e os inocentes filhos o rodearão alegres; mas será encantado pelo sonoro canto das Sereias, que estão assentadas num prado, tendo em volta um grande monte de ossos de homens em putrefacção, cujas peles vão desaparecendo. Passa de lado e tapa os ouvidos dos teus companheiros com melíflua cera amolecida, para que nenhum deles as oiça. Mas tu ouve-as, se quiseres, depois de te prenderem na ligeira nave os pés e as mãos, estando direito, junto ao mastro, e de teres sido ligado com cordas a ele, para que te possas deleitar a ouvir a voz das Sereias. Se, porém, pedires e ordenares aos companheiros que te soltem, prendam-te então com mais ligaduras ainda.

Depois que eles tiverem passado pelas Sereias, não te direi com clareza qual de dois caminhos

deverás seguir; decide-o tu próprio em teu coração, que eu só quero falar-te a respeito dum e doutro. Dum lado erguem-se impendentes rochas, contra as quais a onda de Anfitrite, de negros olhos, se arremessa com bramido trovejante e a que os bem-aventurados deuses chamam «Planctas». Por elas não passam as aves, nem sequer as tímidas pombas, que levam a ambrósia ao Pai Zeus. Sempre que estas por aí voam, a rocha lisa arrebata uma, mas o Pai envia outra para preencher o número. Nenhuma nave que chega aqui pode escapar, porque as ondas e as procelas de pernicioso fogo levam juntamente as tábuas das embarcações e os corpos dos tripulantes. Das naus que atravessam o mar, só esta conseguiu ir além: foi a Argo, que todos celebrám, no seu regresso de Eetes; e também essa seria lançada contra os grandes rochedos, se Hera, por amor de Jasão, a não fizesse passar.

Adiante há dois escolhos, dos quais um toca o vasto céu com seu pico agudo e é envolvido pelas nuvens negras. Estas nunca o abandonam, nem jamais em volta dele é sereno o céu, tanto de Verão como no Outono; e um homem mortal não poderia subir ou baixar por ele, ainda que tivesse vinte mãos e vinte pés, pois, de tão lisa que é, parece polida. Ao meio do escolho há uma sombria caverna, voltada para o ocaso, na direcção do Érebo, para onde vós, preclaro Ulisses, deveis dirigir a côncava nave. Um homem robusto que disparasse uma seta

---

6, *Planctas*. Quer dizer: *contra as quais tudo se quebra*. Outros vêem no termo um radical que significa — *andar errante* e traduzem: as *Errantes*.

com o arco, desde a sua nau, não seria capaz de atingir essa profunda gruta.

Aí dentro habita Cila, a horrível vociferadora. É tal qual a duma cadela nova a voz desse monstro maldito, que ninguém se alegraria de ver, ainda que fosse um deus quem a encontrasse. Tem doze pés, todos disformes, e seis desmesurados pescoços, cada um dos quais termina numa cabeça medonha, provida de três séries de dentes muito juntos e abundantes, cheios da negra morte. Metade do seu corpo mergulha na concavidade da gruta; estende só as cabeças para fora daquele horrendo abismo e, espiando com avidez em redor do escolho, pesca dali delfins e cães do mar e, se adrega, apanha também algum monstro maior, dos inumeráveis que alimenta a rugidora Anfitrite. Nunca marinheiros que por ali passassem se gloriaram de lhe fugir ilesos em sua nau, pois ela com a cabeça arrebata todos os homens e leva-os da nave de escura proa.

Quanto ao outro escolho, hás-de ver, Ulisses, que é mais baixo. Ele está perto do primeiro e poderias atingi-lo com uma seta. Encontra-se aí uma grande figueira brava de verde folhagem, debaixo da qual a preclara Caribdes absorve a água escura. Três vezes por dia expele-a para fora e outras três volta a absorvê-la, dum modo horrível. Não estejas lá durante a absorpção da água, porque nem mesmo o Sacudidor da terra te poderia salvar da morte. Guia antes a nau, navegando a todo o pano, por junto do escolho de Cila, porquanto é muito melhor que sejas privado de seis companheiros do que deles todos.»

Depois de Circe assim falar, eu disse-lhe em res

posta: «Ó deusa, declara-me sinceramente se, caso escapasse da funesta Caribdes, me poderia defender de Cila, quando me quisesse arrebatar os companheiros.»

Assim falei; e a deusa preclara retorquiu-me imediatamente: «Tu pensas, infeliz, em obras e trabalhos bélicos! Não quererás ceder nem mesmo perante os deuses imortais? Cila não é mortal; é uma praga que não morre, terrível, dolorosa e feroz, contra quem não se pode lutar, nem há defesa possível. O melhor é fugir dela. Se com tuas armas demorares por muito tempo ao pé da sua rocha, receio que ela, arremetendo de novo contra ti, te alcance com todas as suas cabeças e te arrebate outros tantos homens. Navega, pois, a toda a velocidade e implorando o auxílio de Cratéis, a mãe de Cila, que deu aos mortais um tal flagelo, porque ela a impedirá de te acometer de novo.

Chegarás depois à ilha de Trinácia, onde pastam em grande número as vacas e as ovelhas gordas de Hélios: sete manadas das primeiras e outros tantos bonitos rebanhos das segundas, cada um com cinquenta cabeças. Elas não se reproduzem nem morrem; e são deusas as suas pastoras, as ninfas de belas tranças, Faëtusa e Lampétia, que a preclara Neera teve de Hélios Hipérion. A veneranda mãe, depois de as dar à luz e ter criado, deixou-as em Trinácia, para aí, nessa longínqua ilha, guardarem as ovelhas do pai e as vacas de patas volteantes. Se as deixardes ilesas e tratardes do regresso, posto que sofrais trabalhos, ainda chegareis a Ítaca; mas, se lhes fizerdes mal, então anuncio a tua ruína, a da nau e a dos teus companheiros. E, se bem que tu te salves, todavia chegarás tarde

à terra pátria e depois duma viagem má e de teres perdido os companheiros.»

Assim falou ela; e a Aurora de áureo trono não se fez esperar. Então a deusa preclara afastou-se para o interior da ilha e eu ordenei aos companheiros que fossem para a nau e que, depois de embarcarem, soltassem as amarras. Eles entraram logo para dentro e tomaram lugar nos bancos dos remadores, onde, assentados por ordem, feriram com os remos o mar pardacento. Atrás da nau de escura proa, Circe, a poderosa deusa de belas tranças e dotada de voz humana, enviou-nos a monção, boa companheira de viagem, que enfunava as velas. E, postos em ordem todos os aparelhos, assentámo-nos pela nave, que o vento e o piloto dirigiam. Mas eu, de coração triste, disse aos companheiros:

«Meus amigos, não basta sejam conhecidos apenas por um ou dois de nós os oráculos que Circe, a deusa preclara, me revelou; eu quero comunicá-los a todos para que os saibais; quer venhamos a perecer, quer nos salvemos da morte e do destino. Ordena-nos ela primeiramente que evitemos as Sereias de voz divina e o seu prado florido. Aconselhou que só eu as ouvisse; mas atai-me com fortes ligaduras, para que permaneça ali firme, de pé, junto ao mastro, ao qual me deveis prender com boas cordas. Caso, porém, eu vos peça ou vos mande que me ponhais em liberdade, então ligai-me com mais laços ainda.»

Enquanto eu falava, declarando isto aos companheiros, a nave bem construída chegou célere à ilha das Sereias, pois que aragem próspera a im-

pelira. Nesse momento cessou a brisa e a calmaria sobreveio, tendo uma divindade adormecido as ondas. Então os meus companheiros levantaram-se e enrolaram as velas, que depuseram na côncava nave; em seguida, assentando-se de novo, faziam espumar a água com os bem aplainados remos de abeto. Mas eu, depois de cortar com o afiado bronze uma grande rodela de cera em pequenos pedaços, pus-me a apertá-los entre os dedos fortes; imediatamente a cera tornou-se branda, devido à grande força e ao brilho do rei Hélios, filho de Hipérion, e eu tapei com ela os ouvidos a todos os companheiros, a cada um por sua vez. A mim, porém, eles prenderam-me as mãos e os pés, estando direito, junto ao mastro, e ligaram-me a este com cordas; depois, assentados, feriram com os remos o pardacento mar.

Quando estávamos a tal distância, que alguém, gritando, se poderia fazer ouvir, a nau veloz, que navegava perto com toda a força, não passou despercebida às Sereias. Elas começaram este sonoroso canto: «Aproxima-te daqui, ó célebre Ulisses, glória ilustre dos Aqueus! Detém a nau, para escutares a nossa voz! Jamais alguém por aqui passou em escura nave que não escutasse a melíflua voz que sai de nossas bocas; mas só partiu, depois de se ter deleitado com ela e de ficar a saber mais coisas, pois que nós conhecemos tudo quanto, por vontade dos deuses, Argivos e Troianos sofreram na vasta Tróia, bem como o que sucede na terra fecunda.»

Assim falaram elas, deixando escutar sua doce voz; e, como o meu coração sentisse vontade de as ouvir, mandei aos companheiros que me soltas-

sem, fazendo-lhes sinal com as sobrancelhas; mas eles inclinavam-se para diante e remavam. Imediatamente, levantando-se Perímedes e Eurílоco, cingiram-me com novas ligaduras e apertaram-me ainda mais os laços. Quando, porém, já tínhamos passado as Sereias e não ouvíamos mais a sua voz e o seu canto, os meus queridos companheiros tiraram logo as rolhas de cera com que lhes tapara os ouvidos, e a mim tiraram-me as cordas.

Apenas deixámos esta ilha, distingui, sob a cerração do ar, gigantescas vagas e percebi-lhes o estampido. Das mãos dos assustados companheiros saltaram os remos e caíram todos com um ruído surdo na corrente; e a nau ficou ali parada, porque eles não trabalhavam mais com os remos afiados. Então corri pela nave e animei os companheiros com estas palavras brandas, aproximando-me de cada um deles: «Meus amigos, nós temos experiência do infortúnio; e, por certo, o mal que nos ameaça agora não há-de ser maior do que quando o Ciclope nos encerrou, servindo-se de sua grande força, dentro do antro fundo. Todavia conseguimos fugir dali por meu valor, conselho e prudência, como, segundo creio, vos recordareis. Eia! obedecei agora todos ao que vou dizer. Vós, assentados nos bancos, ferí com os remos a profunda onda do mar; pode ser que Zeus permita que fujamos e nos salvemos da morte. Mas tu, piloto, pois que diriges o leme da côncava nau, guarda em teu espírito esta ordem que te dou. Afasta-a desse vapor e das ondas e procura aproximá-la do escolho, não suceda que ela se lance além, sem dares conta, e nos ponhas a todos em perigo.»

Assim falei; e eles obedeceram logo às minhas

palavras. Mas não lhes disse nada a respeito de Cila, praga inevitável, para que os companheiros, de medo, cessando de remar, não se conservassem fechados dentro da nau. Eu, porém, esqueci-me então da ordem penosa de Circe, que me tinha recomendado que não me armasse; e, vestido de minha gloriosa armadura e com duas compridas lanças na mão, subi à coberta da proa, donde esperava ver a moradora da rocha, apenas se manifestasse: Cila, que era ruína de meus companheiros. Mas não foi possível descobri-la, por mais que espertasse os olhos, espiando o brumoso rochedo por todos os lados.

Navegámos, pois, ao longo do estreito, lamentando-nos por termos a um lado Cila e do outro a ilustre Caribdes, que absorvia a água salgada, dum modo horrível. Quando a vomitava, revolvia-a toda, bramindo e espumando, como uma caldeira sobre uma grande labareda, e, no alto, a espuma caía sobre o pico de ambos os escolhos. Mas, depois de engolir a água salgada, aparecia no interior toda revolvida e o rochedo bramava horrìvelmente, mostrando em baixo o fundo negro com areia, pelo que se apoderou de todos o pálido medo.

Enquanto nós contemplávamos a Caribdes com receio da morte, Cila arrebatou-me da côncava nau seis companheiros, os melhores de braços e em força. Ao erguer eu os olhos para a ligeira nave e para os companheiros, percebi então os pés e os braços dos que tinham sido levantados ao ar, os quais, na angústia de seu coração, clamavam por mim, pronunciando o meu nome, pela última vez. Do mesmo modo que o pescador lança ao mar um

chifre de boi agreste, ao atirar, da extremidade dum rochedo, com a sua comprida vara, a isca para atrair os pequenos peixes, e apenas se prende algum, o puxa palpitante para terra — assim os meus companheiros, debatendo-se, eram levados para as rochas; e ali, à porta de sua caverna, Cila devorava-os, enquanto davam gritos e estendiam para mim seus braços, naquela luta horrível. De tudo quanto sofri, a investigar as vias marítimas, foi esse o mais lamentoso espectáculo que meus olhos viram.

Depois de fugirmos daqueles rochedos, da terrível Caribdes e de Cila, chegámos em breve à encantadora ilha do deus, onde estavam as belas vacas de cabeça larga e as numerosas, gordas ovelhas de Hélios Hipérion; ao ouvir do mar, de dentro da escura nau, o mugido das vacas, encerradas ao ar livre, e os balidos das ovelhas, recordou-se então meu espírito das palavras do cego adivinho, do tebano Tirésias, e de Circe de Eeia, a qual me recomendou com muita insistência que evitasse a ilha de Hélios que deleita os mortais. E, de coração aflito, disse aos companheiros: «Amigos, apesar dos trabalhos que sofreis, ouvi as minhas palavras, para que vos revele os vaticínios de Tirésias e da Circe de Eeia, a qual me recomendou com muita insistência que evitasse a ilha de Hélios que deleita os mortais, porque, segundo afirmou, suceder-nos-ia lá o mal mais terrível. Conduzi, pois, a escura nau, deixando a ilha de lado.»

1, *o chifre*, em cuja ponta estava fixo o anzol, era destinado a proteger a linha, para que os peixes a não cortassem. Alguns antigos, em vez de chifre, interpretaram: *pêlos de boi*.

Assim falei; e a eles confrangeu-se-lhes o coração. Euríloco, porém, respondeu-me logo com estas palavras terríveis: «Ês cruel, Ulisses! Como és robusto e não sentes a fadiga nos membros, julgas que todos são de ferro, e não permites aos companheiros, alquebrados de cansaço e pelo sono, pôr pé nesta terra, na ilha batida das ondas, onde prepararíamos uma ceia deliciosa; antes ordenas-lhes que, através da noite súbita, vão errantes para longe da ilha, pelo mar brumoso. De noite levantam-se molestos ventos que são a perdição das naves. Como escaparíamos nós a uma morte cruel, se de repente sobreviesse a tempestade do Noto ou do Zéfiro violento, useiros em preferir o destroço duma nau até à própria vontade dos deuses soberanos? Quem manda agora é a escura noite! Preparemos a ceia na rápida nau. De manhã, depois de nos levantarmos, far-nos-emos à vela para o vasto mar.»

Assim falou Euríloco, com o assentimento dos outros companheiros. Então eu, entendendo que uma divindade meditava males contra nós, dirigi-lhe estas impetuosas palavras: «Euríloco, vós violentais-me certamente por eu estar só. Mas eia! prestai-me todos solene juramento de que, se encontrarmos uma manada de vacas ou um grande rebanho de ovelhas, nenhum de vós, por funesta temeridade, matará uma delas; e de que comereis, sossegados, o alimento que a imortal Circe nos deu.»

Assim lhes disse; e eles juraram logo, conforme

---

9. *noite súbita*. Isto é: que sobrevém de repente, sem ser precedida do crepúsculo, como sucede nas regiões equatoriais.

eu ordenara. Apenas tinham jurado e concluído o seu juramento, fundeámos a bem construída nau num porto que entrava muito na costa, perto duma fonte de água doce. Então os meus companheiros, tendo desembarcado, prepararam cuidadosamente a ceia. Mas, depois de satisfazerem a vontade de beber e de comer, lembrando-se dos que tinham sido arrebatados da côncava nau e devorados por Cila, puseram-se a chorar.

Entretanto chegou o sono e ficaram-se a dormir. Quando a noite ia na sua terceira parte e os astros já se inclinavam para o ocaso, Zeus, amontoador das nuvens, suscitou um impetuoso vento, um furacão terrível, e terra e mar foram envoltos em nuvens. Então a noite baixou do céu. Mas, quando apareceu a filha da madrugada, a Aurora de róseos dedos, nós ancorámos a nau, tendo-a levado para uma profunda gruta, onde as ninfas tinham os belos terreiros das danças e os seus assentos. Nessa ocasião, reuni a campanha e falei-lhe assim: «Amigos, visto haver na ligeira nau comida e bebida, abstenhamo-nos de tocar nas vacas, receosos de que nos suceda alguma desgraça, porque este gado, bem como as nédias ovelhas, são dum deus terrível, de Hélios, que tudo vê e tudo escuta.»

Assim lhes disse; e seu ânimo generoso deixou-se convencer. Durante um mês inteiro o Noto soprou incessantemente, sem que outros ventos sobreviessem além do Euro ou do Noto. E os meus companheiros, enquanto tiveram mantimentos e vinho tinto, abstiveram-se de tocar nas vacas, desejosos de conservar a vida. Quando, porém, as provisões da nau se acabaram, foram obrigados a correr atrás

de aves ou do que aparecesse, e a deitar anzóis aos peixes, pois que a fome afligia o estômago. Então eu afastei-me para o interior da ilha a rezar aos deuses, na esperança de que algum me mostraria o caminho da pátria. Depois de ter andado através da ilha, alongando-me dos companhieros, num lugar ao abrigo do vento lavei as mãos e elevei minha prece a todos os deuses, moradores do Olimpo, que me infundiram nas pálpebras um brando sono.

Entretanto Eurílоco, começou a dar aos companheiros um mau conselho: «Amigos, apesar dos trabalhos que sofreis, ouvi minha palavras. Aos infelizes mortais são penosos todos os géneros de morte; mas nada há mais doloroso do que morrer à fome e acabar desta maneira o seu destino. Animai-vos, tomemos as melhores vacas de Hélios e ofereçamos um sacrifício aos imortais, que habitam no amplo céu. E, se chegarmos a Ítaca, à terra pátria, construiremos um templo sumptuoso a Hélios Hipérion, no qual havemos de pôr muitas estátuas belas. Se ele, porém, irritado por causa das vacas de direitos cornos, quiser, com a anuência dos outros deuses, que a nau sossobre, prefiro perder a vida duma só vez, tragado pelas ondas, a morrer aos poucos, durante longo tempo, nesta ilha deserta.»

Assim falou Eurílоco com aprovação dos outros companheiros. Imediatamente tomaram as melhores vacas de Hélios, que andavam perto, — pastavam a pouca distância da nau de escura proa as belas vacas cabeçudas e de volteantes patas — e, rodeando-as, iam orando aos deuses, depois de cortarem folhas tenras dum carvalho de alta copa,

porque na nau de boa coberta já não havia cevada branca. Depois da oração e de as terem degolado e esfolado, cortaram-lhes as coxas e envolveram-nas numa dupla camada de gordura, sobre que colocaram, enfim, pedaços de carne. Como não tinham vinho, para derramar sobre o holocausto, fizeram libações com água, ao mesmo tempo que assavam todas as vísceras. Logo que as coxas foram queimadas e comidas as entranhas, esposte-jaram a outra carne e levantaram as postas em espetos.

Nesse tempo, o doce sono deixou as minhas pálpebras e encaminhei-me para a nau ligeira e para a praia do mar. Quando já estava perto da nave movida a remos de ambos os lados, envolveu-me então o aroma quente da gordura e, por entre suspiros, clamei aos deuses imortais: «Pai Zeus e demais bem-aventurados deuses sempiternos! Para minha perdição, sem dúvida, vós fizestes-me dormir um cruel sono. Os meus companheiros, enquanto eu estive ausente, meditaram um crime monstruoso.»

Não tardou que Lampétia de longo peplo fosse denunciar a Hélios Hipérion que nós lhe tínhamos comido as vacas. E ele imediatamente, de coração aceso em ira, falou assim aos imortais: «Pai Zeus e demais bem-aventurados deuses sempiternos! Puni os companheiros de Ulisses, filho de Laertes, que tiveram a petulância de matar as minhas vacas, nas quais me comprazia, ao subir para o estrelado céu e quando de novo do céu baixava à terra. Se eles não padecerem o devido castigo pelas vacas roubadas, descerei à morada do Hades, a iluminar os mortos.»

Replicou-lhe Zeus, o Amontoador das nuvens:
«Ó Hélios, continua a alumiar os imortais e os homens perecedouros sobre a terra fecunda que eu em breve ferirei com o fúlgido raio a sua nau ligeira, fazendo-a em lascas no mar vinhoso.»

Isto ouvi-o eu a Calipso de bela cabeleira, a quem o mensageiro Hermes o contara, segundo ela o afirmou.

Depois que cheguei à nau e ao mar, repreendi os meus companheiros, aproximando-me de cada um deles; mas não nos era possível encontrar remédio algum: já as vacas estavam mortas. Em breve os deuses mostraram certos prodígios aos criminosos: as peles serpeavam e as carnes nos espetos mugiam, tanto as assadas com as cruas, com uma voz semelhante à das vacas.

Durante seis dias, os meus queridos companheiros banquetearam-se, tomando as melhores vacas de Hélios; quando, porém, Zeus, filho de Cronos, nos enviou o sétimo, então o vento deixou de bramir perdendo a violência tempestuosa e nós, embarcando logo, navegámos pelo vasto mar, depois de erguermos o mastro e içarmos as brancas velas. Tendo nós deixado a ilha e não se vendo nenhuma terra, mas ùnicamente céu e água, o filho de Cronos fez aparecer uma nuvem sombria por cima da côncava nave, com a qual obscureceu o mar.

Não correu por longo tempo a nau, porque veio de súbito o Zéfiro bramindo, desencadeado em violenta procela; e um turbilhão de vento quebrou ambas as cordas do mastro, que caiu para trás, e arrojou com os aparelhos todos ao esgoto. O mastro, porém, ao cair na popa da nau, bateu na cabeça do piloto, cujos ossos foram quebrados duma só vez; e este

caiu da coberta como um acrobata e o seu generoso ânimo abandonou-lhe os ossos. Ao mesmo tempo, Zeus fez ribombar o trovão e despediu um raio contra a nau, que estremeceu toda e se encheu de exalações de enxofre; e os meus companheiros foram arremessados da nave escura e andavam em volta dela à mercê das ondas, semelhantes a gralhas marinhas, sendo por um deus privados do regresso à pátria.

Quanto a mim, andava pela nau, até que o embater das vagas lhe separou os flancos da quilha; e esta corria solta na dança das ondas. O mastro, quando foi arrancado, levava presa na base uma tira de coiro de boi; com ela amarrei a quilha e o mastro, pus-me em cima e deixei-me levar pelos funestos ventos.

Então o Zéfiro deixou de soprar com a violência de tempestade e em breve se levantou o Noto, que havia de causar aflições ao meu coração, fazendo-me passar segunda vez pela perniciosa Caribdes. Durante toda a noite andei sem rumo; ao nascer do sol, porém, cheguei ao escolho de Cila e à terrível Caribdes. Esta absorvia a água do mar; mas eu, lançando as mãos à grande figueira brava, fiquei agarrado a ela, como um morcego, sem contudo topar coisa em que firmasse os pés, nem me poder tão-pouco alar acima, porquanto as raízes estavam longe e não era capaz de chegar aos grossos e compridos ramos que davam sombra a Caribdes. Conservei-me, por isso, agarrado, até que ela vomitasse de novo o mastro e a quilha, que vieram, enfim, conforme o meu desejo. Ao tempo em que o juiz se ergue para ir da ágora para a ceia, depois de julgar muitas causas de litigantes, foi que os

madeiros apareceram em Caribdes. Desprendi-me então e malhei com estrondo no meio do estreito, junto do mastro e da quilha; assentando-me depois sobre eles, pus-me a remar com ambos os meus braços. O pai dos homens e dos deuses não permitiu que Cila me visse; aliás não escaparia à morte cruel.

Partindo dali, andei errante durante nove dias; e, na décima noite, os deuses levaram-me para a ilha de Ogígia, onde mora Calipso de belas tranças, a poderosa deusa dotada de voz humana, que me deu bom acolhimento e tratou de mim. Mas porque contar-te o resto? Eu já ontem o disse no palácio a ti e à tua esposa; e não gosto de repetir coisas que foram já expostas com toda a clareza.

FIM DO VOLUME I

INDICE DO VOLUME I

		Página
Rapsódia	I — Assembleia dos Deuses. Exortação de Atena a Telémaco	1
»	II — Assembleia dos Itacenses. Viagem de Telémaco	19
»	III — Telémaco em Pilos	35
»	IV — Telémaco em Lacedemónia	55
»	V — A jangada de Ulisses	87
»	VI — Chegada de Ulisses ao país dos Feácios	105
»	VII — Entrada de Ulisses no palácio de Alcínoo	117
»	VIII — Apresentação de Ulisses aos Feácios	131
»	IX — Narrações de Ulisses. Ciclopeia ...	153
»	X — Acerca do Éolo, dos Lestrigões e da Circe	175
»	XI — Evocação dos mortos	197
»	XII — Sereias, Cila, Caribdes, vacas de Hélios	221

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA